

**TIAGO MANUEL DE MELO BENTO**

**GUIÃO CINEMATOGRAFICO**  
***FELIZ ANIVERSÁRIO***

**Orientador: Professor Doutor Paulo Renato da Silva Gil Viveiros**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**  
**Escola de Comunicação, Arquitectura, Artes e Tecnologias da**  
**Informação**

**Lisboa**

**2019**

**TIAGO MANUEL DE MELO BENTO**

**GUIÃO CINEMATOGRAFICO**  
***FELIZ ANIVERSÁRIO***

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 23/10/2019, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º: 240/2019, de 30 de Setembro, para obtenção do grau de mestre no curso Mestrado em Estudos Cinematográficos perante o júri com a seguinte composição:

Presidente: Professor Doutor Manuel José Carvalho Almeida  
Damásio (ULHT)  
Arguente: Prof. Doutor António Camões Gouveia (FCSH/UNL)  
Orientador: Professor Doutor Paulo Renato da Silva Gil Viveiros  
(ULHT)  
Vogal: Professor Doutor Luís Cláudio dos Santos Ribeiro (ULHT)

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**  
**Escola de Comunicação, Arquitectura, Artes e Tecnologias da**  
**Informação**

**Lisboa**

**2019**



A história é este modo de experiência comum onde as experiências se equivalem e onde os signos de qualquer uma delas são capazes de exprimir todas as outras.

Jaques Rancière

**A minha irmã**

**Sandra**

## **AGRADECIMENTOS**

A realização deste trabalho só foi possível com o apoio dos meus pais, que de uma forma persistente e incansável oferecem a sua amizade e crédito apesar de todos os saltos “no escuro” com a ansiedade natural que acarretam estes movimentos.

A minha companheira, Ana. Companheira sine qua non para todos os meus projectos e alegria de viver.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Professor Doutor Paulo Viveiros, pelo brio, carácter e bondade com que desempenhou as funções que aceitou cumprir, só eventualmente ofuscados pela incompletude que resulta das minhas próprias incapacidades.

## RESUMO

Trabalho de Projecto para Mestrado em Estudos Cinematográficos de que resultou um Guião Cinematográfico denominado *Feliz Aniversário*. Uma história de amor entre duas personagens que termina em virtude dos acontecimentos políticos em Portugal decorria o ano de 1975 durante o período que ficou denominado como “Verão Quente de 75.”

A relação entre Cinema e História apresentando o cinema como uma fonte histórica que embora só recentemente seja assim considerado como tal, cada vez mais se afirma nesse sentido e a análise de alguns filmes de ficção criados sobre um fundo de história como o *Couraçado de Potemkine* e *O Nascimento de uma Nação*.

*Feliz Aniversário* teve como base o estudo da imprensa regional e nacional da época, as comunicações telegráficas no seio da diplomacia norte-americana, a história familiar do seu autor e uma pesquisa bibliográfica relacionada com o tema. Surge como um contributo para a análise do período histórico que lhe serve de pano de fundo e aumenta o acervo cinematográfico português no que ao tema em destaque concerne.

Palavras chave: Cinema e Política, FLA, Açores nos Filmes, Verão quente de 75, Cinema e História.

## **ABSTRACT**

Project work for the Master in Cinematographic Studies from which resulted the script: *Feliz Aniversário*. A love story between two characters that ends due to the political events in Portugal during the period that was called “Verão Quente of 75.”

The relationship between film and history showing the film as a historical source that although only recently is considered as such, more and more states its importance in that sense, and the analysis of fiction films created on a background of history as the *Battleship of Potemkin* and *The Birth of a Nation*.

*Feliz Aniversário* was based on the study of the regional and national press at the time, telegraph communications within the American diplomacy, the family history of its author and a bibliographical research related to the theme. Emerges as a contribution to the analysis of the historical period that forms its background and increases the Portuguese film collection in the featured topic concerns.

Key words: Film and Politics, FLA, Azores in Films, Verão Quente of 75, Cinema and History.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO 1 – Do Cinema.....</b>	<b>8</b>
1.1 – O Filme como Fonte Histórica.....	11
1.2 – Filmes de Ficção sobre um Fundo de História.....	13
1.3 – História Ficcionalada é História? <i>O Couraçado de Potemkine e Nascimento de uma Nação</i> .....	14
<b>CAPÍTULO 2 - ...E Da História.....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 3 – Feliz Aniversário.....</b>	<b>21</b>
3.1 – Aproximação Estética.....	21
3.2 - Da Narrativa e dos Diálogos.....	22
3.3 – Nota de Intenções.....	24
3.4 – Sinopse Alargada.....	26
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>28</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>29</b>
<b>ANEXOS</b>	
<b>Guião.....</b>	<b>I</b>
<b>Caracterização das Personagens.....</b>	<b>II</b>
<b>Anexo Fotográfico.....</b>	<b>III</b>
<b>Comunicações entre o Consulado dos Estados Unidos em Ponta Delgada, a Embaixada Norte Americana em Lisboa e o Departamento de Estado em Washington durante o ano de 1975.....</b>	<b>IV</b>

## INTRODUÇÃO

O motivo condutor deste trabalho foi a criação de um guião cinematográfico com o título *Feliz Aniversário*. Era uma ideia antiga, a história que queria contar: Roberto e Márcia, um casal de jovens namorados, crescidos e criados na ilha de S.Miguel nos Açores, que são separados no contexto do “Verão Quente” de 1975, em virtude das opções ideológicas dos seus progenitores, e do conflito violento na comunidade onde vivem. Era preciso depurar a narrativa e adequá-la a uma forma estética que a valorizasse.

Com esta tarefa em mente, foi preciso revisitar a história do cinema e alguns dos seus períodos marcantes, não de um ponto de vista teórico, mas como referência estética para o que nos propúnhamos — a escrita de um guião —, que é a parte essencial deste trabalho de mestrado. Assim, a nossa investigação primária era a de rever ao longo da história do cinema as articulações entre estética e narrativa, para nos decidirmos sobre a melhor opção em relação à nossa história. Desde início, tínhamos uma história com uma estrutura narrativa em três actos (ordem, desordem e ordem restabelecida), característica básica da narrativa clássica de Hollywood. Esta estrutura potencializou a narrativa do cinema, enquanto base estrutural de organização da experiência humana da temporalidade, (ordem, sequência, transformação, duração), cujo sucesso junto do público devido ao poder de circulação do cinema norte-americano, serviu de receita para a cinematografia mundial, gerando um poder associado ao lucro e a posições ideológicas. O *storytelling* enfraqueceu outras vias de exploração narrativa não lineares, ou que quebravam a lógica de causalidade que tanto apreciamos e praticadas por diversos movimentos estéticos da história do cinema com os quais nos identificamos. Como dizia Godard nos tempos áureos da *Nouvelle Vague*, todos os filmes têm um princípio, meio e fim, mas não necessariamente por esta ordem.

Não obstante, porque da feitura de um guião cinematográfico se tratava, na elaboração deste trabalho foi incontornável o estudo dos três grande pilares teóricos da estrutura clássica adoptada pelo cinema americano: Aristóteles e a sua obra *Poética*, Josepf Campbell e a sua *Viagem do Escritor: Estrutura Mítica para*

*Guionistas* (analisado e simplificado por Christopher Vogler) e Syd Field com o seu *Manual para Guionistas*.

Após a leitura destas obras tornaram-se evidentes as incongruências com o que pretendíamos, e em parte tínhamos escrito, e o que resulta dos ensinamentos daqueles autores. A começar pelo facto de não termos um personagem principal, um protagonista, mas dois. De um dos protagonistas não ter um objectivo “claro”, nem ser provido de nenhum ideal humanista, nem um obstáculo “claro” a esse objectivo. Contrariando a máxima de que a acção é a essência do personagem, um dos personagens não agia, de facto era isso que nos interessava nele, ainda que no seu contexto histórico pessoal nada o levasse a essa inércia. Era pura e simplesmente inexplicável ou estaria no seu mundo interior a razão para tal, mas a esse, ninguém teria acesso, nem mesmo o espectador, que só poderia especular. Todavia, temos que reconhecer que ao nosso protagonista vinham as motivações parar “à mesa de café”, o que nos dias de hoje se tornaria difícil defender pelo menos perante os classicistas. Para além destes e de outros elementos que se interponham numa correcta progressão dramática clássica, a divisão numérica paginal, tão cara à indústria cinematográfica norte americana, com as suas peripécias relevantes nas páginas certas, os *turning points* da história, não estariam conforme ao desejável e seria motivo de um indeferimento liminar antes de analisado o mérito ou conteúdo do guião.

De todo o modo, a leitura de outros princípios narrativos, sobretudo resultantes do cinema moderno, levaram-nos à conclusão de que o cinema como forma de arte será sempre uma expressão que ultrapassa o rigor formalista e a alienação que daí pode advir da realidade, verdadeiro manancial de histórias da experiência humana dignas de registo. E porque a estética realista foi por nós escolhida como a forma de contar a história, recorreremos aos ensinamentos de autores como André Bazin e Gerard Betton, a fim de enquadrar teoricamente as nossas escolhas naquela procura.

A nota de intenções no capítulo quatro dará mais informação em relação às opções estéticas e narrativas de Feliz Aniversário.

A relação da história do argumento com os acontecimentos ocorridos em 1975 em Portugal, e especialmente nos Açores, direccionou o trabalho para a vertente cinematográfica dos “filmes de história”. Cinema e história vêm desde há muito juntos no escrever da própria história do cinema. Foi através da História que o cinema contou muitas histórias. Neste sentido, a leitura de Marc Ferro tornou-se



imprescindível pois foi, de entre muitos, um dos autores que melhor explicitou o caminho que o cinema percorreu desde a sua criação até aos dias de hoje em que passa a ser considerado como uma fonte histórica com a legitimidade de tantas outras fontes, fornecendo no visível ou no não visível uma análise histórica das sociedades.

*Feliz Aniversário* é um projecto que usa um contexto histórico (situado no passado, ainda que não há muito tempo) para contar uma história. Uma história de amor e de (des)amor, de superação ou da falta dela, da condição de ilhéu ou da condição humana em pleno PREC (Projecto Revolucionário em Curso). O facto de o cinema português não se ter debruçado suficientemente sobre este momento histórico, pelo menos desta forma, leva-nos a acreditar na importância deste projecto. De facto, são inúmeros os filmes portugueses que, sobre a revolução de Abril, construíram histórias e reflexões, apoiadas em temas como a guerra colonial, as privações à liberdade que a ditadura do Estado Novo impôs, o ambiente vivido nos meses a seguir ao pronunciamento que, com o povo português, se transformou numa revolução, mas poucos são os que se concentraram no ano de 1975, um verdadeiro ano decisor para a história política e social deste país que quase assistiu a uma guerra civil.

## 1. DO CINEMA...

“O Cinema era um lugar. Um território (...) Um mundo sem história mas que passava o seu tempo a contar histórias.”

Jean Luc Godard

Na célebre sessão de 28 de Dezembro de 1895, no salão do Boulevard des Capucines em Paris, um primeiro grupo de espectadores pagantes assistiu, em rebuliço, a um curto programa de filmes exibidos pelos irmãos Lumière, onde constava o famoso filme de um só plano *A Chegada de um Comboio à Estação de La Ciotat*. A chegada deste comboio “trazia consigo o cinema”, que desde então, passou de uma simples atração de feira a um meio global de entretenimento popular que reflecte uma cultura — a linguagem, e a arte vieram depois —, uma forma de garantir o acesso igualitário à mesma, mas que também se tornou num meio eficaz de controlo de massas com um poder de transformação do real assente numa imagem “*terriblement vraie*”<sup>1</sup>.

“A história do cinema é a maior História, porque projecta, enquanto as outras se reduzem a elas próprias”<sup>2</sup>. As palavras são de Jean Luc Godard, autor de *História(s) do Cinema*, uma obra segundo o autor “irrealizável”, para outros obsessiva e melancólica. No filme, o realizador conta a história do cinema, e mostra a essência solitária desta arte e o seu valor testemunhal das outras histórias, afirmando o seu carácter humanista, revelador, dramático e contínuo. “Só o cinema viu que, se cada um fizer o seu trabalho, as massas organizam-se sozinhas segundo um equilíbrio impecável”<sup>3</sup>. Sendo possível através do cinema contar a história humana, registar a arte, a ciência e a história, a responsabilidade do cinema torna-se imensa como instrumento discursivo. Godard, que no seu começo de vida de cinéfilo “não conhecia nada da vida, salvo através do cinema (...)”<sup>4</sup>, anuncia a morte do cinema, já

---

<sup>1</sup> A expressão é de Marc Ferro “O cinema (...) pode ter um efeito corrosivo (...) e, mesmo controlado, um filme testemunha. Noticiário ou ficção, a realidade cuja imagem é oferecida pelo cinema parece terrivelmente verdadeira.” FERRO, Marc (1993). *Cinéma et Histoire*. Paris: Ed.Gallimard. p.39 (tradução nossa)

<sup>2</sup> GODARD, Jean-Luc (entrevista com Serge Daney). “Godard faz História(s)” (1999). Lisboa: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, p.19

<sup>3</sup> Excerto da narração do filme *História(s) do Cinema*. Cap. IV. (Canal + et. al. (Prod.) & Godard (Dir.), 1988-1998)

<sup>4</sup> GUBERN, Roman (1969). *Godard Polémico*. Barcelona: Tusquets Editor, p. 17.

sexagenário, enunciando o “poder corruptível do texto sobre a imagem, o mesmo que procura sociologicamente dominá-la, como na televisão ou na imprensa”<sup>5</sup>. O cinema que não mais é projectado mas sim transmitido, “onde não se vêem planos mas sim palavras, fotografias, publicidade ao invés da imagem bruta, pictoral, de uma mulher que chora, um mendigo que mendiga, uma guerra que massacra”<sup>6</sup>. O cinema falhou para Godard por não ter lutado contra a demagogia e hoje faz parte de uma história que um avô conta aos netos.

De certo modo, Godard sempre foi um cineasta militante, por vezes radical. Apesar do diferimento temporal e do risco da História passar a fábula ou transmissão de avós para netos, acreditamos que, tal como aconteceu com Godard, o cinema é pedagógico. O que nos interessa não é exactamente ao que Godard se refere — a substituição da projecção (cinema) pela transmissão (televisão) operou a passagem do político ao económico —, mas uma reflexão sobre o cinismo, ou melhor, uma espécie de máscara que a faceta política do cinema necessita para chegar a um público mais vasto. Esta é uma leitura subliminar que o espectador poderá ter de *Feliz Aniversário*: é preciso uma história de amor para se falar de um período político marcante na história dos Açores, e ausente na filmografia do cinema português. Por outras palavras, para ser comercial, o cinema precisa da ficção para abordar temas sérios, neste caso a história política dos Açores. Mas, por outro lado, por vezes, é nas pequenas histórias que a história se revela.

Numa perspectiva sociológica, André Bazin explica a fabricação da imagem como uma “necessidade fundamental da psicologia humana: a defesa contra o tempo”.<sup>7</sup> O autor explica nos seus ensaios sobre cinema que através da mumificação e do retrato, a humanidade empreendeu uma luta contra o tempo e a morte desde há muito: “a morte não é senão a vitória do tempo. Fixar artificialmente as aparências carnis do ser é salvá-lo da correnteza da duração”<sup>8</sup>. Enquanto açoriano, também quisemos fixar artificialmente pela ficção esse período que foi o “Verão Quente” de 1975. Bazin também explica que com o decorrer da história das artes plásticas o interesse pela sobrevivência do Homem é relegado para segundo plano. A humanidade levou a fabricação da imagem à “criação de um universo ideal, à imagem

---

<sup>5</sup> CIMENT, Michel (2003). *Petite Planete Cinématographique: 50 Réalisateurs, 40 Ans de Cinema*, 30 Pays Paris : Editions Stock, p.54.

<sup>6</sup> *Ibid*

<sup>7</sup> BAZIN, André (1992). *O que é o Cinema*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 13.

<sup>8</sup> *Ibid*. p. 13.

do real, dotado de destino temporal autónomo.”<sup>9</sup> E, com o surgimento da fotografia, o pintor moderno ficou liberto do “complexo da semelhança” do real, pois a fotografia veio trazer uma objectividade essencial: “A fotografia beneficia de uma transferência da realidade da coisa para a sua reprodução.”<sup>10</sup> O cinema é a consecução no tempo desta objectividade, “pela primeira vez, a imagem das coisas é também a imagem da duração delas”. E com isto o cinema cria a ilusão do real.

Mas para não perder o fio à meada, a nossa referência a Bazin deve-se fundamentalmente à sua preferência por uma estética cinematográfica realista, que consideramos ser a opção certa para *Feliz Aniversário*. Para Bazin e seus seguidores, como Gerard Betton<sup>11</sup>, o cinema revelou desde o seu início uma maior tendência para uma estética realista (com algumas excepções como as vanguardas da década de 1920), ou por outras palavras, para a criação de uma imagem tão perfeita quanto possível da realidade, no que foi auxiliado pelo som e pela cor, pelo plano-sequência, pela profundidade de campo e pela duração do plano ou até mesmo, no plano narrativo, pela inserção na narrativa fílmica de eventos ocorridos de facto na história política ou social da humanidade. Por outro lado, ainda no séc. XIX a câmara começa a documentar eventos e personagens do mundo “em directo” e no início do séc. XX dá-se um dos primeiros actos políticos de relevo filmados quando uma sufragista se suicida debaixo de uma carruagem real. O “cinema de história” foi portanto desde o início do cinema, um dos géneros mais recorrentes na sétima arte seduzindo expressões fílmicas tão díspares como a norte-americana ou a soviética e as suas concepções históricas tão díspares.

---

<sup>9</sup> BAZIN, André (1992). *Op. cit.*, p.14

<sup>10</sup> *Ibid*, p. 19.

<sup>11</sup> BETTON, Gerard (1987). *Estética do Cinema*. São Paulo: Martins Fontes.

## O FILME COMO FONTE HISTÓRICA.

Mais de um século passou após o nascimento do cinema, e é hoje incontornável a importância que o cinema tem no contacto dos indivíduos com a História. Certos filmes, marcos na história do cinema, como são os casos de *O Couraçado Potemkine* de Sergei Eisenstein, ou *Nascimento de uma Nação* de D.W. Griffith são também uma fonte de informação, por vezes única, sobre um determinado acontecimento.

São muitas as polémicas geradas em torno de filmes que usam a História como pano de fundo, sobretudo aqueles em que a memória colectiva ainda reconhece e revive facilmente o contexto em que a ação se desenrola. A relação entre os factos e os factos narrados torna-se ideológica, uma versão ou lado de quem os apresenta. É o que nos lembra João Lopes quando diz “ninguém hesitará em considerar *O Último Imperador*”<sup>12</sup> (realizado por Bernardo Bertolucci em 1987 sobre um período temporal que decorre entre 1906 a 1967) “um filme histórico (...) Ao mesmo tempo, o senso comum resiste a encarar, por exemplo *American Sniper*”<sup>13</sup> (realizado em 2014 por Clint Eastwood sobre um sniper na Guerra do Iraque de 2003 a 2011) como um filme histórico.”<sup>14</sup> O acontecimento ainda é muito recente para que o filme tenha entrado na categoria nos “filmes históricos”.

O cinema como “fonte histórica legítima” está longe de ser um axioma, pese embora, muitos autores tenham tentado fazer ver que, tal como o cinema, a história escrita, também está sujeita a uma montagem (muitas vezes ideológica) e a uma escolha de fontes subjectiva.

Numa hierarquia documental o cinema é, para o historiador conservador, um não-documento ou na melhor das hipóteses ocupa o último lugar das fontes documentais. Na verdade, surgiu como “um modelo novo de documento, que inclui outras modalidades, como sonoridade, imagens, cores, personagens fictícios ou não, mas que recebem uma corporalidade, um rosto, tendo tais opções um significado”<sup>15</sup>,

---

<sup>12</sup> Thomas (Produtor) & Bertolucci (Director). (1987).

<sup>13</sup> Cooper et al (Produtor) & Eastwood (Director). (2014).

<sup>14</sup> LOPES, João (2018). *Cinema e História*. Lisboa: Fundação Manuel dos Santos, p.12/13

<sup>15</sup> FERREIRA, Letícia S. (2009). O Cinema como Fonte da História: Elementos para Discussão. Acedido a 14 de Maio em <http://ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/734/538>

muitas vezes visto como simples entretenimento, ou como diria Georges Duhamel “uma máquina de idiotização (...) um passatempo de iletrados”<sup>16</sup> ao invés de um conjunto de palavras escritas em “espessos tomos cujo peso e volume ajudam a ressaltar a solidez das lições ensinadas [fortalecendo] a noção de que um passado verídico só pode ser contado por palavras impressas numa página”<sup>17</sup>. Não nos interessa aqui debater um problema que tem origem na validade da fixação escrita dos acontecimentos da história, isto é, do próprio nascimento da História. Percebe-se a sua mais-valia em relação à falibilidade do oral, mas não face à imagem, que tem tanta legitimidade como a escrita para fixar a história, como muito bem refere Marc Ferro nos parágrafos seguintes.

Segundo Ferro, são páginas escritas decretos emanados de parlamentos, textos jurídicos e legislativos, tratados de comércio, discursos, jornais e publicações, entre outros que contribuem para uma narrativa histórica apenas compreendida “du point de vue de ceux qui ont pris en charge la société: hommes d’Etat, diplomates, magistrats, entrepreneurs et administrateurs.”<sup>18</sup>, por oposição ao que não é escrito – a imagem, que, sem identidade (as “imagens que se mexiam” durante muito tempo foram de autoria de uma máquina, não de um sujeito de direito), “orpheline, se prostituant au peuple”.<sup>19</sup>

Mas a pouco e pouco o cinema ocupou um espaço no debate científico, o método histórico recebeu outras influências como a concepção marxista da história, que fundamenta o processo histórico na análise dos modos de produção na luta de classes, ou os métodos trazidos à colação pelas ciências sociais. O cineasta tornou-se historiador pese embora com regras de interacção com o passado diferentes. O cinema transforma a história e o seu registo. “Os filmes históricos mesmo quando sabemos que são representações fantasiosas ou ideológicas, afectam a maneira como vemos o passado”.<sup>20</sup> Segundo Marc Ferro:

*Le film a cet effet de structurer ce que plusieurs générations d’hommes d’Etat, de penseurs, avaient réussi à ordonner en un bel équilibre. Il détruit l’image du double que chaque institution, chaque individu, s’était constitué devant la société. La caméra révèle le fonctionnement réel de ceux-là elle dit plus sur chacun*

---

<sup>16</sup> FERRO, Marc *op. cit.* p.36

<sup>17</sup> ROSENSTONE, Robert A. (2010). *A história nos filmes. Os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra. p.19

<sup>18</sup> FERRO, Marc (1993). *op. cit.* p.35

<sup>19</sup> *Ibid.* p.36

<sup>20</sup> ROSENSTONE, Robert A. (2010). *op. cit.*, p.18

*qu’il n’en voudrait montrer. Elle dévoile le secret, elle montre l’envers d’une société, ses lapsus. Elle en atteint ses structures.*<sup>21</sup>

Sendo impossível encontrar uma objectividade absoluta tanto nos historiadores como nos cineastas, resta ao leitor, perceber se o historiador estará ao serviço “du Prince, de l’État, d’un classe, de la nation, d’un ordre ou d’un système, existant, non existant”<sup>22</sup> e ao espectador, nas palavras de Marc Ferro:

*Partir de l’image, des images. Ne pas chercher seulement en elles illustration, confirmation, ou démenti à un autre savoir, celui de la tradition écrite. Considérer les images telles quelles, quitte à faire appel à d’autres savoirs pour les mieux saisir. Déjà, les historiens ont remis à leur place legítíme les sources d’origine populaire, écrites d’abord, puis non écrites: folklore, arts et traditions populaires, etc. Il reste à étudier le film, à l’associer au monde qui le produit.*<sup>23</sup>

O cineasta, como responsável pela narrativa, como “historiador”, tem que se sujeitar a regras diferentes das que governam a história escrita. Para incluir pessoas, acontecimentos, momentos numa narrativa cinematográfica terá que inventar, que ficcionar, indo de encontro, portanto, a uma realidade mais metafórica do que literal. Na nossa função de realizador (seria uma pretensão usar o papel de historiador), pesquisámos um conjunto de fontes (nos anexos) que procurassem legitimar o fundo histórico de *Feliz Aniversário*.

## FILMES DE FICÇÃO SOBRE UM FUNDO DE HISTÓRIA.

Gilles Deleuze define o filme histórico como um grande género do cinema americano que possui, a par com o cinema soviético, a crença numa finalidade da história universal, naquele “a eclosão da nação americana”, neste o “advento do proletariado”<sup>24</sup>. Para o autor, as concepções históricas de Hollywood reflectem o modo de olhar a história do séc. XIX. Usando as categorias nietzschianas de “história

---

<sup>21</sup> FERRO, Marc (1993). *op. cit.* p.39

<sup>22</sup> *Ibid.* p.32

<sup>23</sup> *Ibid.* p.40

<sup>24</sup> DELEUZE, Gilles. (2016) *A Imagem-Movimento* Lisboa: Ed.Documenta. p.223

monumental”, “história antiquária” e “história crítica” o autor revela o grande inconveniente da concepção americana em “tratar os fenómenos como efeitos em si, separados de qualquer causa”<sup>25</sup>.

“Não só as civilizações são consideradas como paralelas como os fenómenos principais de uma mesma civilização, por exemplo os ricos e os pobres, são tratados como “dois fenómenos paralelos independentes”, como puros efeitos constatados, quando muito com pesar, mas sem que se lhes atribua, porém, qualquer causa”.

Será aqui que, segundo o autor, Eisenstein se demarca e critica o cinema histórico e social americano na sua visão dualista do mundo ao invés de uma monista e dialéctica. “É esse defeito capital que Eisenstein quer remediar: ele reclamará uma apresentação das verdadeiras causas, que terá que submeter o monumental a uma construção dialéctica”<sup>26</sup>

### ***HISTÓRIA FICCIONADA É HISTÓRIA? O COURAÇADO POTEMKINE<sup>27</sup> E NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO<sup>28</sup>***

A fim de comemorar a revolução de 1905 ocorrida na Rússia mais de uma década antes da revolução de Outubro, Eisenstein foi obrigado a mudar ou simplificar a história do motim, ocorrido no couraçado cujo nome devia a um militar russo do séc. XVIII. O filme foi uma encomenda pensada para uma grande distribuição numa União Soviética pouco sofisticada. Para a maioria dos historiadores o motim no couraçado não é considerado um evento de relevo na revolução, ao invés das greves e motins ocorridas em São Petersburgo e Moscovo, as revoltas dos camponeses ou as que ocorreram em algumas unidades militares. No que concerne à história, propriamente dita, ocorrida no couraçado as diferenças factuais do motim real e do ficcionado são consideradas residuais ainda que alguns oficiais se tenham juntado aos revolucionários, o capitão não tenha sido tão déspota e a tripulação que Eisenstein

---

<sup>25</sup> DELEUZE, Gilles. (2016) *A Imagem-Movimento* Lisboa: Ed.Documenta. p.225

<sup>26</sup> *Ibid*, p.225

<sup>27</sup> Bliokh (Produtor) & Eisenstein (Director). (1925).

<sup>28</sup> Griffith (Produtor) & Griffith (Director). (1915)



tenha mostrado tão unida na verdade estava dividida e hesitante. Ora a isto, o autor responde: “For the sake of truthfulness, one can afford to defy the truth”.<sup>29</sup>

“O Nascimento de uma Nação” de D.W.Griffith (1915)<sup>30</sup> reflete de uma forma directa as interpretações de historiadores e do indivíduo comum (principalmente o contemporâneo do sul) face à guerra da secessão que opôs o norte, unionista, ao sul confederalista, nos EUA. O filme é considerado abertamente racista e está repleto de estereótipos insultuosos de afro-americanos apresentando uma visão do Sul, vítima, face aos ex-escravos e “oportunistas” do Norte que terão manipulado aqueles para ir oprimir e explorar o Sul, tanto durante a guerra como no tempo imediatamente a seguir. Não obstante ser uma obra manipuladora e tendenciosa, aos olhos hodiernos, era, ao tempo, espelho do que muitos acreditavam, tendo inclusivamente ficado para a posteridade as palavras do presidente Woodrow Wilson sobre o filme: “É como escrever a história com raios. E o meu único pesar é que tudo aquilo é terrivelmente verdadeiro”<sup>31</sup>. Assim se vê como o filme integra o mundo que o rodeia e comunica com ele necessariamente.

Estamos perante duas grandezas que podem não concorrer entre si: a precisão histórica, tão cara aos historiadores e uma verdade histórica usada por cineastas.

D. W. Griffith, reconhecido por Sergei Eisenstein como o responsável pela evolução do cinema de um mero passatempo ou entretenimento para uma verdadeira arte, precursor da montagem paralela, *cuja inspiração terá ido buscar a Dickens*, e que tanto influenciou o cinema soviético, criou, segundo Rosenstone, os primeiros dramas “realistas”, em que são retratados “heróis, heroínas e vilões que se vêem envolvidos em grandes acontecimentos históricos, homens e mulheres cujas histórias mostram o impacto de tais eventos na vida de cada pessoa”.<sup>32</sup> Esses homens ou mulheres são pessoas documentadas ou ficcionadas que se situam na esfera do passado, num mundo extinto e na longa metragem dramática (cujo estilo convocamos neste raciocínio) são o meio para o conhecimento do mundo histórico pois é através “dos seus olhos e vidas, aventuras e amores que vemos greves, invasões, revoluções, ditaduras, conflitos étnicos, experiências científicas, batalhas jurídicas, movimentos políticos, genocídios.”<sup>33</sup>

---

<sup>29</sup> EISENSTEIN, Sergei (1959). *Notes of a Film Director*. London, p.23

<sup>30</sup> Griffith (Produtor) & Griffith (Director). 1915

<sup>31</sup> ROSENSTONE, Robert A. (2010). *op. cit.*, p.30

<sup>32</sup> *Ibid* p.32

<sup>33</sup> *Ibid* p.33

Contar o que se passou usando a imagem com o seu poder virtuoso de associação a uma realidade, levanta questões sobre a mesma realidade, mas não deixará de ser história, porque a obra será sempre uma parte de um todo maior ao que não são estranhas as relações do filme com aquilo que não é o filme, como nos ensina Marc Ferro: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime de governo. Só assim, continua o autor, se pode chegar à compreensão não apenas da obra, mas da realidade que ela representa.

Eisenstein desenvolveu a montagem paralela de Griffith até ao seu “apogeu” criando a montagem intelectual ou ideológica no intuito de construir “uma forma completamente nova de cinematografia – a realização da revolução na história geral da cultura; construindo uma síntese de ciência, arte e militância de classe”<sup>34</sup> mas sem recorrer a heróis nem a personagens individuais.

No caso dos filmes de Eisenstein como *O Couraçado Potemkine* ou *Outubro* admitindo o seu conteúdo como amplamente ficcionado, não se pode deixar de entender a contribuição do autor sobre a revolução ocorrida na Rússia de 1905 ou a revolução bolchevique de 1917, assim como o esforço empreendido na criação da história e mitos fundadores da União Soviética. Mas também é preciso não esquecer que Eisenstein fazia parte da máquina de propaganda do regime. O Cinema permite conhecer além dos factos apresentados, verídicos ou não, o seu significado. Permite ao espectador conhecer uma outra abordagem à história “racional” que oculta a outra história “inapreensível, não visível”, e que cumpre segundo Marc Ferro, o seu papel de contra-análise, fundamental para um conhecimento totalizante.

---

<sup>34</sup> EISENSTEIN, Sergei (2002). *A Forma do Filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.87

## 2. ...E DA HISTÓRIA

*“A direita tem medo, a esquerda desconfia.”*

*Marc Ferro*

Em 1975, Portugal enfrentou o maior desafio do pós-revolução de Abril, até aos dias de hoje – a iminência de uma guerra civil. Se no sul do país o processo revolucionário não dava descanso a grandes proprietários confrontados e visados pela acção política, muitas vezes violenta, encabeçada pelo Partido Comunista, no norte do país e nos arquipélagos dos Açores e Madeira, a resistência ao “modelo soviético” fazia-se sentir com igual ou maior violência.

No caso dos Açores o endurecimento do projecto revolucionário pela esquerda radical (com o apoio significativo de parte do Movimento das Forças Armadas) após a intentona de 11 de Março, levou a que muitos considerassem a hipótese de se “independentizar” à semelhança das províncias ou colónias portuguesas em África. O fim da ditadura não amainou o sentimento de revolta contra o colonialismo económico que amordaçava o povo açoriano e que tinha raízes profundas “em vários séculos de exploração”.

O conhecido “Verão Quente” de 1975 foi pois, igualmente escaldante nas ilhas. À incerteza do que se viria a passar muitos foram aqueles que viram na independência política e económica não só a manutenção de um certo status quo, longe de uma reforma agrária com alvo nos proprietários (ali, por comparação à escala no continente, pequenos) ou rendeiros, mas também a oportunidade de um futuro económico mais próspero, assente, no que ao tempo era perspectivado como visão estratégica: no turismo, na criação de gado e no investimento estrangeiro, por oposição às nacionalizações.

Ao preço único em todo o país, sem taxas adicionais em produtos com origem ou destino nas ilhas, Lisboa respondia com a mencionada reforma agrária fazendo ouvidos de mercador a todo um rol de reivindicações que encontravam o eco mais importante (mas não só) na classe mais reactiva das ilhas, os agricultores e lavradores. A estes, os movimentos independentistas foram buscar fundamentalmente o apoio que mais tarde transformou muitas vezes a rua num campo de batalha.

O marco mais importante da mobilização dos descontentes foi a manifestação de 6 de Junho de 1975 que depôs o governador civil, “o barão vermelho” como era

conhecido em S. Miguel, (além de simpatizante do MDP era possuidor de título nobiliárquico e de um grande património imóvel) de nada lhe valendo o seu passado como opositor ao regime de Salazar, pois naquele momento representava um governo central “colonialista” e em possível transição para uma ditadura totalitária de esquerda.<sup>35</sup>

A reacção à manifestação ilegal (não foi autorizada pelo governador civil) não se fez esperar por parte das forças armadas representadas nos Açores pelo General Altino de Magalhães, que mandou prender 33 indivíduos supostamente envolvidos no “incitamento” enviando-os para a Ilha Terceira, cujo forte militar construído no período do domínio Filipino, serviu ao longo dos séculos para exilar “inimigos da nação”.<sup>36</sup>

Ao invés de acalmar a situação, estas prisões injustas (o General admitiu mais tarde que não poderia prender só os autores da manifestação com receio de os tornar heróis, daí ter pedido a um “anónimo” mais uns tantos nomes que o tal “anónimo” achasse por bem) incendiaram ainda mais os ânimos havendo de parte a parte, mas sobretudo do lado independentista, um acicatar da violência. As sedes do partido comunista são queimadas, tiros são disparados contra edifícios governamentais, bombas deflagram em vários locais, confrontos físicos aumentam, viaturas são vandalizadas, outras atiradas ao mar.

A Frente de Libertação dos Açores, FLA, assume a dianteira do movimento independentista (outros movimentos como o MAPA, cuja sede o MDP incendiou, ou a FRIA são eclipsados no decorrer do ano) pese embora não se conheça o líder do movimento até ao ano seguinte pois a nível político vários intervenientes reclamam um papel de direção, uns nos Açores, outros em Washington e outros ainda em Lisboa. É esta falta de definição que nas palavras da cônsul dos Estados Unidos leva a que Mota Amaral, um dos possíveis líderes do movimento e deputado à constituinte, tenha confidenciado que lesava em demasia o movimento e que por conseguinte o poderia destruir. Todavia, a FLA, acreditava-se, possuía algum arsenal militar. O General Altino chegou a mandar recado aos dirigentes da FLA por Natália Correia “se

---

<sup>35</sup> O Governador Civil, simpatizante do MDP/CDE, vivia num palácio pertencente à sua família brasonada e o líder da FLA (movimento conotado com o fascismo pelos historiadores em geral) era o décimo oitavo filho de uma família de camponeses, com casa de chão de terra.

<sup>36</sup> Por lá passaram o rei Afonso VI e o régulo de Moçambique, Gungunhana

têm gatilhos que os não puxem porque senão puxam eles, puxamos nós do lado de cá e isso será muito complicado.”<sup>37</sup>

Por outro lado, havia a convicção de que o exército português nas ilhas, composto por açorianos na sua maioria, não se oporia a um levantamento popular em direção à independência.

O clima agressivo e instável nas ruas decresce um pouco aquando da criação de uma Junta Regional, um órgão governativo composto por pessoas de influência das ilhas que servirá de transição para o Governo Regional dos Açores que sairá das eleições de 1976.

Os EUA, através do seu consulado em Ponta Delgada, observaram tudo mantendo formalmente uma distância cautelosa. O Departamento de Estado em Washington, a embaixada em Lisboa e o consulado em Ponta Delgada trocavam telegramas quase diariamente acompanhando a par e passo o desenrolar dos acontecimentos. Um dos presos a 9 de Junho acusado de conluio na realização da manifestação ocorrida três dias antes era funcionário consular norte-americano. Os contactos entre independentistas e o Governo Americano foram estabelecidos nas três cidades embora a meados do ano de 1975 tenham sido interrompidos oficialmente em Ponta Delgada por orientação do próprio Henri Kissinger.

Alguns factores ajudam a perceber porque o (eventual) apoio por parte dos EUA à causa independentista açoriana caia por terra:

- O surgimento do “documento dos nove” (ou documento Melo Antunes) em Agosto de 1975, redigido por nove oficiais das forças armadas que representavam a sua facção moderada defendendo um projecto socialista mas de base democrática e plural (documento que vem a obter um amplo apoio de vários sectores da vida social e política portuguesa, incluindo a própria FLA, que nos Açores emite um comunicado manifestando o seu contentamento e apoio à posição dos moderados do MFA.
- A crescente importância de Mário Soares (liderava o partido mais votado e contactava com frequência com o embaixador Frank Carlucci) também ele

---

<sup>37</sup> CABRAL, Berta Maria Tavares Sousa - A Diplomacia Norte-Americana e as Movimentações Independentistas nos Açores em 1975. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2013. Dissertação de Mestrado. p.199

opositor a uma via socialista soviética, saído vitorioso nas ruas após o comício da Fonte Luminosa.

- Os desenvolvimentos posteriores ao golpe de 25 de Novembro que solidificaram a pluralidade democrática.

Todavia, até ao 25 de Novembro a situação do país não é clara como não o é a conjuntura no seio do MFA. Álvaro Cunhal, dirigente comunista, chegou a admitir à imprensa estrangeira a possibilidade de uma intervenção militar “na aliança com o povo” já que para ele os resultados das eleições de Abril de 75 (PS e PPD componham 65% o PCP 12% da assembleia constituinte) não demonstravam onde estava a maioria. Esta indefinição do futuro do país na altura levou o General Altino de Magalhães, muitos anos depois, a afirmar em entrevista que se o país tivesse seguido o projecto revolucionário da extrema esquerda, ele próprio viraria separatista, portanto defensor da independência açoriana.

Os signatários do documento dos nove são os próprios a alertar para “o fosso aberto entre um grupo social extremamente minoritário (parte do proletariado da zona de Lisboa e parte do proletariado alentejano), portador de um certo projecto revolucionário, e praticamente o resto do país, que reage violentamente às mudanças que uma certa «vanguarda revolucionária» pretende impor, sem atender à complexa realidade histórica, social e cultural do povo português.”<sup>38</sup>

Passados mais de quarenta anos sobre os acontecimentos percebe-se que a via democrática e plural é a que recolhe mais consenso no país. E que estatutos políticos como o das regiões autónomas, ainda não totalmente percebidos e aceites pela opinião pública geral, fazem parte das melhores democracias ocidentais.

---

<sup>38</sup> Centro de Documentação 25 de Abril. 2012.  
<http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=poderpol26>. Acedido a 14 de Maio de 2019 em  
<http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=HomePage>

### **3. FELIZ ANIVERSÁRIO**

#### **APROXIMAÇÃO ESTÉTICA A *FELIZ ANIVERSÁRIO*.**

Ainda não muito distante, a década de 70 do século passado, persiste na memória colectiva portuguesa com os seus sinais, as suas referências, a sua identidade e intensidade sendo uma das mais importantes na história do país - Portugal e de todos os outros países, falantes da mesma língua, que se independentizaram em consequência da revolução ocorrida em Abril de 1974.

Um filme com base em acontecimentos passados em 1975 será, não obstante, um “filme de época”. Começar por criar ou definir o ambiente em que o filme se move é tentar ouvir a música (ou noticiário) que surgia na rádio ou no gira-discos, observar as cores e feitios de calças e camisas, cabelos e acessórios, saber dos jeitos, expressões, palavras e frases usadas na gíria dos variados estratos sociais. É conhecer o contexto político, nacional e internacional, e ver de que modo a imprensa o relatava ou interpretava. Analisar a mobilidade e o custo de vida, práticas sociais de (in)tolerância cívica, religiosa e política, e o evoluir ainda que, lento, da sociedade portuguesa para uma sociedade moderna e democrática.

No filme, sobre que versa este capítulo, *Feliz Aniversário*, não estará tudo, mas ainda assim, pretende-se que reflecta, o mais fielmente possível, o ambiente vivido na Ilha de São Miguel e em Lisboa em 1975, de modo a levar o espectador a aderir espiritualmente à época.

A natureza realista de *Feliz Aniversário* está patente em algumas características narrativas e estéticas. O facto de a narrativa conter vários factos sociais e políticos conhecidos, ocorridos em 1975, como a instalação da RTP nos Açores, a “manifestação do 6 de Junho”, a “declaração dos 9” ou o debate entre Cunhal e Soares na televisão e, por outro lado, os diálogos fazerem recurso a expressões e léxico próprios da ilha, (o que faz com que se anteveja o recurso à escolha de actores não profissionais para alguns papéis) são contributos para um realismo<sup>39</sup>, que se

---

<sup>39</sup> Neste sentido e como contributo lembramos a “lei da amálgama” de André Bazin ao analisar o neorealismo italiano: “Não é a ausência de actores profissionais que pode caracterizar historicamente

pretende sublinhado com uma escolha de planos e cenários que confirmam ao filme uma autenticidade geral.

## DA NARRATIVA E DOS DIÁLOGOS.

O primeiro plano do filme sugere uma intriga política, uma tentativa de golpe de estado em Portugal (a intentona de 11 de Março de 1975) localizando, porém, a ação ou reacção aos acontecimentos entre Ponta Delgada e Washington. Só recuperamos este nível político da narrativa nove cenas a seguir, dado que, no entanto são apresentadas as personagens principais e o contexto social onde vivem. A história desenrola-se entre estes dois níveis: um de política nacional (que congrega um âmbito regional e outro internacional) em que a faixa etária das personagens é mais elevada, e outro, focalizado no mundo de dois adolescentes, na sua vida íntima, familiar e social.

Esta estrutura não é original existindo tanto na literatura como no cinema. A título de exemplo, a obra cinematográfica *La Meglio Gioventù*<sup>40</sup>, de Marco Tuglio Giordana, faz coexistir também os dois eixos, político e pessoal, sendo a influência que o político exerce no pessoal notória na narrativa. É certo que a separação dos dois irmãos (personagens principais na história), evento catalizador da ação, não tem motivo político (pelo menos aparente), porém, toda a história que se segue convoca factos políticos e sociais ocorridos em Itália na época, que justificam “pessoalmente” a separação dos irmãos. Esta inserção de eventos confere, além de um maior realismo social<sup>41</sup>, uma relação causal tanto na ação como na motivação dos personagens.

Em *Feliz Aniversário*, Márcia e Roberto assistem ao desenrolar dos acontecimentos políticos que alteram o destino das suas vidas sem que nada possam fazer para impedi-lo, porque as suas idades e contexto social não permitem. No caso de Márcia a saída da ilha é uma questão de sobrevivência e proteção familiar para o

---

o realismo social no cinema, tampouco a escola italiana actual, mais precisamente, porém, a negação do princípio da vedeta e a utilização indiferente de actores profissionais e actores ocasionais. O que importa é não colocar o profissional no seu lugar habitual: a relação que ele entretém com o seu personagem não deve ser sobrecarregada para o público com nenhuma ideia a priori”. BAZIN, André (1992). *Op. cit.*, p. 283.

<sup>40</sup> Barbagallo, Angelo e Botti, Donatela (Prod.) & Giordana (Dir.), 2003)

<sup>41</sup> Segundo Gerard Betton “o realismo social baseia-se na objectividade, na descrição exacta dos ambientes populares e dos acontecimentos sociais, na reprodução da realidade em todos os seus aspectos, mesmo os mais vulgares”. *Op. cit.*, p.12



seu pai e no caso de Roberto, quando este se motiva a intervir politicamente (em virtude da prisão política do pai) acaba numa situação sem retorno, impossibilitado de refazer ou realinhar a vida.

A utilização de expressões típicas da ilha nos diálogos contribui também para um maior realismo psicológico<sup>42</sup> possibilitando uma maior imersão na realidade insular. A começar pelo amigo de Roberto, Luís Martins, que tem por alcunha um peixe muito comum nos Açores e que é normalmente usado para satirizar alguém. “Abrotea” é assim chamado por ser um bom aluno e um dos mais responsáveis em geral, o que no caso do seu grupo de amigos não é um factor assim tão positivo. Outras referências do foro gastronómico podem ver-se na cena vinte e sete nas expressões “cabeças de inhame” para designar alguém de tolo ou na bebida “mistura” que é feita com licor de maracujá e brandy. As referências a pessoas nascidas no continente aparecem como “portugueses” ou “portuguesas” e o continente como “Portugal” em oposição à “colónia” que, em algumas cenas, significa os Açores. De facto, à época, eram assim designados os habitantes que nascidos no continente residiam na Ilha de S.Miguel ou até mesmo alguns comunistas. Algumas zonas geográficas da ilha são deixadas sem a explicação prévia da determinação de vila, por exemplo, Mosteiros, dado que, como é natural o habitante de S. Miguel vai passar um fim-de-semana aos Mosteiros (vila no oeste da ilha) e não à vila dos Mosteiros. Muito recorrente nas ilhas é a expressão “vou para fora” servindo para designar uma ida ao continente português e no caso de S. Miguel a palavra “naião” para ao referir-se a um homossexual (cenas quarenta e sete e quarenta e oito).

---

<sup>42</sup> Segundo Gerard Betton, “realismo psicológico clássico define-se por uma “realidade média”, corrente, banal, verosímil, facilmente acessível do ponto de vista psicológico.” *Op. cit.*, p.11

## NOTA DE INTENÇÕES

Com *Feliz Aniversário* pretendo contar uma das muitas histórias que o tempo tende a fazer votar ao esquecimento, mas também, na verdade, que raramente são transmitidas às gerações seguintes, exceptuando os casos em que uma insistência por vezes irritante consegue aceder.

Perscrutar o passado é um exercício muitas vezes doloroso principalmente quando se trata de viajar a períodos conturbados, povoados que podem estar, no espírito de quem os convoca, de arrependimentos ou lembranças do foro afectivo agri-doces.

Em 1975 parte da minha família lutou pela independência dos Açores e outra opôs-se a tal pretensão. Os primeiros enfrentaram a prisão, os últimos foram “forçados” a sair da ilha, de onde sou natural, S.Miguel, e passaram a residir em Lisboa. Não foram os únicos a decidir fazê-lo.

Este filme pretende contar em primeiro lugar a história dos mais novos que à mercê do momento político e da opção ideológica dos seus progenitores viram os amores e amizades que estavam a construir, desaparecer, ou simplesmente afastar-se sem que pudessem ter decidido sobre o destino dessas relações. É sabido que no universo de um adolescente a dimensão das descobertas afectivas e amorosas ou a construção do lugar no mundo são vividos de uma forma intensa e muitas vezes ingénua. A nosso ver, não poderia ser filmado de outra forma, como que substituindo o olhar dos personagens a câmara opta por dar atenção ao que o personagem, adolescente, daria atenção. Olhar o namorado ou a namorada é descobrir ou rever um rosto ou um sorriso com intensidade, por vezes com paixão. Descobrir a intimidade dos corpos ou querer mostrar-se aos amigos como aventureiros e assim ganhar a sua admiração são intenções psicológicas que o modo de filmar tem que, mais do que respeitar, assegurar como um modo eficaz de narrar. É também aqui em que a câmara se revela mais dinâmica na escolha dos planos que muitas vezes são aproximados e atentos ou como no caso de uma manifestação, em movimento mais acelerado, respeitando a sequência dos acontecimentos e fazendo a unidade entre a acção, o olhar dos personagens e a ideia filmica.

Noutro sentido, a câmara que segue a trama política corresponderá a um olhar mais objectivo, calmo, procurando a amplitude certa, que faça corresponder os

eventos com a intenção narrativa de contextualizá-los historicamente de uma forma neutra.

O recurso às comunicações telegrafadas entre o consulado americano e Washington, e o aproveitamento dos acontecimentos mais relevantes do ponto de vista político em 1975 balizam a ação, informam e estruturam temporalmente a história. Mas no seu interior, o pulsar é-nos dado pelo amor e ruptura dos personagens Márcia e Roberto. É nesta relação entre o íntimo inocente e poético e o mundo exterior que o dilacera e o convoca sem retorno, que *Feliz Aniversário* encontra o seu modo fílmico de narrar esta história pouco conhecida.

## **SINOPSE ALARGADA**

**FELIZ ANIVERSÁRIO** é uma longa metragem que retrata a vida de dois adolescentes no período do verão quente de 1975 nos Açores e em Lisboa. Roberto e Márcia vivem um romance que é interrompido pelos acontecimentos políticos da época, em que se extremaram posições na sociedade portuguesa que em vésperas do 25 de Novembro se encontrava perante a possibilidade de uma guerra civil.

A história começa nos Açores onde o jovem casal vive, namora e troca promessas de amor, muitas vezes sonhos de viagens pelo mundo e visões de futuro em conjunto. A vida do casal dá uma reviravolta após a manifestação do 6 de Junho em Ponta Delgada, que fez com que muitos socialistas e comunistas abandonassem a Ilha de S.Miguel, como também, com que muitas pessoas, envolvidas ou não com a manifestação, fossem presas por ordem do General Altino de Magalhães e acabassem enviadas para a Ilha Terceira. Márcia é filha de um socialista que resolve abandonar a ilha pela insegurança pessoal e familiar e Roberto vê o seu pai, jornalista e director de um jornal local, ser preso de madrugada em virtude dos acontecimentos.

Roberto, revoltado com a prisão do pai, acaba por militar junto dos independentistas, contra o conselho do seu pai, e acaba preso numa acção terrorista. O seu pai consegue libertá-lo através de uma estratégia conjunta entre o seu advogado e a cônsul dos EUA em Ponta Delgada. Ao sair da prisão, Roberto recebe a notícia do estado grave de saúde do pai e só tornará a vê-lo numa cama de hospital já falecido. Ao ver-se com a responsabilidade de cuidar dos irmãos junto com a sua mãe, doméstica, Roberto abdica dos seus sonhos para ajudar a concretizar os dos irmãos.

Márcia encontra-se em Lisboa numa cidade que não conhece e em que se vive um estado de alerta e confusão fruto da incerteza política e militar do momento. Convivem num estado de alteração permanente membros da extrema esquerda, moderados, retornados das colónias portuguesas e militares politizados. Márcia convive com muitos destes intervenientes. Mas vive num estado de permanente infelicidade com o regressar à ilha como objectivo. Ao saber do roubo de milhares de armas G3 de um paiol militar, o seu pai, intuindo a possibilidade de uma guerra civil, envia-a para Paris onde ela fará estudos em artes, uma vocação que tinha desde miúda.

Algumas dezenas de anos mais tarde, Márcia regressa à ilha a convite de uma galeria de arte. O encontro com Roberto, que gere uma papelaria há muitos anos, é já um encontro entre duas pessoas com um passado comum mas com uma história muito diferente. A beirar os cinquenta, os dois conhecem-se e reconhecem-se. Refazem caminhos outrora cheios de promessas transformadas em mágoas, superadas pela idade e experiência das suas próprias vidas. O reencontro de dois animais feridos que partilham cicatrizes um com o outro, com um olhar traquina, sabendo que não há volta atrás mas persistindo num sorriso de esperança.

## CONCLUSÃO

Partir de um contexto político e social conturbado como foi o PREC (Processo Revolucionário em Curso) em Portugal, para construir um argumento cinematográfico, levanta necessariamente algumas questões relativas à veracidade dos factos (ou à verdade da história) vertidos no filme, mas sobretudo às suas interpretações, pois trata-se de momento histórico político de muita importância, muito próximo. Mas o filme que serve de motivo a este trabalho não se presta unicamente a documentar, e sim, a ficcionar, com base nas inúmeras histórias pessoais interessantes e relevantes da época. O contexto político e social torna-se o pano de fundo para que os personagens nos permitam perceber o modo como as relações sobreviveram aos acontecimentos passados não enquanto portugueses simplesmente mas como portugueses marcados por uma geografia e um pensamento particular, numa época em que o mundo parecia mais distante e isolado.

O cinema ficcional português ocupou-se maioritariamente da relação ditadura/liberdade e pouco trabalhou o verão quente de 1975, muito menos em zonas do país como as ilhas, que possuíam uma visão própria e *sui generis* sobre os acontecimentos.

Neste sentido, acreditamos que a história de Márcia e Roberto surge como um olhar cinematográfico importante e revelador sobre um período e uma parte do país que ainda não foram tornados visíveis, na relação entre os dois, cumprindo-se desta forma uma das funções essenciais do cinema, a de fazer e contar História.

## **BIBLIOGRAFIA**

## BIBLIOGRAFIA CITADA

BETTON, Gerard. (1987). *Estética do Cinema*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, Lda. Acedido em 14 de Maio de 2019 em <https://www.scribd.com/document/208449882/BETTON-Gerard-Estetica-do-Cinema-pdf>

CABRAL, Berta Maria Tavares Sousa - *A Diplomacia Norte-Americana e as Movimentações Independentistas nos Açores em 1975*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2013. Dissertação de Mestrado.

Centro de Documentação 25 de Abril. 2012.

<http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=poderpol26>. Acedido a 14 de Maio de 2019 em <http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=HomePage>

DELEUZE, Gilles. (2016) *A Imagem-Movimento* Lisboa: Ed.Documenta

FERREIRA, Leticia S. (2009). *O Cinema como Fonte da História: Elementos para Discussão*. Acedido a 14 de Maio de 2019 em <http://ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/734/538>

FERRO, Marc. (1993). *Cinéma et Histoire*. Paris: Éditions Gallimard. (primeira edição 1977)

GODARD, Jean-Luc (1999) (entrevista com Serge Daney). "Godard faz História(s)". In *Godard 1985-1999*. Lisboa: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema.

GRILO, João Mário. (2006). *O Cinema da Não-Ilusão. Histórias para o Cinema Português*. Lisboa: Livros Horizonte.

LOPES, João. (2018). *Cinema e história – Aventuras narrativas*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

ROSENSTONE, Robert A. (2010). *A história nos filmes. Os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra. (Traduzido do original em inglês *History on Film/Film on History* publicado em 2006 por Pearson Education Limited)

WENDEN, D.J. (1981). *Battleship Potemkin – Film and Reality*. In *Feature Films and History*. London: K.R.M.Short

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARISTÓTELES. (2016). *Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

CASTAÑO, David. (2018). *Eanes e a Democracia*. Lisboa: Penguin Random House Grupo Editorial.



CORREIA, Natália. (2015) *Não Percas a Rosa. Ó Liberdade, Brancura do Relâmpago*. Lisboa: Ponto de Fuga.

FIELD, Syd. (2001). *Manual do Roteiro*. Rio de Janeiro: Editora Objectiva.  
(Traduzido do original em inglês *Screenplay* publicado em 1979 por Syd Field).

PARENT-ALTIER, Dominique. (2009). *O Argumento Cinematográfico*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, Lda.

VALENTE, Vasco Pulido. (2009). *Portugal – Ensaaios de História e Política*. Lisboa: Aletheia Editores.

VILELA, Joana S. (2017) *Lisboa, anos 70*. Alfragide: Publicações Dom Quixote (primeira edição 2014)

VOGLER, Christopher. (2007). *The Writer's Journey: Mythic Structure For Writers*. California: Michael Wiese Productions (primeira edição 1998)

## FILMOGRAFIA

Aleksandrov, G., Eisenstein, S. M. (Directores). (1927). *Oktyabr* 95 min. União Soviética: Sovkino

Barbagallo, Angelo e Botti, Donatela (Produtores) & Giordana, Marco Tullio (Director). (2003). *La Meglio Gioventù* 366 min Itália: Bibi Film, RAI Fiction, Film Comission Torino-Piemonte.

Canal + (Produtor) & Godard, Jean Luc (Director) (1989-1999) *Histoire(s) du Cinema*. (267 min) France: Canal +

Cooper, B., Eastwood C., Lazar, A., Lorenz, R., Morgan P. (Produtores) & Eastwood, Clint (Director) *American Sniper* (2014). 135 min. Estados Unidos da América: Warner Bros, Village Roadshow Pictures, RatPac-Dune Entertainment, Mad Chance, Joint Effort, Malpaso Productions, Zak Productions.

Griffith D.W. (Produtor) & Griffith D.W. (Director). (1915). *The Birth of a Nation*. 195 min Estados Unidos da América: David W. Griffith Corporation, Epoch Producing Cosporation.

Jacob Bliokh (Produtor) & Sergei Eisenstein (Director). (1925). *Bronenosets Potyomkin* 74 min União Soviética: Goskino, Mosfilm.

Thomas, Jeremy (Produtor) & Bertolucci, Bernardo (Director). (1987). *The Last Emperor*. 165 min China: Recorded Picture Company, Hemdale, Yanco Films Limited, TAO Film, Screenframe, AAA Soprofilms.

## PÁGINAS DA INTERNET

Diário dos Açores

[http://www.diariodosacores.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6802:6-de-junho-de-1975-a-manifestacao-pela-independencia-que-ajudou-a-autonomia&catid=36&Itemid=116](http://www.diariodosacores.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=6802:6-de-junho-de-1975-a-manifestacao-pela-independencia-que-ajudou-a-autonomia&catid=36&Itemid=116) acedido em 12 de Março em <http://www.diariodosacores.pt/>

Derrotar os Novos Lenines no Verão Quente de 1975

<https://www.dn.pt/portugal/perfil/interior/derrotar-os-novos-lenines-no-verao-quente-de-1975-5550667.html> acedido em 14 de Maio em <https://www.dn.pt/>

Dossier: A transição democrática portuguesa: novos contributos historiográficos

<https://journals.openedition.org/lerhistoria/344> acedido em 23 de Abril em <https://journals.openedition.org/lerhistoria/>

O Portal da História

<http://www.arqnet.pt/portal/discursos/julho02.html> acedido em 12 de Março em <http://www.arqnet.pt/>

RTP

<http://media.rtp.pt/memoriasdarevolucao/acontecimento/comicio-do-ps-na-fonte-luminosa/> acedido em 12 de Abril em <https://www.rtp.pt/>

The National Archives

<https://aad.archives.gov/aad/display-partial-records.jsp?f=4737&mtch=113&q=Ponta+Delgada+1975&cat=all&dt=2476&tf=X>  
Acedido a 14 de Maio em <https://www.archives.gov/>

Verão Quente e outras Estações

<http://veraoquenteacores.blogspot.com/2016/08/> acedido em 12 de Janeiro em <http://veraoquenteacores.blogspot.com/>

## **ANEXO I**

***FELIZ ANIVERSÁRIO***

**GUIÃO CINEMATOGRAFICO**

## **ACTO I**

### **CENA 1. PLANO PORMENOR MÁQUINA TELEX. DIA.**

Na fita de uma máquina de telex surgem palavras de um telegrama dirigido ao Departamento de Estado em Washington. A proveniência está identificada como CONSUL PONTA DELGADA, referindo-se ao consulado Americano em S.Miguel.

*R 121220Z MAR 75*

*FM AMCONSUL PONTA DELGADA*

*TO SECSTATE WASHDC*

*SUBJECT: COUP ATTEMPT IN PORTUGAL.*

*PONTA DELGADA AND, ACCORDING TO MORNING PAPERS, REST OF AZORES REMAINED CALM THROUGHOUT EVENTS IN LISBON MARCH 11. THIS MORNING FOR FIRST TIME ANTIAMERICAN SLOGANS PAINTED IN FRONT CONSULATE INCLUDING "DOWN WITH AMERICAN IMPERIALISM" AND "DEATH TO CIA".*

*WE ARE REVIEWING EMERGENCY AND EVACUATION PLAN WITH AMERICAN BASE AT LAJES JUST IN CASE BUT AT THIS TIME NO APPARENT DANGER TO AMERICANS EXISTS. WE BELIEVE SLOGANS WORK OF SMALL GROUP WHICH NOT REPRESENTATIVE OF AZOREAN SENTIMENT.*

## **CENA 2. INT. CASA DE ROBERTO - NOITE**

A textura do super 8 invade o écran e mostra o espaço cénico enquanto deambula, determinando o olhar de quem filma. O olhar subjectivo de uma câmara percorre uma festa no interior de uma casa. Num quarto de jantar bem composto, a câmara descobre vários convidados com indumentária usada nos anos 70. O ambiente é divertido. Os convidados distribuem-se em grupos que alegremente conversam em pé ou sentados. À volta de uma mesa grande encontram-se, ARMANDO, pai do jovem que filma e alguns tios e tias.

A mesa está coberta com uma toalha de renda com várias terrinas em cima, vestígios de comida ou sobremesa à mistura com várias garrafas de vinho. Um bolo de anos com duas velas ostentam os algarismos 1 e 8.

O plano é interrompido bruscamente. A câmara desce das velas do bolo e fica focado nos copos até se desligar com um pequeno safanão.

ROBERTO, 18 anos, o operador da minúscula câmara super 8, que afinal estava a filmar a festa do seu décimo oitavo aniversário, pousa a câmara na mesa e desliga-a. Tenta desembaraçar-se de dois miúdos que lhe puxam as calças “perigosamente”.

TIO ROBERTO, mais conhecido como TIO BOB, vestido com uma camisa estampada diferente de todos os restantes participantes, gesticula como que explicando a Roberto alguns pormenores da câmara que ficaram por dizer.

Novamente em super 8 vê-se a porta da rua a abrir. Entram HORÁCIO, ABRÓTEA, ZECA e MÁRCIA. Os quatro ficam admirados com a câmara e sorriem. Roberto destaca Márcia enquanto filma. Depois filma a sua mãe, GRAÇA, a olhar para Márcia como que desconfiada de algo e o seu pai a olhar fixamente para o cunhado, o seu tio Bob.

Cantam-se os parabéns, Horácio tira a câmara a Roberto e filma-o a soprar as velas.

### **CENA 3. EXT. PRAIA - DIA**

Márcia e Roberto encontram-se numa praia. O céu está nublado tombado sobre a areia preta. A rebentação é forte e o mar de vez em quando enche quase totalmente a areia. O som das vagas é ritmado. Roberto começa a filmar com a super 8 e Márcia entra num plano aberto dirigindo-se a ele. Depois, num grande plano sobre o seu rosto, ela sorri. A câmara filma todos os pormenores do seu rosto. Estão deitados a fazer caretas para a câmara.

Mostram-se os dois num plano geral da praia deserta.

Márcia agarra a câmara. Filma o horizonte e depois Roberto a olhar para o mesmo. O plano agora é fechado num GP da expressão neutra de Roberto.

**MÁRCIA**

Olhas para o mar? Ou para o horizonte?

**ROBERTO**

Para as duas coisas, mas mais para o horizonte.

**MÁRCIA**

Eu antes só olhava para o horizonte  
agora olho para o mar.

Márcia põe de lado a câmara.

**MÁRCIA**

Gosto muito de ti!

Roberto sorri e começa a fazer cócegas a Márcia.

**MÁRCIA**

**(sorrindo irritada)**

Um dia vou fazer-te falta, vais ver!

#### **CENA 4. INT. QUARTO DE CAMA - DIA**

No quarto de Roberto, Márcia está a dormir.

A luz que vem da janela, cria um ambiente gráfico no quarto. Uma faixa de luz deixa ver a mobília, típica dos anos 60. Há muita desarrumação. Na secretária, entre livros, sebentas e algumas peças de roupa, um gira-discos roda sem parar.

Roberto começa a filmar dirigindo-se à janela do quarto, mas as roupas espalhadas pelo chão dificultam-lhe o caminho e tropeça.

Márcia acorda e começa a vestir-se com pressa.

**MÁRCIA**

Merda tou atrasada! Devem estar todos nervosos à minha espera. Tu que vais fazer?

**ROBERTO**

(continua a filmar)

Não sei, apetece-me não fazer nada.

**MÁRCIA**

Estás contente?

**ROBERTO**

Estou com fome.

Márcia beija-o dá-lhe uma bofetada e aponta-lhe o dedo de forma autoritária o suficiente para Roberto perceber que ela não ficou satisfeita com a resposta.

**MÁRCIA**

Promete-me que nunca vamos falar sobre o tempo nem nunca nos vamos sentir incomodados na presença um do outro!

**ROBERTO**

Vamos ter sempre uma história para contar.

## **CENA 5. EXT. RUA - DIA**

Roberto caminha alegremente em algumas ruas de Ponta Delgada em direcção à oficina do seu amigo Horácio. Os passeios de calçada branca e preta são estreitos, tão estreitos que só permitem uma pessoa caminhar de vez a vez.

Cansado de se desviar dos outros transeuntes, Roberto avança pelas ruas com a câmara a tiracolo serpenteando entre os carros. Numa das ruas um carro está a ser empurrado por três rapazes. Roberto junta-se ao grupo e empurra também. Toda a gente grita “tira o pé da embraiagem!”. O carro pega e todos dão vivas.



## **CENA 6. INT. OFICINA DO PAI DE HORÁCIO - DIA**

Roberto entra na oficina e vê as pernas do pai de Horácio que se encontra debaixo de um carro.

O rádio está ligado na antena 1.

**ROBERTO**

(gritando)

Senhor Duarte! O Horácio está?

O locutor da estação relata a notícia de um incêndio no na sede do MAPA (Movimento de Autodeterminação do Povo Açoriano). “Não houve vítimas” ouve-se, a frase termina com: "Provado o fogo posto".

Subitamente Horácio salta para as costas de Roberto, surpreendendo o amigo.

**HORÁCIO**

Foram eles que pegaram fogo àquilo! A gente vai-lhes dar cabo do canastro!

Tropeçam e caem sobre uma mesa de onde cai uma chave inglesa provocando um enorme ruído. O pai de Horácio mexe uma perna.

**HORÁCIO**

(fazendo um gesto sugerindo que o pai está alcoolizado)

Não te preocupes ele está todo entregue!

## **CENA 7. EXT. CARRO. TARDE**

Horácio e Roberto seguem viagem num carro no meio de descampados. Ouvem música e Roberto, que está no lugar do condutor, abre duas garrafas de cerveja com um isqueiro.

**HORÁCIO**

Que achas deste?

**ROBERTO**

Grande bomba!

**HORÁCIO**

Não gasta nada! Mesmo que gastasse, não sou eu que pago!

Os dois riem-se às gargalhadas.

**HORÁCIO**

Vamos buscar bandeiras da FLA hoje.  
Vais ter que colocar uma na torre.

**ROBERTO**

Do Liceu? Eh pá não me metas nisso.  
O meu pai anda em cima de mim.

(sorrindo)

Já está todo desconfiado que eu ando com gente que não presta a fazer merda.

Não há-de ser nada. E este carro é de quem?

**HORÁCIO**

De uma professora. Não desconverses.  
Andas armado em maricas.

## **CENA 8. EXT. CASA RURAL. TARDE**

Chegam os dois a uma rua com poucas casas numa freguesia rural da ilha. Horácio entra por um portão pequeno e bate à porta de uma casa. Roberto vê de longe, fica encostado ao carro a fumar um cigarro a olhar para a câmara super8. Estão alguns animais à volta.

Surge uma mulher à porta que reconhece Horácio e volta a entrar. A mesma surge de seguida com um embrulho. Roberto filma. Despedem-se os dois, a mulher fecha a porta e ao sair do pequeno portão, Horácio, com o embrulho numa mão, agarra um pato com a outra e corre em direcção ao carro.

Arrancam rapidamente deixando uma nuvem de pó no ar. Desta vez é Horácio quem conduz enquanto Roberto tenta agarrar no pato. Vê-se pelo vidro de trás a mulher a chegar a meio do caminho a gesticular muito irritada enquanto os dois riem.

## **CENA 9. EXT. RUA - DIA**

Horácio estaciona o carro. Vê-se o pato ainda a voar dentro do carro. Os dois saem rindo. Caminham até um paredão da avenida marginal com vista para o mar. Olham de longe Márcia com alguns amigos a remarem em caiaques.

**HORÁCIO**

Gostas da portuguesa, não é?

**ROBERTO**

Cala-te. Ao menos gosto duma pessoa, não de uma alavanca de mudanças.

**HORÁCIO**

Aquela tem mudanças automáticas.  
É muito nervosa...

**ROBERTO**

Um dia destes eu pego num caiaque daqueles e nunca mais ninguém me vê.

**HORÁCIO**

Pois não... Num caiaque nunca mais ninguém te apanha.

**ROBERTO**

Maneira de dizer. Eu depois escrevo-te a contar.

**HORÁCIO**

Ah sim? E para onde vais?

**ROBERTO**

Estou indeciso.

Os dois riem às gargalhadas.

**ROBERTO**

Agora a sério. Pinguins!

**HORÁCIO**

Camelos!

**ROBERTO**

Não. Pinguins! É mais longe!

**CENA 10. INT. CONSULADO EUA. DIA**

Em dois planos fechados alternados vêem-se as mãos do funcionário do consulado a escrever um telegrama e as letras que vão surgindo:

*R 022340Z JAN 75*

*FM AMCONSUL PONTA DELGADA*

*TO SECSTATE WASHDC 1059*

*INFO AMEMBASSY LISBON*

*SUBJECT: BREAK IN AT MAPA HEADQUARTERS PONTA DELGADA*

*1. YOUTHS REPORTEDLY CONNECTED LOCAL MDP BROKE INTO MAPA HEADQUARTERS. ALL LATER ARRESTED AND ARRAIGNED. MAPA PLANS ISSUE COMMUNIQUE SOON ALLEGING MDP RESPONSIBILITY FOR ACT.*

A CÔNSUL Americana surge na pequena sala que contem o telex. Dirige-se a NEMÉSIO e corrige a informação para Washington.

**CONSUL**

Nemésio change the second line. End it with probably were drunk.

*2. COMMENT: WE BELIEVE MDP RESPONSIBILITY UNLIKELY. YOUTHS MAY HAVE BEEN MDP SYMPATHIZERS BUT PROBABLY WERE DRUNK. MAPA COMMUNIQUE OBVIOUSLY INTENDED TO PUT MDP ON DEFENSIVE. WE EXPECT IT WILL LEAD TO VIRULENT EXCHANGE IN NEWS PAPERS IN COMING WEEKS WITH RESULTING HEIGHTENING OF TENSIONS.*

## **CENA 11. INT. SALA DE ESTAR DA CASA DE ROBERTO – FIM DE TARDE**

Roberto entra em casa e sobe as escadas em direcção ao quarto. No caminho vê o seu pai e o tio na sala a ter uma discussão acesa. A sala de estar é composta por estantes com vários livros e quadros na parede, um sofá e dois maples com uma pequena mesa com vários jornais em cima. Parece pequena para conter o conflito cada vez mais óbvio daqueles dois homens. O Tio de Roberto tem um exemplar do jornal que Armando dirige na mão. Antes de se dirigir ao quarto Roberto olha pelo corredor e vê a sua mãe em pé encostada ao mesão da cozinha com uma mão a tapar os olhos.

### **TIO DE ROBERTO**

(andando de um lado ao outro da sala)

É agora ou nunca que se pode mandar à merda Portugal e a corja de comunistas que quer fazer uma ditadura pior do que a que vivemos até agora!

### **ARMANDO VIEIRA**

(tossindo de vez em quando)

É preciso ter calma! Ainda não sabes se são os comunistas a tomar conta disto. Se assim for, os americanos não deixarão de invadir esta terra a começar pela Terceira. Achas que eles deixam abrir um consulado soviético no meio do Atlântico? O acordo da Base das Lajes já caducou. Ah, e se a independência é uma possibilidade política vais ter que lutar contra os spinolistas também, que esses tão em Espanha à coca. O melhor é esperar para ninguém se queimar.

## **CENA 12. INT. QUARTO DE CAMA DA CASA DE ROBERTO - FIM DE TARDE**

Roberto ouve a discussão no seu quarto enquanto limpa a câmara que o tio lhe ofereceu. Está incomodado e nervoso. Quase deixa cair a câmara. As palavras ecoam pela casa até ao quarto.

### **TIO DE ROBERTO**

(off)

Esperar? Ou tu estás com o Estaline ou estás com a liberdade! Não podes dar uma no cravo e outra na ferradura!

Tu permites que eles usem o teu jornal como propaganda soviética!

### **PAI DE ROBERTO**

(off)

Homem, ouve o que estás a dizer! Se agora não tenho a censura à perna, aproveito e faço jornalismo como fazem os países civilizados!

Tanto escrevem uns como os outros.

Isto é liberdade!

Os dois irmãos mais pequenos aparecem à porta do quarto. Roberto faz sinal para que se sentem e não abram a boca.

### **TIO DE ROBERTO**

(off)

Armando, eles é que estão no terreno há anos e se a gente não se põe a mexer vamos acabar por detrás da cortina! E sabes que vais passar a escrever versões do livrinho vermelho.

Um dos irmãos agarra a câmara e os dois pequenos fogem.

**CENA 13. INT. SALA DE ESTAR DA CASA DE ROBERTO – FIM DE TARDE**

**ROBERTO**

(off, gritando)

Eh cholé! Onde vais com isso?

O pai de Roberto e o tio começam a acalmar-se.

**ARMANDO VIEIRA**

Vocês emigrantes sempre preocupados com os comunistas.

**TIO DE ROBERTO**

Os emigrantes e a América é que salvam esta merda de “colónia”, agora comunista! E sabes disto que não és inculto nenhum. Há mais de duzentos anos que assim é! Devíamos ao menos lutar pelo federalismo. E o que achas que vai acontecer às remessas dos emigrantes a partir de agora? As terras que eles herdarem vão ser engolidas na reforma agrária e quem é que as vai invadir? Aqueles tipos acham que isto aqui é o Alentejo. Há terras não trabalhadas aqui? Diz-me! E o teu filho? Que vai ser dele daqui a uns anos? Vai arranjar trabalho no comité? Ao menos deixa-me levá-lo.

**MÃE DE ROBERTO**

(off - grito)

O jantar está na mesa!



**CENA 14. INT. SALA DE ESTAR DA CASA DO GOVERNADOR CIVIL.  
NOITE.**

Na sala de estar da casa do governador civil o pai de Márcia serve-se de um whiskey e senta-se num cadeirão junto com o governador e o General destacado para os Açores.

**GOVERNADOR**

(fumando um charuto)

Eu avisei aqueles tipos em Lisboa em tempo! Em tempo! que era preciso, dizia eu, que era preciso aplicar urgentemente a reforma agrária e o preço único. Mais, disse preto no branco, não só que o cimento, o gás e o ferro tivessem o mesmo preço que no continente mas, e sobretudo, os adubos e as rações. Cagaram de alto e agora tenho um aviso de manifestação de uns fascistas terra tenentes.

**PAI DE MÁRCIA**

(enquanto saboreia o whisky)

Era preciso passar a este gente uma mensagem diferente... A de que a revolução se fez para libertar o povo e não contra o povo.

**GOVERNADOR**

Bem haja a sua amizade com o Armando do jornal. É que, além do emissor regional não controlo mais nada. Estes reaccionários vão dar-me chatices. Ao menos em Lisboa a imprensa é nossa.

**PAI DE MÁRIA**

Nossa? Sr. Governador o exemplo de Lisboa é avesso à liberdade. Essa mesma que colocou V.Exa onde está neste momento.

**GENERAL**

Sr Governador tenha calma. Autorizou a manifestação?

**GOVERNADOR**

Não autorizei por causa do navio da Nato que chega no mesmo dia. Autorizei para a semana seguinte.

**GENERAL**

A situação em Lisboa ainda não é clara. A constituinte começou os trabalhos há muito pouco tempo e...

**PAI DE MÁRCIA**

(interrompendo em voz baixa)

O senhor sabe tão bem como eu, que ainda não “sabemos” se o MFA vai deixar este país nas mãos de comissões de moradores...

**GENERAL**

(sorrindo)

Ouçã, isto até vai parecer mal, mas se o país vira comunista, até eu viro separatista.

O Governador e o pai de Márcia ficam visivelmente incomodados.

**PAI DE MÁRCIA**

O assunto é sério. Há que ter mão firme com todos sr General.

**GENERAL**

Quer que os prenda? Aos incitadores de uma manifestação? Mas não são agricultores? Ou quer que prenda os latifundiários? Ou que deixe que invadam as casas ou propriedades?

(dirigindo-se ao Governador)

Está a imaginar-se a tomar o pequeno-almoço com camponeses na sua mesa de jantar todos os dias? e esperar que um deles acabe o serviço na casa-de-banho para poder entrar?

O pai de Márcia sorri.

## **CENA 15. INT. QUARTO DE CAMA DE MÁRCIA. NOITE**

Márcia está no seu quarto a desenhar. Um gira discos toca Serge Gainsbourg muito alto. Espalhados pela secretária estão vários desenhos, alguns parecem Roberto. Vêem-se discos um pouco por todo o lado e roupa espalhada.  
O pai bate à porta.

**PAI DE MÁRCIA**

Posso entrar?

Márcia assusta-se e começa a arrumar o que pode.

**MÁRCIA**

Espera, pai!

**PAI DE MÁRCIA**

Filha...

Márcia espalha alguns desenhos em cima da cama.

**MÁRCIA**

Estou a vestir-me, pai!

Toca o telefone e a mãe de Márcia chama o pai. Este dirige-se ao telefone enquanto a mulher fica ao lado preocupada.

**MÃE DE MÁRCIA**

É o Gabriel da fábrica.

**PAI DE MÁRCIA**

Sim? Gabriel? Aconteceu alguma coisa?...

Como assim?...

Mas quem é que te disse isso? E a mim dizem-me desta maneira?...

Vão ter que fundamentar. Amanhã vou trabalhar na mesma.

Desliga o telefone e olha para a mulher.

**PAI DE MÁRCIA**

**(para a mulher)**

Esta gente já está a fazer-me a cama.

**MÃE DE MÁRCIA**

**(desesperada)**

O que é que estavas à espera?

O pai de Márcia olha para a mulher com altivez.

**PAI DE MÁRCIA**

Já sabias quem eu era antes de casar comigo. Aliás foi por isso que casaste comigo. Viemos para cá e tudo mudou como se tivéssemos no tempo da inquisição.

**MÁRCIA**  
**(off)**

Pai!

O pai dirige-se ao quarto de Márcia. Entra e vê três desenhos estendidos na cama. O pai senta-se e começa a observá-los.

**PAI DE MÁRCIA**  
**(sorrindo)**

O que é isto? São diferentes...

**MÁRCIA**

São os logótipos para a nova marca!  
Chamei-lhe Apolo 20! Gosto muito deste.

## **CENA 16. INT. SALA DE AULA - DIA**

Roberto está numa aula de história.

O professor é um homem grande, entusiasta e com carisma.

A câmara segue alguns alunos que por vezes olham uns para os outros. Roberto segue atentamente o que o professor diz.

### **PROFESSOR**

O homem vive num mundo criado por ele próprio, ao passo que os animais adaptam-se ao mundo natural...

### **ROBERTO**

Professor, o que vai acontecer daqui em diante?

### **PROFESSOR**

(faz uma longa pausa, sorri)

O que gostavas que acontecesse?

São interrompidos pelo sino da saída das aulas e todos começam a levantar-se e a sair. O professor é o último olha para o relógio e fecha a porta.

## **CENA 17. EXT/INT. CONSULADO AMERICANO. DIA**

No interior do consulado no escritório da cônsul, esta dita outro telegrama a Nemésio.

### **CONSUL**

*SUBJECT: AZOREAN INDEPENDENCE: FLA POST INDEPENDENCE VIEWS DURING CONVERSATION*

*1, ONE OF REPRESENTATIVES DESCRIBED FLA THINKING FOR INDEPENDENT AZORES. FLA WOULD HOLD ELECTIONS FOR CONSTITUENT ASSEMBLY, BUT WOULD NOT PERMIT COMMUNISTS OR MARXIST PARTIES TO PARTICIPATE. IT PROBABLY WOULD ALLOW SOCIALIST PARTY OF SOARES TYPE TO EXIST.*

*2. ACCORDING TO THE REPRESENTATIVE, INDEPENDENT AZOREAN GOVERNMENT WOULD ENCOURAGE INVESTMENT IN TOURISM AND CATTLE/ DAIRY PRODUCTION. LATTER, HE SAID, WOULD REQUIRE CONSOLIDATION OF SMALL LAND HOLDINGS AND MECHANIZATION OF INDUSTRY, WHICH WOULD REDUCE RURAL EMPLOYMENT. HE NOTED THAT REAL ECONOMIC PROGRESS HAD BEEN MADE DURING PERIOD OF AZOREAN AUTONOMY (1895-1926).*

### **NEMÉSIO**

That's it Miss Cônsul?

### **CONSUL**

Yes Nemésio. Now we wait for further instructions.

A Cônsul prepara uma bebida.

### **CONSUL**

Nemésio. I'm not sure that my source is actually someone in command. What do you think?

### **NEMÉSIO**

I understand. In fact there's a lot of possibilities for the leadership.

No exterior, um homem, GOUVEIA, está à porta do consulado americano. A porta abre e ele entra para uma sala de recepção e senta-se.

Começa a ouvir-se o som do telex.

No escritório, a Cônsul segura o telegrama e lê o seu conteúdo:

DEPARTMENT OF STATE WASHINGTON

*CONTACTS BETWEEN US OFFICERS AND AZOREAN SEPARATISTS COULD BE MADE IN WASHINGTON OR EVEN LISBON WITHOUT ATTRACTING UNDUE ATTENTION.*

*SIMILAR CONTACTS IN THE INCESTUOUS ENVIRONMENT OF PONTA DELGADA, HOWEVER, ARE LIKELY TO COME TO IMMEDIATE ATTENTION OF LOCAL AUTHORITIES AND COULD RAISE SUSPICION THAT U.S. IS SOMEHOW SUPPORTING SEPARATISTS.*

Nemésio sai do escritório e dirige-se ao homem que está sentado na sala de espera.

**NEMÉSIO**

Bom dia doutor como está?

**GOUVEIA**

(levantando-se da cadeira)

Ora viva Nemésio.

**NEMÉSIO**

Doutor, a Sra Cônsul não o poderá receber hoje.

O funcionário faz sinal para a porta e acompanha o homem até à saída.

**NEMÉSIO**

Parece-me doutor, que dada a dimensão da nossa cidade pode haver constrangimentos, o que não acontece em outras paragens.

Nemésio aponta para um mapa dos EUA. Os dois trocam um olhar cúmplice e o homem sai agradecendo.

## **CENA 18. INT. CASA DO PROFESSOR. DIA**

O professor está a escrever na secretária do seu escritório. Um dos filhos anuncia uma visita e o professor faz sinal para entrar. Gouveia entra e após cumprimentar o professor senta-se na poltrona em frente.

**GOUVEIA**

Óh doutor os americanos já estão cautelosos. Parece que temos que ir lá pessoalmente.

**PROFESSOR**

Já estava à espera disto. Portuguese desk.

**GOUVEIA**

Pode não ser mau. Há muita gente lá a fazer pressão. Era preciso organizar as tropas se bem me entende. É preciso unificar o combate e fazê-los perceber, aos americanos, que isto é gente com um projecto.

**PROFESSOR**

Ao mesmo tempo a amizade entre o Soares e o Carlucci é nefasta para os nossos interesses.

**GOUVEIA**

Mas em Lisboa já temos nossos e atacar o Congresso é ir ao topo.

**PROFESSOR**

Eu sei. Bom, quem é que me pode ir buscar ao aeroporto?

Gouveia sorri e entrega-lhe uma pasta.



## **CENA 19. INT. QUARTO DE CAMA DE ABROTEA - DIA**

No quarto de Abrótea, com pouca claridade, estão alguns amigos. Abrótea coloca David Essex no gira discos. O tema é "Rock on". Zeca está num sofá velho a enrolar um charro. Por detrás dele uma bandeira de Che Guevara, ao seu lado MARIA, ISABEL e Roberto. Márcia dança e imita Abrótea a dançar. Todos riem.

**MARIA**

“Pôssa” isso é música para dormir...

**ROBERTO**

Não sei onde é que ele vai buscar estas merd...

É interrompido por Zeca que lhe põe o charro na boca.

**ZECA**

Rock on!

**ABRÓTEA**

(dançando para Márcia)

O que é que a gente vai fazer este verão?

Vamos para os Mosteiros?

**ROBERTO**

Se a casa tiver livre, claro que sim!

**ZECA**

Não há mais cerveja?

**MÁRCIA**

(aponta para Zeca rindo)

Não há mais cerveja e a culpa é dos comunistas!!!!

Horácio entra esbaforido.

**HORÁCIO**

(ofegante)

Vocês perderam uma manifestação do caralho!

Estava tudo quanto é lavrador nas ruas!

O Governador Civil demitiu-se ou aquilo ainda dava merda! Açores Livres!

Horácio respira fundo e olha com desdém ao seu redor.

**HORÁCIO**

Ninguém bebe nada aqui?

**ABRÓTEA**

Que manifestação? De que falas?

**HORÁCIO**

(entusiasmado)

Da FLA! Tudo a pedir a demissão dele e a gritar pela independência! Até hastearam a bandeira do Açores no palácio!

Horácio tira o charro a Márcia abruptamente.

**ZECA**

Mas isso não era uma manifestação da lavoura por causa das rações?

**HORÁCIO**

(ignorando Zeca vira-se para Roberto colocando-se de costas para Márcia)

O teu tio estava lá. Disse-me para te dizer para ires ter com ele. Ele estava lá a tirar fotografias...

Mas a gente vai à emissora regional primeiro, que aquilo vai ser invadido agora.

Vamos! Vim buscar-te!

**ROBERTO**

(começa a dançar com Márcia)

Vamos partir aquela porra toda!

Horácio percebe que Roberto não quer ir e sai sozinho contrariado. Dançam todos como quem tem todo o tempo do mundo, uns em cima do sofá outros junto à janela.

## **CENA 20. INT. ESTÚDIO DE REVELAÇÃO DE FOTOGRAFIAS. DIA**

Num ambiente de quase escuridão, apenas iluminado por uma luz vermelha, Bob (tio de Roberto) começa a colocar o papel de fotografia para começar a revelar. Ouve baterem à porta.

**ROBERTO**

Tio! Posso entrar?

**TIO DE ROBERTO**

Espera! Calma eu já abro.

O tio de Roberto prepara tudo para poder abrir a porta e deixa-o entrar. Começam os dois no processo de revelação.

**TIO DE ROBERTO**

Mais um segundo e já não te podia deixar entrar.

As imagens da manifestação começam a surgir.

**ROBERTO**

Tio, isto é lindo. Nunca tinha visto.

**TIO DE ROBERTO**

Já te tinha dito. A liberdade está quase. Vamos todos poder viver dignamente honrando até os primeiros autonomistas.

**ROBERTO**

Tou a falar das imagens a aparecer. É magia...

**TIO DE ROBERTO**

(parecendo desiludido)

Agora passa-as por água e pendura-as no fio.

## **CENA 21. INT. GOVERNO CIVIL. TARDE**

No salão do Palácio da Conceição que acolhe o Governo Civil um funcionário fecha a janela grande e o som da manifestação a desmobilizar desaparece por completo. Num escritório o Governador arruma as coisas da sua secretária. O General olha-o impaciente.

### **GENERAL**

Sr Governador tem a certeza que quer sair daqui sozinho?

### **GOVERNADOR**

Sim sr. General. Saio pelo meu pé. Aqui tem o pedido de autorização da manifestação que me pediu.

### **GENERAL**

Mas aqui só constam três nomes.

### **GOVERNADOR**

(encolhendo os ombros)

Pois.

O telefone toca.

### **GOVERNADOR**

Estou? Sim. Onde? Certo. Mas o que é que pretende essa gente? COPCON a vir de Lisboa? Bom, agora nada posso fazer. Entreguei a minha demissão, mas está aqui o General Altino. É com ele que tem de reportar. Sr General por favor.

O General segura o auscultador.

### **GENERAL**

Estou sim? Aeroporto? Entendo. Não. Não faça isso. Deixe isso com as Forças Armadas.

### **GENERAL**

(despedindo-se)

Sr Conde.

O Governador ignora-o enquanto o General sai do escritório

## **CENA 22. EXT/INT. CASA DE MÁRCIA. DIA**

Roberto bate à porta da casa de Márcia.

Márcia aparece à janela e atira-lhe a chave da porta.

Roberto abre a porta e caminha no interior da casa. Passa pela sala de estar e pela de jantar. Roberto olha as estantes cheias de livros. Sobe umas escadas e olha para o interior de um quarto de arrumos. Fica parado por uns momentos a olhar para uma televisão.

Márcia sai do seu quarto e vai ter com ele. Beija-o na cara e olha para a televisão.

**ROBERTO**

O feliz e o contente estão ali dentro?

**MÁRCIA**

Sim! O meu pai diz que daqui a uns meses já temos emissão cá.

Márcia e Roberto dirigem-se à varanda do quarto de Márcia. Enquanto percorrem o quarto, Roberto olha para uns desenhos pousados na secretária. Márcia agarra a sua mão e vão para a varanda. Sentam-se a ver alguns telhados de Ponta Delgada.

Roberto acende um cigarro. Tira uma fotografia do casaco e mostra a Márcia.

**MÁRCIA**

Não gosto do que está a acontecer.

Para ti tanto faz que esteja toda a gente a brigar uns com os outros.

**ROBERTO**

(desiludido com a falta de interesse guarda a fotografia)

Deixa lá isso!

**MÁRCIA**

Não percebi o que se passou. Assaltaram o aeroporto, invadiram a emissora. Mas querem voltar atrás?

**ROBERTO**

Começou a ouvir-se que uma força militar estava a vir de avião para cá. O que a gente quer é ter os mesmos direitos que os portugueses.

**MÁRCIA**

A gente? Tudo bem mas aqui há muito a fazer primeiro.

**ROBERTO**

Primeiro? Há coisas aqui que primeiro temos que fazer como ser independentes e mandar em nós. E depois corrigimos o que está mal. São muitos séculos...

**MÁRCIA**

Sim, sim, já sei! Já sei. Os impostos, os impostos, os impostos, a dízima e a décima. Depois dos impostos podemos fugir? Ir conhecer o mundo?

**ROBERTO**

E vamos! Começamos em Nova Iorque?

**MÁRCIA**

Paris!!! Eu vou viver para o quartier latin! E tu serás o meu modelo!

Roberto dirige-se ao quarto e senta-se na cama. Márcia segue-o sorrindo. Deitam-se os dois e começam a beijar-se.

**MÁRCIA**

Tenho uma coisa para mostrar-te.

Márcia dirige-se à secretaria e retira uma pintura em que se vê um homem a tentar nadar com um olho vendado e uma câmara na mão junto a um navio. Márcia mostra a pintura a Roberto que se ri aprovando a pintura como quem aprova a ideia.

**MÁRCIA**

O meu pai já não quer que eu saia à noite.  
Vamos ter que nos encontrar à tarde.

**ROBERTO**

Sais pela janela, já não é a primeira vez.

A porta da rua bate. A mãe de Márcia chama-a.

**ROBERTO**

(quase inaudível)

Então? Disseste que não ias ter ninguém em casa!

**MÁRCIA**

Ela ia a uma consulta!  
Tens que sair pela janela!

Roberto sai do quarto e pula da varanda para um pátio vizinho. Foge de um cão e consegue saltar para outra casa. Aos poucos perde-se de vista nos quintais vizinhos.

## **CENA 23. INT/ EXT. CASA DE ROBERTO - NOITE**

Um grupo de soldados encontra-se à porta da casa de Roberto. O ambiente é tenso. À ordem dada batem à porta com violência, são 02h00 da madrugada.

Armando Vieira acorda assustado, sai do quarto e dirige-se à porta. Ao abrir a porta em pijama depara-se com o furriel Luís Andrade, seu colega de carteira na escola primária.

**LUÍS ANDRADE**

Armando, tens que vir connosco.

**ARMANDO VIEIRA**

Luís?! Que diabo significa isto?

**LUÍS ANDRADE**

Armando, vou ter que te levar!

Luís entrega a Armando um papel dactilografado que exige a sua presença no Comando.

**LUÍS ANDRADE**

Estiveste envolvido na manifestação.

Vai buscar uma muda de roupa.

**ARMANDO VIEIRA**

Envolvido? Eu sou director  
de um jornal, Luís!

**LUÍS ANDRADE**

Não faças isto difícil.

**ARMANDO VIEIRA**

São duas da manhã. Amanhã vou ao quartel.

Luís Andrade faz sinal a um dos militares para entrar. O militar empurra Armando encaminhando-o pelo corredor. Atrás, dois soldados abrem abruptamente as portas dos quartos por onde passam.

Num dos quartos duas crianças acordam e, assustadas, começam a chorar.

Roberto surge a uma porta.

**ROBERTO**

Pai! O que está a acontecer?

**ARMANDO VIEIRA**

Vai cuidar dos teus irmãos.

Roberto deixa passar os militares e corre a entrar no quarto dos seus dois irmãos mais novos, Maria e José. Abraça-os e pede para não chorarem.

Sentado numa cama olha para o corredor através da porta aberta e vê o furriel Luís Andrade caminhar pelo corredor com o olhar no chão.

Armando entra no seu quarto com dois dos quatro militares.

**MARIA VIEIRA**

(muito assustada)

Armando, o que se passa?

Armando coloca a escova e pasta de dentes numa pequena mala e de seguida fecha-a.

**LUÍS ANDRADE**

(off)

Leva a gillette.

Armando olha para a porta de onde veio o som. A sua cara mostra algum desespero. Maria está sentada na cama. Ao pretender levantar-se um militar faz-lhe sinal para ficar quieta.

Armando volta a abrir a mala e coloca dentro a gillette e um sabonete. Começa a tossir muito. Maria olha para o militar que se mostra indiferente.

Ao sair do quarto, Armando beija a face de Maria.

No corredor, Roberto está à porta de um dos quartos, assustado, e vê o pai caminhar entre quatro militares de arma em riste. Roberto e o seu pai cruzam olhares mas não trocam palavras.

O furriel fecha a porta à saída. No exterior, Armando é colocado num jipe militar. Roberto abre a porta, sai para a rua e vê a viatura desaparecer rapidamente.



## **CENA 24. EXT. RUA – NOITE**

Noutra zona da cidade, o mesmo grupo de soldados sai de outra casa com outro preso:  
Nemésio.

## **CENA 25. INT. CASA DE ROBERTO - DIA**

Mãe de Roberto está sentada numa cadeira junto à mesa do telefone. Espera desesperada por resposta do outro lado da linha. Ouve-se um grunhido no auscultador.

### **GRAÇA**

Eu tenho três filhos e estou sem saber de nada.  
O senhor vai dizer-me onde está o meu marido, ouviu?  
É verdade que os mandaram para Lisboa?  
Sim ou não?

Do outro lado ouve-se uma voz quase inaudível. Ao fim de alguns segundos ela desliga o telefone.

O tio Bob toca à campainha. Graça puxa um cordel que abre a tranca. Enquanto sobe a escada Bob conta o que sabe.

### **TIO BOB**

Graça, foram metidos num barco para a Terceira, mas estão todos bem.

Os dois abraçam-se.

No quarto de Roberto, Márcia está na cama a pintar com lápis de cor juntamente com os irmãos mais novos de Roberto. Este arruma a câmara numa gaveta a tranca-a à chave. Ela observa Roberto a trancar a gaveta.

### **MÁRCIA**

Quando é que ele volta? Já sabes?

### **ROBERTO**

Foi enviado para a Terceira. Nem para a gente visitar, foda-se com estes cabrões de merda.

### **MÁRCIA**

O meu pai acha que o teu vai ser liberto rapidamente.  
Ele não organizou nada pois não?

### **ROBERTO**

E o que é que isso interessa? Deixou esses comunas de merda escreverem o que quiseram no jornal e pagam-lhe desta maneira.

Márcia muda de semblante subitamente. Senta-se direita na cama.

### **MÁRCIA**

O meu pai não é comunista.  
E já não fala com os amigos.  
Está cada vez mais macambúzio.

### **ROBERTO**

Está como um búzio? Isso é lindo.  
É por causa desses búzios que o meu pai está preso.

**MÁRCIA**

O meu pai não é comunista!

Ficam os dois irritados um com o outro.

**MÁRCIA**

Atearam fogo à casa da Isabel. Por sorte, ninguém estava em casa. Eles já não regressam à ilha. Pelo menos por agora. Está toda a gente à porrada. Já começo a não achar piada nenhuma a isto.

**ROBERTO**

Isto agora é uma revolução. CHE GUEVARA!

**MÁRCIA**

(sorrindo)

Ó estúpido! O Che Guevara é comunista!

Ficam a olhar um para o outro muito sérios e passados alguns segundos começam a rir e abraçam-se. Roberto emociona-se. Os miúdos abraçam-se aos dois e começam a chorar.

**ROBERTO**

**(desconcertado)**

Ouçam lá mas o que é isto? Temos aqui dois macaquinhos de imitação?

Os miúdos começam a rir e voltam a pintar. Roberto olha para os irmãos alguns segundos pensativo.

## **CENA 26. EXT. SEDE DO PARTIDO COMUNISTA - NOITE**

A sede do Partido Comunista está a arder. Uma pequena multidão observa alguns membros do partido ainda a sair do edifício a segurarem dossiers. Ouvem-se comentários e alguns insultos.

Um pouco à margem, o comandante dos bombeiros dá uma entrevista a um jornal local.

### **JORNALISTA**

Sr. Comandante, a origem do fogo já foi determinada?  
Confirma-se que é fogo posto?

### **COMANDANTE BOMBEIROS**

Não podia ser fogo posto porque o fogo veio de dentro.

O jornalista fica uns segundos sem perceber.

Por detrás do camião dos bombeiros, sem que ninguém dê por nada, Horácio, que tem uma serra de aço consigo, começa a serrar a mangueira do camião. Roberto pede-lhe a serra e acaba o serviço. Horácio olha-o orgulhoso.

A mangueira fica inutilizada e corre água do camião pela rua fora. Roberto e Horácio fogem.

Ouve-se gritos do comandante dos bombeiros.

## **CENA 27. INT. CAFÉ ROYAL - NOITE**

Abrótea e João estão a beber cervejas num café muito popular entre os jovens em Ponta Delgada. O café está cheio de clientes barulhentos.  
No balcão estão dois homens à conversa com o dono do bar.

### **HOMEM 1**

(visivelmente embriagado)

O papá Salazar e a mamã Estaline.  
Gostas mais do papá ou da mamã?

### **HOMEM 2**

**(ignorando o primeiro homem e dirigindo-se ao dono do café)**

Queimaram a bandeira da FLA, aqueles garotos da Lomba da Maia.

### **DONO DO CAFÉ**

Isso é chegar lá e mandá-los todos pelo mar a fora a nadar pró continente.

Entram no café Roberto e Horácio, esbaforidos. Horácio dirige-se à casa de banho e Roberto ao balcão.

### **DONO DO CAFÉ**

(repara que Roberto está à espera)

Que é que vai ser Armandinho?

### **HOMEM 1**

(embriagado)

Um copinho de leite?

### **DONO DO CAFÉ**

Calou! Não sabes de quem é?

### **ROBERTO**

(sem se incomodar com a provocação)

Duas misturas.

O dono do café começa a preparar as misturas (licor de maracujá e brandy).  
Entretanto repara em Horácio a sair da casa de banho.

### **DONO DO CAFÉ**

Horácio! Eh marmelo! Eh pingo molhado! Aqueles travões? Tens o meu carro na oficina há meses!

Horácio faz que não ouve, esquiva-se à conversa e junta-se à mesa de Abrótea e João.  
Roberto chega com as bebidas.

**HORÁCIO**

Aquele pensa que vai ganhar o rally.

**ABRÓTEA**

(acabando uma conversa com João)

O que têm os americanos melhor do que os portugueses?

Riem todos e Horácio dá uma estalada no pescoço de Abrótea.

**ROBERTO**

A tua Janis Joplin por exemplo.

**ABRÓTEA**

E do teu pai tens notícias?

Subitamente alguém avisa para dentro do café que a polícia está a chegar com um bombeiro e Horácio sai rapidamente do café pelas traseiras.

**ABRÓTEA**

Pronto lá foi ele...

Olha lá, e a tua amada? Portuguesa, não é? Como vais descalçar a bota?

**ROBERTO**

Nem me fales. O pai dela não ajuda nada a escrever aquelas merdas no jornal.

**ABRÓTEA**

O pai dela tem razão. Tudo a falar mal do governador quando o homem foi dos poucos que fez frente ao Salazar e ao Marcelo. Mandou a ditadura à merda, quando ninguém mais tinha coragem.

**ROBERTO**

Ele não mandou ninguém à merda! E se mandasse? Já viste algum marquês ir preso? Isto é preciso é mandar esta porra toda ao ar! Um dos maiores donos de terra desta ilha a defender ocupações e a reforma agrária? Isto é uma anedota? Pedir o preço único é defender uma ditadura? Tas a brincar comigo caralho? Foi aquela gente toda presa, o meu pai sem fazer nada...

A confusão instala-se à porta do café. O dono impede a polícia de entrar.

**ROBERTO**

E queres falar de coragem?

Roberto atira uma garrafa em direcção ao polícia e ao bombeiro.

**DONO DO CAFÉ**

Calma caralho!

(dirigindo-se ao polícia)

Eu fecho já esta merda e ponho toda a gente no olho da rua!

(dirigindo-se aos clientes)

Vamos embora cabeças de inhame, tudo prá rua!

## **CENA 28. EXT. PONTA DELGADA - NOITE**

Alguns homens percorrem as ruas vazias em silêncio com latas de tinta e pincéis. Pintam alguns locais com palavras de ordem alusivas à independência. Algumas contêm insultos dirigidos a habitantes da ilha. Horácio encontra-se no grupo.

Ao fim de algum tempo o grupo parece desmobilizar-se mas é interrompido por Horácio.

**HORÁCIO**

Ainda temos que ir a um sítio.

**HOMEM**

Se queres continuar estás por tua conta.



## **CENA 29. EXT. AVENIDA MARGINAL - DIA**

Uma manifestação com algumas centenas de pessoas atravessa algumas ruas em Ponta Delgada. Ostentam cartazes que aludem ao 25 de Abril. Gritam unidos em voz alta.

### **VOZES DA MANIFESTAÇÃO**

SOCIALISMO SIM! SEPARATISMO  
NÃO! SOCIALISMO SIM!  
SEPARATISMO NÃO

Roberto, Horácio, Abrótea e alguns amigos bebem cervejas sentados no paredão da Avenida Marginal.

Começa a ouvir-se ao longe o som da manifestação. Os amigos começam a correr em direcção ao som.

### **VOZES DA MANIFESTAÇÃO**

(off)

SOCIALISMO SIM! SEPARATISMO  
NÃO! SOCIALISMO SIM!  
SEPARATISMO NÃO!

Vêm a manifestação chegar por uma rua oblíqua que comunica com a avenida onde se encontram.

Abrótea olha para Roberto e sorri. Roberto percebe que o amigo comunica com o olhar e retribui. Abrótea é o primeiro a atirar a cerveja para o meio dos manifestantes, seguido por todos os outros.

### **ROBERTO**

(enquanto atira uma garrafa )

Escumalha!

Alguns dos manifestantes resolvem correr atrás de Roberto e dos seus amigos obrigando estes a fugir.

No meio da correria todos se separam. Alguns começam a bater-se violentamente. No meio da gritaria, Roberto é apanhado por dois. Horácio volta atrás e salva Roberto de apanhar um soco. Fica ocupado com os dois manifestantes. Entretanto chegam mais manifestantes empunhando as varas de madeira dos cartazes que usam para agredir Roberto que se envolve na violência e dispara um pontapé num manifestante que acaba por cair ao chão e ficar inanimado. Olha mais atentamente e repara que tinha agredido Zeca. Leva um soco e cai. Assustado começa a correr. Horácio grita palavras de ordem enquanto começa a correr e a fazer gestos obscenos. Os manifestantes desistem de continuar atrás dele.

### **CENA 30. EXT. RUA DA CASA DE MÁRCIA - DIA**

Roberto pára de correr, cansado e ofegante. Recupera o fôlego e dirige-se a casa de Márcia.

Ao chegar, repara que a casa de Márcia está toda pintada.

Lentamente a câmara simula o seu olhar enquanto lê o que está escrito. "Vai-te embora" e "Esta casa é de um traidor" é o que ainda se consegue ler pois dois homens estão a pintar a casa novamente. Roberto limpa o sangue que tem na cara e pouco depois vai-se embora apreensivo.

### **CENA 31. INT. OFICINA - DIA**

Márcia entra de rompante na oficina do pai de Horácio.  
Vê umas pernas a saírem debaixo de um carro e pontapeia o macaco que o sustem. O carro cai, esmagando parcialmente o pai de Horácio.

#### **MÁRCIA**

A tua estupidez espanta-me! Estás contra quem? Filho da puta! E a favor de quem? De quem explora e explorou toda a gente aqui na ilha? Eu sei que foste tu e vou dizer tudo à polícia!

#### **PAI DE HORÁCIO**

Ó minha caralha, quando eu sair daqui debaixo vais apanhar pela tua avó que pariu tua mãe!

Márcia fica em choque e surpreendida.

#### **MÁRCIA**

Oh desculpe. Pensava que fosse o seu filho.

Maria entra na oficina esbaforida.

#### **MARIA**

Não me ouviste? Estou a chamar-te há horas.

Olhando para o pai de Horácio a espernear e a tentar sair começa a rir, agarra em Márcia e leva-a para fora. As duas começam a correr pela rua da oficina até fazerem a curva e entrarem noutra rua.

## **CENA 32. INT. CASA DE MÁRCIA. NOITE**

Márcia está na cama pensativa. Pelo quarto vêem-se tintas, desenhos e outras coisas todas espalhadas. O pai chega a casa. Ao ouvir o som dele a subir as escadas, Márcia levanta o som do rádio. O pai bate à porta. Ela finge que não ouve.

**PAI DE MÁRCIA**

**(off)**

Tenho uma coisa para te mostrar.

Márcia?

Márcia puxa um cobertor e tapa-se.

Alguns segundos depois o pai abre a porta devagar e dirige-se ao rádio. Baixa o som e senta-se na cama.

**PAI DE MÁRCIA**

O Roberto fuma?

A expressão de terror de Márcia é revelada em grande plano por baixo do cobertor.

**PAI DE MÁRCIA**

Márcia.

**MÁRCIA**

Qual Roberto? Não sei. Como é que eu ia saber isso?

Ao destapar Márcia o pai mostra-lhe um maço de cigarros Apolo 20 com o design que ela tinha criado. Márcia fica atônita e depois sorri. Os dois dão um abraço longo. Márcia está emocionada.

### **CENA 33. INT. QUARTO DE ROBERTO - DIA**

Roberto está na sua cama, pensativo, a olhar para o tecto.

O tio bate à porta.

Roberto levanta-se e abre a porta. O tio entra e senta-se com ele.

#### **TIO DE ROBERTO**

O teu pai vai estar bem. Não te preocupes.

Da próxima vez que eu vier a esta terra venho a uma terra livre!

Livre de uma exploração que nos amaldiçoa há centenas de anos.

Se não fosse essa terra não dar nada por causa daqueles portugueses eu nunca tinha emigrado.

Roberto olha para o tio em silêncio.

#### **TIO DE ROBERTO**

Sometimes there's collateral damage.

Vá! Dá cá um abraço que eu não sei quando é que a gente se vê outra vez!

Os dois abraçam-se e Roberto vai despedir-se com os irmãos à porta de casa. Em perspectiva vê-se a mãe encostada no mesão da cozinha com uma mão a cobrir o rosto.

**CENA 34. EXT. CASA DE MÁRCIA. TARDE**

Roberto aparece à porta de casa de Márcia conduzindo o carro do pai. Apita várias vezes até que Márcia vem à janela.

**MÁRCIA**

Oh, que é isto?

**ROBERTO**

Vem! Vamos dar uma volta.

**MÁRCIA**

Não po...

Ok

**CENA 35. EXT. CAMINHOS RURAIS. TARDE**

Fazem a viagem em silêncio. Márcia olha para Roberto com carinho. Ao fim de algum tempo uma manada ocupando as vias impede-os de prosseguirem.

**MÁRCIA**

Vacas.

**ROBERTO**

Vacas.

Essas é que estão bem a cagar nisto tudo.

**MÁRCIA**

E de que maneira.

Riem os dois enquanto o carro passa e algumas vacas ao redor vão evacuando na estrada.

**MÁRCIA**

**(apontando para uma)**

Vou chamar a esta máquina de cagar “Horácia”.

**CENA 36. EXT. NA COSTA JUNTO AO MAR. TARDE**

Márcia e Roberto estão sentados numa rocha junto ao mar. Ela abraça-o pelas costas e após alguns segundos surpreende-o e mostra-lhe o maço de Apolo 20.

**ROBERTO**

O que é isto? É novo!

**MÁRCIA**

O meu pai mandou oferecer-te.

Roberto faz uma careta desconfortável. Abre o maço e acende um cigarro. Passam alguns segundos em que nada dizem, apenas olham o horizonte.

**ROBERTO**

A minha mãe amanhã vai à Terceira ver o meu pai.  
Vou ter que ficar a cuidar dos meus irmãos durante o fim-de-semana.

**MÁRCIA**

Ele já está preso há duas semanas. Queres que te ajude?

**ROBERTO**

A minha tia vai cozinhar e eles já se lavam sozinhos e se não o fazem vão aprender.

**MÁRCIA**

Pronto! É assim mesmo! Agora quem manda na casa é o Armandinho!

Roberto...

Já escolheste o que vais fazer? O curso que vais tirar?

**ROBERTO**

Nem tenho cabeça para essa merda.  
E depois tu ainda cá estás pelo menos mais um ano, minha criancinha.

**MÁRCIA**

Mas depois vamos os dois juntos para fora!!  
Eu vou ser pintora e tu jornalista ou o que queiras.

Márcia abraça-o com força e Roberto sorri brevemente.

**ROBERTO**

Não sei se algum dia vou conseguir sair. Já não sei se quero, também.

**MÁRCIA**



Conseguir consegues. Tens é que saber se queres. Se duvidas disso é porque não queres na verdade. Se calhar nunca quiseste.

**ROBERTO**

Não é verdade.

**MÁRCIA**

Tu por agora estás contente na tribo. Eu não sei se faço parte dela.

**ROBERTO**

Claro que fazes.

**CENA 37. INT. CONSULADO EUA. DIA**

Em dois planos fechados alternados vêem-se as mãos do funcionário do consulado a escrever um telegrama, ou as letras que vão surgindo:

“9 OF THE 33 PERSONS ARRESTED IN CONNECTION WITH THE EVENTS OF JUNE 6 IN PONTA DELGADA WERE RETURNED TO SAO MIGUEL THIS MORNING AND RELEASED. NO OFFICIAL ANNOUNCEMENT OF THE RELEASED HAS BEEN MADE, NOR HAS ANY INDICATION BEEN GIVEN AS TO WHEN OR IF OTHERS WILL BE FREED.

AMONG THOSE RELEASED ARE: ARMANDO VIEIRA, DIRECTOR OF PONTA DELGADA NEWSPAPER”

## **CENA 38. EXT. RUA. MANHÃ**

Roberto está sentado com Abrótea num muro no exterior do Liceu. Por detrás lê-se “Açores para os Açorianos, Madeira para os Madeirenses e Portugal para os Portugueses”. Alguns estudantes passam e acenam aos dois. Horácio passa de carro e de seguida estaciona. Tem uma nódoa negra junto ao olho.

**ABRÓTEA**

Eh Zorro!

**HORÁCIO**

(ignorando Abrótea, dirigindo-se a Roberto)

Teu sogro português não te dá cigarros?

**ROBERTO**

(oferecendo um cigarro a Horácio)

Pega lá. Ele não sabe de nada.

E tu que é que estás aqui a fazer? Vais matricular-te?

Vais aprender a escrever?

**HORÁCIO**

Para ficar como tu?

Vocês têm alguma coisa? Ninguém sabe do Africano...

**ABRÓTEA**

Eu tenho aulas com o teu líder...

**HORÁCIO**

Para fumar, sua abrótea!

**ROBERTO**

(virando-se para Abrótea)

Não tens não. O professor está na América ao tempo!

Ao longe vem Maria, chorosa e muito angustiada. Faz sinal a Roberto para esperar.

**MARIA**

(para Roberto)

Tenho uma notícia chata para te contar.

## **CENA 39. EXT. RUA - DIA**

Roberto corre angustiado em direcção a casa de Márcia. Pelo caminho vê um rapaz a andar de bicicleta e fá-lo parar. Dá-lhe o maço de tabaco e rouba-lhe a bicicleta.

**RAPAZ**

Eu não fumo!

**ROBERTO**

Já te trago a bicicleta.

Ao chegar à rua vê o carro do pai dela totalmente carbonizado e dois táxis esperando por passageiros. Mantém-se distante e com o olhar procura algum sinal de Márcia.

Márcia aparece à porta com uma mala na mão. Vê Roberto e dirige-se até perto dele. O pai está a carregar malas para um dos táxis.

**MÁRCIA**

(triste)

Vamos para Lisboa.

**PAI DE MÁRCIA**

(gritando)

Márcia!

Márcia agarra a mão de Roberto e entrega-lhe a sua chave de casa sussurrando-lhe ao ouvido.

**MÁRCIA**

Nem feliz, nem contente.

Roberto fica paralisado, sem reacção olha Márcia e a família desaparecerem na rua dentro dos táxis.

**(FIM DO 1º ACTO)**

## **ACTO II**

### **CENA 40. EXT. RUA - DIA**

Amanhece calmamente em Ponta Delgada. As ruas estão meio vazias com os vendedores de peixe e pão a fazerem-se ouvir carregando os produtos em cestas de vime. Dois homens vestidos a rigor lêem o jornal em voz alta na rua para saber a hora em que a emissão da televisão regional inaugura.

Numa vitrina de uma loja de electrodomésticos estão alguns transeuntes a tentar ver a inauguração da RTP-Açores.

As crianças lutam por um lugar à frente.

## **CENA 41. EXT/INT. CASA DE MÁRCIA - DIA**

Roberto espera impacientemente junto à porta da casa de Márcia por Abrótea que finalmente chega ao início da rua com uma antena e um cabo.

**ROBERTO**

Conseguiste! Boa!

**ABRÓTEA**

Porra nem me fales! Aquele Africano é doido.

**ROBERTO**

Vamos!

**ABRÓTEA**

Tens a certeza? A gente pode entrar aí?

Roberto abre a porta da casa de Márcia com a chave que ela lhe tinha dado. Ambos entram e caminham lentamente pela casa quase vazia. Sobem até ao quarto.

**ROBERTO**

Está aqui em cima!

Ao chegar ao quarto de Márcia, Abrótea vê uma televisão no meio do quarto vazio.

**ABRÓTEA**

Oh! Vamos lá fazer isto.

Abrótea e Roberto tentam apanhar a emissão da RTP Açores. Um e outro alternam na varanda, com a antena, a tentar apanhar o sinal. Ao fim de algum tempo conseguem imagem. O General faz um discurso que não se consegue ouvir. Roberto começa a ficar muito nervoso.

**ROBERTO**

Foi este cabrão que mandou prender o meu pai.

Abrótea não o ouve. Está lá fora, na varanda, com a antena na mão a olhar para os restantes telhados da cidade. Ao fundo vê-se o mar.

Roberto aproxima-se à varanda. Olha para Abrótea que está absorto em pensamentos.

**ROBERTO**

Estás a ver OVNI's?

**ABRÓTEA**

Ein? Não. Estava a pensar que as casas em S.Miguel são sólidas. Grossas.

Como as pernas da Isabel. O que é feito dela?

**ROBERTO**

Ah. Ok. Mantém essa merda direito que eu tou aqui a ver uma coisa. Chama-se televisão, sabes? E começou hoje e tem um porco a falar mas não diz nada.

Roberto senta-se no quarto a ver a imagem do General. De repente o sinal perde-se, Abrótea surge na janela que dá acesso à varanda.

**ABRÓTEA**

Não ias ver um feliz e contente?

**ROBERTO**

Eu tou a ver uma tristeza! Mas tens que estar quietinho a apontar essa merda pró Brasil.

Enquanto Abrotea se dirige novamente para fora, Roberto olha para o quarto de Márcia. Percorre com o olhar lentamente a cama dela e a sua secretária. Leva a mão à cara e quando destapa fixa o olhar no General.

## **CENA 42. INT. TEATRO MICAELENSE - NOITE**

Centenas de pessoas estão aos gritos no interior do Teatro Micaelense. Estamos num comício da FLA (Frente de Libertação Açoriana). Vêm-se muitos panos com palavras de ordem pendurados do 1º balcão, que se encontra repleto.

A imagem do professor de Roberto está pendurada por detrás do participante que discursa.

### **VOZ DO ORADOR**

Anos e anos nisto. Levam todo o nosso dinheiro, os nossos impostos! Matam a nossa indústria, arrendam bases aéreas por quantias absurdas das quais não vemos um tostão e nós? Nós? Sempre forçados a emigrar!

Acabou-se! Vamos ser donos de nós próprios! E não deixar que a miséria da ditadura soviética nos faça viver noutro estado totalitário! Querem construir uma democracia? Então construam-na com democratas!

Roberto está entusiasmado com o discurso que ouve. Horácio combina com Abrótea irem para a praia beber umas cervejas enquanto aplaudem de vez em quando. O Africano aproxima-se.

### **VOZ DO ORADOR**

(off)

Portugal para os portugueses, Madeira para os madeirenses e os Açores para os açorianos!

### **HORÁCIO**

(segurando o pescoço de Roberto apresenta-lhe o Africano)

Roberto, esse é o Africano.

O ambiente está inflamado gritando a assistência pela independência. No final todos os participantes gritam várias vezes, ritmadamente e em uníssono, “FLA”.

### **VOZ DO ORADOR**

E agora uma salva de palmas para o nosso líder!



## **CENA 43. EXT. PRAIA - NOITE**

O grupo de amigos chega à praia em dois carros. Ao sair de um dos carros, Horácio vê outro grupo mais distante e reconhece Zeca e Maria que estavam juntos na manifestação contra a independência. O Africano dá uma passa de um charro a Abrótea.

### **ABRÓTEA**

Ui dessa liamba não quero mais!

### **AFRICANO**

É suruma, não é liamba.

Dirigem-se ao grupo que está animado com um deles a tocar numa viola Zeca Afonso.

### **HORÁCIO**

(ironizando, dirigindo-se a um que estava a fumar um charro)

Oh hippie do caralho! És comunista ou és português?

### **ZECA**

Eh! a gente não quer problemas.

### **AFRICANO**

Qualquer um leva na cara.

E problemas já temos todos, amigo.

### **ZECA**

Não! Problemas a gente tinha, agora não.

Agora é a liberdade que vem aí amigo. Podemos dizer o que pensamos e principalmente vamos ter justiça social!

### **AMIGO DE ROBERTO**

Mas que caralho de liberdade tas para aí a falar?

O que é que vai mudar? Vão ser esses portugueses, comunas ou não, a mandar sempre na gente.

Quando vierem pegar na terra de meu pai que eu trabalho todos os dias para darem a preguiçosos como tu, vais chamar isso de liberdade? ou para depois mandarem a gente para a prisão por dizer o que pensa, e a vocês nada acontece? Português do caralho!

### **ZECA**

(virando-se para Abrótea com ironia)

Onde é que desencantaram aqui o político? Ó amigo a terra é de quem a trabalha não achas?

### **AMIGO DE ROBERTO**

Ó meu grande atoleimado, quem é que achas que trabalha na terra que eu tou falando?

**ZECA**

Esta ilha é só de cinco ou seis. E o resto é só escravos. Não percebes isso? Porque achas que toda a gente tem família na América?

**AMIGO DE ROBERTO**

Porque Portugal andou a piratear esta merda há séculos. A gente não pode exportar nada nem importar para aqueles chuletas andarem à grande.

**ZECA**

Eh Abrótea, tu não dizes nada é? e tu Roberto, isso é para a gente andar à porrada é isso?

**ROBERTO**

Entrarem pela tua casa dentro para levarem teu pai preso a meio da noite como se fosse criminoso. E tu? Não dizes nada?

**ABRÓTEA**

A gente não tem carros, nem iates como vocês.

**MARIA**

(segurando na viola)

(fazendo um gesto com a cabeça para Horácio)

E chegaram aqui como? De burro foi?

**HORÁCIO**

Não querida a gente veio no carro do teu pai que estava na oficina do meu.

Horácio rouba a viola e corre fazendo alguns começarem a rir-se.

Enquanto corre, Horácio canta o malhão.

Um dos que estava com Zeca corre atrás de Horácio mas Roberto agride-o com um pontapé. A câmara afasta-se enquanto se vê a confusão instalar-se.

**CENA 44. INT. QUARTO DE CAMA. CASA LISBOA – MANHÃ**

Márcia está na cama, no seu quarto, em Lisboa. Está triste e entediada. Ouve o som de apitos e gritos vindos do exterior. Lentamente levanta-se a dirige-se à janela.

## **CENA 45. EXT. RUA. MANHÃ**

Rapazes e raparigas correm na rua fazendo alvoroço. Alguns transeuntes protestam com eles. Uma jovem embate contra um velhote, fazendo-o cair. Ela ri-se mas fica a ajudar o velho a levantar-se. Dá o chapéu de chuva ao velho e este começa a agredi-la com ele. Um dos rapazes volta atrás para ajudá-la a fugir. A tudo Márcia assiste da janela do 3º andar.

**VELHO**  
**(gritando)**

Suas bestas! Já ninguém respeita nada.

Surge uma mulher de dentro de uma mercearia.

**MULHER**  
**(para a rapariga)**

Queixa-te, queixa-te, tu gostas é de levar com ele!  
Retornados de merda.

**CENA 46. INT. CASA DE MÁRCIA, LISBOA. MANHÃ**

A mãe de Márcia entra em casa. Está vestida com uma farda de enfermeira. Dirige-se ao quarto de Márcia. Entra.

**MÃE DE MÁRCIA**

Então? Outra vez sem aulas?

**MÁRCIA**

**(quase ausente)**

Sim. A greve é para continuar.

Ficam as duas em silêncio. Márcia continua a olhar para o exterior, de costas para a mãe, que está preocupada.

**MÁRCIA**

O que está a acontecer hoje?

**MÃE DE MÁRCIA**

Uma manifestação do Partido Socialista. Ali para os lados da Alameda. O teu pai está para lá.

**MÁRCIA**

Mãe, gosto de ver-te com essa farda. Ficas bonita. Porque nunca usaste? Estamos sem dinheiro?

**MÃE DE MÁRCIA**

**(sorrindo)**

Não filha não estamos. Mas agora não há mais vergonha.

**MÁRCIA**

Tinhas vergonha de ser enfermeira? Nunca me disseste.

**MÃE DE MÁRCIA**

Não, nunca tive. É complicado.

## **CENA 47. INT. CASA DE ROBERTO - NOITE**

O pai de Roberto assiste ao debate pela televisão, na sala em que dois políticos de lados opostos da contenda independentista debatem na RTP Açores o processo revolucionário nos Açores.

A mãe de Roberto está na cozinha finalizando o jantar.

Um fio de telefone atravessa um corredor e entra numa despensa. No interior da despensa, sentado num banco pequeno, Roberto fala com Márcia ao telefone.

**MÁRCIA**

**(OFF)**

Isto é uma merda não gosto de estar aqui. Tenho saudades tuas.

**(silêncio)**

Não dizes nada. Ontem houve uma grande manifestação aqui do PS. O meu pai diz que isto não vai virar comunista.

O pai bate à porta da despensa.

**ROBERTO**

Tenho que ir. Toma cuidado.

No jantar todos estão em silêncio, até que o pai de Roberto decide falar.

**ARMANDO**

Podias tirar direito em Coimbra ou Lisboa.

**ROBERTO**

Não quero ir para Portugal, muito menos agora.

**ARMANDO**

O que raio queres tu fazer da tua vida? O que é que te falta? Não tarda nada acabas como esses sem prestar dos teus amigos. Isso vai tudo parar à cadeia!

**ROBERTO**

Quando tudo isto acabar vamos poder mandar em nós próprios! Donos do nosso destino pela primeira vez, longe de mais uma ditadura! É agora!

**ARMANDO**

É? É agora? Isto não vai virar comunista. Achas que se o Soares consegue ganhar as eleições, a América vai preferir o teu professor? Mas tu és burro? A América não são os emigrantes, essa cambada de imbecis! Pareces o teu tio a falar, aquele ignorante, como

se os americanos te fossem deixar fazer lá o que pensas fazer.

**ROBERTO**

O pai fala como um português!

**ARMANDO**

**(tossindo)**

Tu ainda vais a tempo de levar um par de coices ouviste?

O pai de Roberto sai da mesa e vai para outra divisão da casa.

**MÃE DE ROBERTO**

Ele não anda nada bem. E a Márcia?

**ROBERTO**

Tenho que sair.

## **CENA 48. EXT. QUINTAL DE HORÁCIO - DIA**

Roberto está no quintal com Horácio e o Africano. Horácio manuseia uma pequena garrafa de gás.

**HORÁCIO**

Portanto...Agora...Pum!

**ROBERTO**

Quem é te ensinou isso?

**AFRICANO**

(rindo)

Foi o doutor da Madeira!

**ROBERTO**

Quem é esse gajo?

**HORÁCIO**

Homem! o FLAMA, o terrorista da Madeira.  
Baixinho, sequinho?... Veio para aqui ensinar estas merdas. Rebentou com a casa do Gamão no outro dia. Aquilo é plástico, pólvora negra, é granada defensiva, é o que tu quiseses.

**AFRICANO**

Mas a polícia já o apanhou. No café a ver televisão...  
estava chateado porque não lhe tinham posto uma televisão em casa.

Todos riem. Horácio continua na preparação da bomba enquanto os outros dois conversam.

**ROBERTO**

Tu chegaste há pouco tempo aqui. Que te interessa a independência dos Açores?

**AFRICANO**

Eu e a minha família ficámos sem nada por causa desses cretinos de merda desses socialistas ou comunistas. Não me interessa. E eu só estou aqui à espera de um deles.

**ROBERTO**

Mas militar? Algum General?

**AFRICANO**

Não. Um palhaço chamado Almeida Santos.  
Sabia de tudo e avisou só os amigos.



A gente veio sem nada para cá. E eu ando para aqui aos caídos.

**ROBERTO**

És de onde?

**AFRICANO**

Lourenço Marques. Moçambique. Muito longe daqui.

**HORÁCIO**

Pronto já está! Agora vamos ver quem é que é maricas?

**ROBERTO**

De que falas?

**HORÁCIO**

Eu já não peço para ir com mais ninguém. Ninguém me leva a sério. Então a gente vai começar a fazer as coisas nós próprios. A ver quem é que não nos leva a sério a partir de agora.

Saem os três da casa de Horácio e colocam a garrafa de gás armadilhada no carro do Africano. O pai de Horácio chega nesse momento.

**ROBERTO**

Horácio, o teu pai.

Horácio olha para o pai com uma cara de terror. Dirige-se novamente à porta da rua onde ele o espera. Assim que Horácio começa a entrar na porta o seu pai começa a agredi-lo. Africano e Roberto arrancam.

**CENA 49. INT. CARRO - FIM DE TARDE/NOITE**

**ROBERTO**

Então senhor Moçambique quem é que vai acordar com este despertador?

**AFRICANO**

Não estás com pressa para chegar a casa, pois não?

**ROBERTO**

Eu não tenho nada para fazer.

Continuam viagem até chegarem a uma rua com um escritório da TAP. Estacionam.

**AFRICANO**

Agora vamos ter que esperar até que fique mais de noite.  
Aguenta aqui que vou buscar umas cervejas.

Africano sai do carro e Roberto liga o rádio.

**CENA 50. INT. JORNAL AÇORES. DIA**

Armando está na sua secretária a ler alguns jornais do continente incluindo o Jornal Novo de 7 de Agosto onde está publicada na íntegra a declaração dos nove. A câmara mostra algumas passagens. Armando começa a ficar muito agitado.

**ARMANDO**  
**(gritando)**

Zé! Zé!

Entra JOSÉ MARIA no gabinete.

**JOSÉ MARIA**

Senhor.

**ARMANDO**

Telefona para baixo. A gente vai alterar a primeira página e publicar esta bomba. Até que enfim que aquele Melo Antunes faz alguma coisa como deve ser.

## **CENA 51. INT. CASA DE MÁRCIA-LISBOA. MANHÃ**

REGINA, a empregada doméstica dos Costa, lava a loiça na cozinha. Márcia acorda e ouvindo barulho sai do quarto e dirige-se à cozinha. Regina não dá por nada pois Márcia vem pé ante pé sem fazer barulho, curiosa, mas com algum receio. Regina acaba de lavar a loiça. Começa a secá-la com um pano. Súbito sente uma presença e olha para a porta. Ao ver Márcia assusta-se e deixa cair um prato.

**REGINA**

Ó menina, ó menina... por favor... assustei-me.  
desculpe, eu limpo já tudo e pago o prato. Ó menina  
devia ter dito alguma coisa.

**MÁRCIA**

(serena)

Deixe. Não se preocupe.

Márcia vê Regina começar a limpar os cacos e vai para o quarto. Deita-se na cama. Regina acaba de limpar, dirige-se à porta da cozinha e espreita o corredor.

No quarto, Márcia levanta-se e dirige-se à janela pensativa.

Regina começa a passar a roupa a ferro na cozinha. O rádio toca música de Zeca Afonso. Márcia surge outra vez à porta da cozinha. Regina sorri.

**REGINA**

Fiz-lhe um cafezinho. Aceita?

**MÁRCIA**

(emocionada)

Sim.

Regina gesticula para Márcia de sentar. Vai buscar-lhe o café e serve.

**MÁRCIA**

E para si?

**REGINA**

(sorrindo)

Eu já tomei logo de manhã.  
As coisas não estão bem, pois não?

Márcia desvia o olhar para a chávena. E Regina continua a passar a ferro. Ouve-se gritos vindos da rua.

**REGINA**

Esses malditos retornados!

**MÁRCIA**

Quem são?

**REGINA**

Gente rude e mal criada que veio de África.  
Andam aos caídos pelo Rossio só querem beber e  
andar à pancada. Como se já não tivéssemos que  
chegasse. Viveram à custa dos pretos e agora  
querem vir viver à nossa custa também.

Márcia começa a mostrar-se intrigada e interessada, o que não passa desapercibido a Regina. Trocam olhares.

**REGINA**

A minha irmã trabalha num hotel que de um  
momento para o outro virou asilo desta gente sem  
educação.  
E a sua escola?

**MÁRCIA**

Desde que cá cheguei que só há reuniões para isto e  
greve para aquilo. Não conheço ninguém.

**REGINA**

Diga menina? Não percebi.

**MÁRCIA**

Reun...Deixe não tem importância.

Márcia volta para o quarto. Regina fica a olhar Márcia a ir.

**REGINA**

(em voz baixa baixa)

Esta fala como os macacos.

## **CENA 52. EXT. RUAS LISBOA. TARDE**

Márcia passeia por Lisboa. Junto à sede do IARN, detém-se a ver as filas de retornados, todos com ar de desespero. Márcia caminha ora perdida, ora serena. Apanha um eléctrico e na Praça Luís de Camões, junto ao hotel Europa, um grupo de jovens retornados visivelmente embriagados ou drogados e divertidos, ao ver a chegada do eléctrico começa a gritar “Machimbombo” e a correr atrás do mesmo, saltam-lhe em cima a apanhar boleia. Um deles, GABRIEL, agarra-se à janela do eléctrico que corresponde ao banco onde está sentada Márcia. Gabriel sorri e troca um olhar cúmplice e divertido com ela. O condutor do eléctrico pára o veículo e Gabriel desce e afasta-se. Márcia sai na paragem seguinte. Caminha alguns passos e sente alguém a aproximar-se. É Gabriel.

**GABRIEL**

Olha lá não tenhas medo.

**MÁRCIA**

Eu não tenho medo de ti.

**GABRIEL**  
**(sorrindo)**

Pronto. Então podemos conversar.

**MÁRCIA**

Eu não quero comprar nada.

**GABRIEL**

Eu não vendo nada a não ser caldos knorr que estes idiotas julgam ser haxixe. Mas não tenho pena deles. Posso fazer-te companhia?

**MÁRCIA**

Como queiras.

Os dois caminham um bocado sem dizer nada.

## **CENA 53. INT. QUARTO DE MÁRCIA. NOITE**

Márcia desenha a fila de retornados na sua secretária. Ao lado, um desenho de Gabriel agarrado ao eléctrico. O pai bate à porta e entra no quarto. Junta-se a Márcia e olha para os desenhos.

**PAI DE MÁRCIA**

Quando começa a escola? Já sabes?

**MÁRCIA**

**(irónica)**

Não pai, não sei. É melhor perguntar ao MRPP ou ao MDP ou ao PC ou à UDP ou ao CDE, ou à RGA ou sei lá...

**PAI DE MÁRCIA**

**(preocupado)**

O que são estes desenhos?

**MÁRCIA**

Segundo a Regina são uns vagabundos que vieram de África e que estão aqui para roubar empregos. Vi esta imagem no IARN (morada)

**PAI DE MÁRCIA**

Bem eles lá sabem o que fizeram para se encontrarem nessa posição. Talvez fosse melhor um exame de consciência de vez em quando. E tu, pelo menos agora, devias escolher um lado justo e não andar sempre ao lado de tudo o que é reaccionário colonialista ou fascista.

**MÁRCIA**

Em S. Miguel os colonialistas eram os portugueses do continente, aqui os colonialistas são os retornados, mas quem é que coloniza afinal? Não são todos o mesmo? Não são todos portugueses? Como se define quem é quem?

**PAI DE MÁRCIA**

Márcia não tentes analisar as coisas de uma maneira tão simplória. Se se conseguir que a direita fascista não volte ao poder nem imaginas como as coisas mudarão. Democracia e liberdade significam educação para todos, acesso à saúde, a um sistema de saúde como deve ser, voto universal, habitação digna e uma sociedade inclusiva, coisas que até agora não estavam ao alcance de todos. Tu como mulher, no futuro, vais entender isso melhor do que ninguém.

**MÁRCIA**

Sim, já começo a entender. Estou sem amigos a viver numa cidade em que as pessoas se odeiam e odeiam ainda mais

quem vem de fora. Aqui toda a gente foi de esquerda desde que nasceu! Ainda bem que nós também somos. Ao menos aqui ninguém nos vai queimar o carro, ou vai?

Tocam à porta. A mãe chama-os para virem receber as visitas. A irmã de Ernesto, LEONOR, entra com a sua filha CRISTINA. Todos se cumprimentam e apresentam. Cristina e Márcia olham-se com curiosidade.



## **CENA 54. EXT. ROSSIO. TARDE**

Márcia passeia no Rossio há muita gente e a confusão é imensa. Ao passar pelo café Nicola, Márcia detém-se a ver um confronto verbal entre dois grupos. Um dos grupos desloca-se a pé e caminha em direcção ao D. Maria com alguns cartazes em que se lêem palavras de ordem antifascistas, o outro (o dos retornados) está junto à parede exterior do café.

### **HOMEM DO GRUPO QUE CAMINHA**

Pois é. Agora não há mais escravos para tratar mal e explorar não é? Agora é mamar...

### **HOMEM RETORNADO**

Mamar aqui só vocês, ontem fascistas, hoje comunistas, de bufos passaram a revolucionários, amanhã há-de se ver. Não deixavam nenhuma mulher sair de casa, mas agora são libertários. É preciso conhecer-vos bem, cambada de chulos e mentirosos. Fiquei sem nada, vi amigos morrer para vocês estarem aí a brincar às revoluções sem saber o que significa! Lutei para conseguir ter o que tinha e foi-me tirado à traição.

### **HOMEM DO GRUPO QUE CAMINHA**

Sugaste o que havia lá e agora vens tirar o que é nosso.

### **MULHER DO GRUPO QUE CAMINHA (gritando)**

Viva o MPLA!

Alguém atira uma garrafa para o meio do grupo que caminha. Outro atira uma cadeira. Os ânimos estão muito exaltados e Márcia desvia-se para o meio da praça. Ao dar a volta à estátua de D. Pedro IV, vê Gabriel que vende alguma coisa a um jovem bem vestido. Ela desvia o olhar e Gabriel caminha em direcção a ela.

## **CENA 55. INT. CASA DE CRISTINA. TARDE/NOITE**

Cristina abre a porta de casa e conduz Márcia até à sala de estar. Márcia detém-se a olhar para a estante cheia de livros. A maioria são livros de política mas também existem muitos romances e livros de arte. Alguns quadros enfeitam a parede. Enquanto Cristina sai por uns momentos da sala, Márcia consulta alguns livros numa secção de autoria feminina. Ao sentar-se no chão com uma tradução de Simone de Beauvoir repara num caderno descaído numa prateleira junto ao chão. Retira-o, abre-o e vê uma coleção de revistas “O tempo e o modo” de onde cai inadvertidamente alguma arte panfletária que retém a sua atenção.

Cristina aproxima-se chateada ao reparar na curiosidade excessiva de Márcia e esta apercebendo-se disso tenta acalmar a situação.

**MÁRCIA**

São lindos. Adorava ter um stencil (mimeógrafo).

**CRISTINA**

**(receosa)**

Esses trabalhos não valem nada, são de uns estrangeiros que por aqui passaram.

**MÁRCIA**

Não gostas? Então poderias dar-mos?

**CRISTINA**

São da minha mãe, desculpa, e ela não gosta nada que toquem neles.

Cristina retira o caderno com os panfletos das mãos de Márcia e dirige-se a uma outra sala. Márcia levanta-se, agarra a sacola que trazia e prepara-se para sair. Cristina volta e olha para ela surpreendida.

**MÁRCIA**

Desculpa, eu vou indo.

**CRISTINA**

Mas espera, tenho uns amigos a chegar e a minha mãe só chega à noite.

**MÁRCIA**

**(emocionada)**

Não, desculpa a gente vê-se depois.

**CRISTINA**

Márcia.

As duas olham-se longamente (como quem comunica dúvidas e vulnerabilidades) e Márcia anui a ficar mais um pouco.

Cristina leva Márcia à cozinha onde se sentam numa pequena mesa de madeira. A anfitriã abre o frigorífico e tira uma garrafa de vinho verde aberta. Serve dois copos.

**CRISTINA**

Eu estou a viver com a minha mãe há três anos. Vivi desde os cinco com a minha avó, mãe do meu pai, no Algarve. A minha mãe era muito nova quando eu nasci e o meu pai também.

**MÁRCIA**

Emigraram quando tinhas cinco?

**CRISTINA**

Sim. Após a morte do meu pai ela foi buscar-me e desde então vivemos juntas.

**MÁRCIA**

Lembras-te de alguma coisa antes de ires viver com a tua avó?

**CRISTINA**

E tu? Como é a tua história?

**MÁRCIA**

As coisas não estavam boas para o meu pai na ilha, sendo português....do continente.

**CRISTINA**

Não percebo. O que é que eles acham que são?

**MÁRCIA**

Burros. Ficou toda a gente doida. Ninguém sabe o que vem daqui.

**CRISTINA**

(muito irritada)

Reaccionários de merda é o que são! Farta desses cabrões reaccionários imperialistas fascistas colonialistas de merda.

**MÁRCIA**

Eles são mais é benfiquistas. Ninguém tem muita consciência dessas coisas que acabaste de enumerar. Mas pensam que os colonialistas são vocês do continente.

**CRISTINA**

Querem dar cabo da mudança, não prestam.

**MÁRCIA**

Mas nas ilhas ninguém tem muita ideia do que se está a passar. Só há pouco tempo é que existe televisão lá.

**CRISTINA**  
(quase gritando)

Não te iludas. Os senhores vêm-se ameaçados e soltam os cães.

**MÁRCIA**

Porque ficas assim?

Cristina bebe um trago maior.

**CRISTINA**

Quase não me lembro do meu pai. Nunca recuperou da última vez que foi torturado em Caxias. Acabou por morrer antes que nos pudéssemos reencontrar. A minha mãe também esteve presa.

**MÁRCIA**

Desculpa não sabia. Ninguém me contou. Então não emigraram.

**CRISTINA**

Lembro-me de umas reuniões à noite, em casa, com uns primos afastados, que depois vim a perceber serem camaradas, e de uns homens maus que às vezes estavam na rua ou no jardim. Depois fui viver com a minha avó que me contou que os meus pais estiveram presos e foram torturados. O meu pai nunca recuperou.

**MÁRCIA**

Nos Açores toda a gente tem medo do que possa vir a acontecer com uma ditadura comunista.

**CRISTINA**

Eu sei. A minha mãe disse-me para ter cuidado contigo.

**MÁRCIA**

Nunca conheci ninguém que tivesse sido preso ou torturado. Como é que foram apanhados?

**CRISTINA**

(olhando assustada para Márcia)

Anda.

Cristina leva Márcia a uma divisão interior pequena como uma despensa. Já no interior abre uma porta pequena que dá para uma divisão secreta na casa. As duas entram.

Cristina abre uma tampa de um móvel e tira de lá um mimeógrafo.

**CRISTINA**

(sorrindo)

Este aqui veio de Marrocos.

**MÁRCIA**

Oh, é lindo.

**CRISTINA**

Eles fizeram muitos panfletos aqui mas a especialidade da minha mãe foram bilhetes de identidade falsos, mas isso, ela não sabe que eu sei.

As duas sorriem.

**MÁRCIA**

Adorava saber trabalhar com isto. Os teus pais foram presos por desenharem panfletos e distribuí-los?

**CRISTINA**

Era sobretudo a minha mãe que os fazia. Mas o que mais passou por esta máquina foram edições do Avante. O meu pai foi apanhado com material explosivo por isso a acusação dele foi de terrorismo. Eles antes já tinham fugido para Espanha mas depois decidiram regressar e foi aí que as coisas começaram a correr mesmo mal.

A conversa é interrompida pela campainha da porta que toca e as duas apressam-se a arrumar tudo outra vez.

## **CENA 56. INT. SALA DE ESTAR DE CRISTINA. TARDE**

MARCO, PAULO E VERA estão sentados a comer um chouriço assado e a ver uma revista. Márcia e Cristina trazem mais vinho. Cristina dirige-se à aparelhagem e coloca o tema “Força Companheiro Vasco”. Cristina e Márcia trocam olhares de cumplicidade.

**MARCO**  
(divertido)

Ó Márcia depois de comermos vamos ensinar-te a falar bem português.

Márcia ignora-o e bebe o copo de penalty.

**MÁRCIA**  
Moi non plus, cara de atoleimado.

## **CENA 57. INT. CASA DE MÁRCIA/CASA DE ROBERTO. TARDE**

Márcia está na cama enjoada, vê tudo a andar à roda. Dirige-se à casa-de-banho e vomita. No corredor, com lágrimas nos olhos pega no auscultador e liga para a casa de Roberto mas ninguém atende. Vê-se o interior da casa deste, vazio, com o som do telefone a ecoar no corredor.

## **CENA 58. PLANO PORMENOR MÁQUINA TELEX.**

Na fita de uma máquina de telex surgem palavras. Trata-se de mais um telegrama dirigido ao Departamento de Estado em Washington:

*ATMOSPHERE IN PONTA DELGADA IS CHARGED.*

*SOME WANT INDEPENDENCE WITHOUT CONSERVATIVE FLA LEADERS.  
SPORADIC ANTI-COMMUNIST VIOLENCE HAS OCCURRED*

*PS LEADER TOLD ME THAT HE PERSONALLY OPPOSES INDEPENDENCE  
BECAUSE AZORES ARE NOT VIABLE AND WOULD BE DEPENDENT ON USG,  
BUT RECOGNIZES THAT MAJORITY AZOREANS FAVOR IT DUE TO STRONG  
ANTI-COMMUNIST SENTIMENT.*

*HE SAID NO ONE BELIEVES GOP PROMISES OF ASSISTANCE, BUT THINK  
DEVELOPMENT POSSIBLE IF CONTROL OF ECONOMIC DECISIONS IN  
LOCAL HANDS.*

*COMMENT: APPEARS TO US THAT ONLY A SHIFT OF POWER TOWARDS  
MODERATES IN LISBON WILL STOP GROWING MOMENTUM BEHIND  
INDEPENDENCE MOVEMENT.*



## **CENA 59. INT. CALABOUÇOS DA POLÍCIA JUDICIÁRIA. MANHÃ**

Roberto está sentado no chão de uma cela. Um homem, ANTÓNIO PIRES, aparentando 50 anos, dorme numa cama individual, a única que existe na cela. Passa um agente da judicária e dirige-se a Roberto.

### **AGENTE JUDICIÁRIA**

Daqui a pouco vais tu, ó menino das bombinhas.

O agente afasta-se a sorrir. Roberto tem um semblante preocupado.

### **PIRES**

**(de olhos fechados)**

Não se confessa nada. Estes tipos são umas meninas.  
Aguenta sempre até ao fim.

Roberto olha para o homem intrigado, aos poucos, acalma-se. Levanta-se devagar e tenta olhar através das grades para o corredor. Volta a sentar-se no chão. Está pensativo.

### **ROBERTO**

O senhor está aqui há muito tempo? Já foi interrogado muitas vezes?

O homem não responde, ao invés começa a dormir profundamente.

## **CENA 60. INT. ESCRITÓRIO DE ADVOGADO. TARDE**

Armando e Maria Vieira estão numa consulta com um advogado.

### **ADVOGADO**

Eles vão querer transformar o assunto em delito comum. Nós temos que provar que foi uma acção política.

### **ARMANDO**

Tem a certeza? O rapaz é um parvo. E anda com uns idiotas que não sabem ler nem escrever. Como é que nós podemos inculcar essa intenção no colectivo de juizes?

### **ADVOGADO**

Sabe, isto para mim, vai depender de quem chamarem para substituir os juizes ausentes. Tem havido preenchimento com funcionários da Câmara. O Armando não conhece ninguém lá dentro?

Armando anui. Começa a tossir.

### **ARMANDO**

Isto é tudo culpa desta falta de organização. Os pretos são muito mais organizados que nós. Aqui ninguém sabe a quem obedecer e os rapazes estão à deriva a fazer disparates.

Eu queria que ele fosse tirar direito.

### **MARIA VIEIRA**

Senhor Doutor, diga-nos por favor o que podemos fazer. O meu marido está doente, embora não o admita, e eu tenho medo de não poder estar em todo o lado.

### **ADVOGADO**

Vamos saber quem nos vai calhar no colectivo, e depois, de certeza que vocês saberão dar a entender a quem for escolhido, se o conhecerem, que o vosso filho não é mais do que um adolescente tonto. Todavia, ele não estava sozinho e quem estava com ele pode aproveitar-se para derramar em cima do Roberto a autoria de outros acontecimentos.

Por outro lado, se a autoria fosse atribuída a outro e digamos que esse outro já não se encontrasse na ilha mas sim nos Estados Unidos ou noutras paragens também não era de todo desinteressante. Esse Horácio não tem família na América? Era arranjar-lhe um visto, talvez...

## **CENA 61. EXT. RUA. TARDE**

Horácio aparece em GP com uma corda na boca. Por vezes olha para baixo. A sua expressão é de concentração por vezes receio. Um grupo de rapazes olham para cima e brincam com Horácio que está a colocar uma bandeira da FLA num candeeiro de iluminação pública. Após conseguir amarrar a bandeira desloca-se para baixo deslizando no candeeiro.

**CENA 62. EXT/INT. CONSULADO DOS EUA. DIA**

À porta do consulado americano, um homem espera voltado de costas para a rua, de face para a porta. É Armando. Ao fim de alguns momentos a porta abre-se e ele entra. Um funcionário guia-o até ao escritório da Cônsul que está a ditar um telegrama.

**CONSUL**

(fazendo sinal para Armando sentar)

*SUBJECT: INCIDENTS IN PONTA DELGADA*

*1. IN LAST SEVERAL DAYS THE AZOREAN FLAG HAS BEEN FLOWN SEVERAL TIMES IN SMALL TOWNS OUTSIDE PONTA DELGADA. THE MILITARY HAS REMOVED THE FLAGS.*

**CONSUL**

Armando. How do you do?

**ARMANDO**

Miss Cônsul. Thank you for receiving me.

**CONSUL**

Have you heard about the scuffles between uniformed and ununiformed troops. Am I right?

**ARMANDO**

Indeed. The power of a flag.

**CONSUL**

Tell me Armando how can I help you.

Armando olha para Nemésio e retorna novamente o olhar para a Cônsul.

**CONSUL**

Nemésio can you please give us a few moments? I'll call you when you're need it.

Nemésio sai do escritório.

**ARMANDO**

As you know miss Cônsul we've been friends since you got here and I'm here to ask you a favour as a friend. It's about a VISA.

### **CENA 63. INT. CALABOUÇOS DA POLÍCIA JUDICIÁRIA. MANHÃ**

Pires está sozinho a fazer a barba. Segura um espelho partido numa mão e na outra a gillette. Tem um ar tranquilo. A grade abre e Roberto é empurrado para dentro. Ao fim de algum tempo, visivelmente nervoso, senta-se no cobertor que usa para dormir no chão.

**PIRES**

Se queres passar melhor o tempo aqui tens que criar um sítio na cabeça para ires de vez em quando. Para esqueceres onde estás.

**ROBERTO**

Onde é que o senhor está agora?

**PIRES**

(parando, olhando ameaçadoramente para Roberto)  
Não tens namorada? Família?

Roberto nada diz. O homem acaba de fazer a barba e volta para a cama.

**PIRES**

Conta lá o que te aconteceu. Eles deram-te a volta?  
Foram mauzinhos?

**ROBERTO**

Não interessa.

**PIRES**

Pois não. O que interessa é a tua versão, se fizeste o que fizeste, sozinho. Já se foi com companhia, é outra história.

Roberto começa a interessar-se pela conversa de Pires.

**PIRES**

Vai daí, o tempo que estarás à espera do julgamento dir-te-á se precisas de te preocupar ou não.

**ROBERTO**

Como assim?

**PIRES**

(ironizando)

É a especial complexidade da vida... no teu caso, a especial complexidade do processo. Se alguém

quiser livrar-se de alguma pedra no sapato pode começar a pensar em transferi-la para o teu. Sapato, digo. Quanto mais tempo esperas pelo julgamento mais grave o assunto é. Eles conseguem ser muito criativos. E quanto às amizades valem o que valem.

**ROBERTO**

Eu fui apanhado sozinho.

**PIRES**

Curioso. Que idade tens?

**ROBERTO**

O senhor está bem disposto hoje.

**PIRES**

Jovem, essa arrogância não te fica bem. Quebrei muitos como tu em apenas hora e meia. Contavam tudo e no fim agradeciam à virgem Maria ainda o estarem vivos para contar. Tu tens é muita sorte.

Um guarda aproxima-se da cela.

**AGENTE JUDICIÁRIA**

António Pires, o director quer falar consigo.

Pires levanta-se e sai acompanhado pelo agente. Roberto levanta-se e começa a dar passos na pequena cela preocupado. Senta-se na cama. A câmara aproxima-se da face de Roberto.

**CENA 64. FLASHBACK. INT. QUARTO DE MÁRCIA. TARDE**

**PDV ROBERTO**

Márcia está deitada a dormir na cama. Roberto observa-a. A face de Márcia é serena, os olhos e a boca descansam, o contorno do seu corpo semi-nu aparece devagar aos olhos de Roberto. Márcia acorda e sorri. Dá um beijo a Roberto.

**CENA 65. FLASHBACK. EXT. PRAIA. TARDE**

**PDV ROBERTO/ PLANO GERAL**

Márcia corre à sua frente numa praia à beira mar. A praia está deserta. Ela mergulha e ele também. Debaixo de água, Roberto tenta apanhá-la mas ela nada mais rápido. Já à tona Roberto olha para todos os lados e não a vê. Súbito Márcia debaixo de água tira-lhe os calções e atira para longe. Os dois estão divertidos.



## **REGRESSO AO PRESENTE**

### **CENA 66. INT. CALABOUÇOS DA POLÍCIA JUDICIÁRIA. TARDE**

O som da porta da cela a abrir interrompe o pensamento de Roberto. Pires olha fixamente para Roberto e este levanta-se da cama e senta-se no chão.

**PIRES**

Parece que a nossa relação vai ter um final brevemente.

**ROBERTO**

Então? O senhor vai sair?

**PIRES**

(sorrindo)

Vale dos Judeus, seja lá o que isso for. Rapaz, quem toma conta do país são os mesmos que nós ajudámos em África a salvarem a sua pele.

Muitos deles devem-me a vida. É uma questão de tempo até juntar-me à minha família e estar a comer um bom cozido enquanto esses merdas nunca saberão o que é carne.

Enquanto fala, Pires arruma alguma roupa como quem se prepara para viajar.

**PIRES**

Mas enfim estamos do mesmo lado.

**ROBERTO**

Como assim? O senhor não é de cá.

**PIRES**

Mas temos o mesmo inimigo.

**ROBERTO**

O senhor é de onde? Que inimigo é esse?

**PIRES**

Tu és filho do Armando do jornal, informador do consulado americano. Tens dois irmãos e a tua mãe chama-se Graça. Tens um tio emigrado nos EUA que é jornalista e fotógrafo. Deves ter uns dezoito anos e namoraste a filha do Costa, que veio para cá administrar a fábrica de tabaco visto que vocês são piores do que os pretos e não sabem limpar o cú sozinhos.

**ROBERTO**

(intrigado)

Você é pide.

**PIRES**

O meu nome é António Pires. Sou do norte. Estive em Angola a trabalhar para o Estado. E estou aqui nesta merda deste desterro desde Outubro de 72. É tempo suficiente. Já tou farto de todos vocês.

**ROBERTO**

Pois que nada o retenha. Se isto é o desterro é por culpa vossa. Português do caralho. Colonialista de merda.

Pires dá um soco a Roberto fazendo-o cair ao chão.

**PIRES**

Tu não tens ideia nenhuma de onde te meteste, pois não?

Um agente aproxima-se da porta. Pires sai com ele, com as suas coisas na mão sem olhar nem despedir-se de Roberto.

## **CENA 67. INT. CARRO. MANHÃ**

Armando está no seu carro parado à porta da oficina do pai de Horácio que está fechada. Olha para o relógio impaciente. Está tenso. Pelo vidro vê-se a porta da oficina a abrir-se finalmente e o pai de Horácio repara em Armando. Trocam olhares por uns momentos.

## **CENA 68. INT. CASA DE MÁRCIA. NOITE**

Os pais de Márcia estão com um casal amigo a ver o debate entre Cunhal e Soares. Por vezes debatem o que ouvem, entre copos de vinho, licores ou whiskys. Ouvem a porta da rua fechar-se.

**OFF**

**(voz de SOARES)**

...e o PC deu provas, durante estes meses, de que quer transformar este país numa ditadura!

Márcia entra na sala trôpega e cai no chão derrubando um candeeiro com algum espalhafato.

**PAI DE MÁRCIA**

**(levantando-se sobressaltado)**

Márcia! Que significa isto? Estás drogada?

**OFF**

**(voz de Cunhal)**

Olhe que não! Olhe que não!

**PAI DE MÁRCIA**

Márcia!

**MÁRCIA**

Olhe que não! Olhe...

## **CENA 69. INT. QUARTO.NOITE. SONHO DE MÁRCIA**

Márcia e Roberto estão num quarto encostados a uma parede assustados com uns passos no corredor. Márcia olha para um mimeógrafo (stencil) que funciona sozinho imprimindo imensas folhas em branco. Olha para as suas mãos e repara que estão tingidas de um azul forte, procura Roberto com o olhar mas ele já não está no quarto.

**CENA 70. EXT. RUA.TARDE. SONHO DE MÁRCIA**

Caminha numa rua quase deserta e ao virar de uma esquina vê Roberto acorrentado a um carro, entra num armazém ao lado e vê Gabriel ensinando alguns alunos a ler.

**GABRIEL**

(voltando-se para Márcia)

Parece que estiveram presos toda a vida.

Ela vira-lhe as costas enquanto sai para a rua, Roberto já não está. Entra no carro e vê Cristina que lhe sussurra algo que não percebe.

## **CENA 71. INT. CASA DE MÁRCIA. MANHÃ**

Márcia acorda de ressaca. Levanta-se e olha pela janela. Cristina passa na rua e faz-lhe sinal e Márcia responde-lhe encolhendo os ombros. Cristina envia-lhe um beijo. Márcia começa a escrever uma carta endereçada a Roberto. Tempo depois Regina bate à porta e Márcia levanta o som do rádio.

**REGINA**

Só queria saber se a menina tinha fome.

**MÁRCIA**

Não quero nada!

## **CENA 72. INT. CASA DE MÁRCIA LISBOA. NOITE**

O pai de Márcia chega a casa agitado. Dirige-se à sala e faz sinal à mulher para o seguir. Na marquise da cozinha puxa de um cigarro fazendo a sua mulher aperceber-se da seriedade do momento.

### **MÃE DE MÁRCIA**

Dá-me uma passa.

### **PAI DE MÁRCIA**

Está para breve um golpe militar da extrema esquerda. Com as três mil G3 dispersas por civis isto só pode dar merda.

Márcia está deitada na cama no seu quarto. Os pais entram e sentam-se ao seu lado.

### **PAI DE MÁRCIA**

Eu e a tua mãe temos uma proposta a fazer-te.

### **MÁRCIA**

(emocionada)

Só quero voltar para a minha ilha!

### **PAI DE MÁRCIA**

Márcia. Para lá já não voltamos, pelo menos até tudo isto acalmar e o rumo estar definido.

### **MÃE DE MÁRCIA**

Que achas de irmos conhecer Paris?

Márcia fica estupefacta.

### **MÃE DE MÁRCIA**

A tua tia-avó Teresa, a irmã mais nova da tua falecida avó, ainda vive lá e convidou-nos a ir lá passar uns dias. Nós estávamos aqui a pensar se não querias conhecer as universidades lá. Talvez houvesse algum curso de pintura que te interessasse.



**CENA 73. EXT. CADEIA DE PONTA DELGADA. TARDE**

Abrótea espera encostado a um carro. Lê no jornal do pai de Roberto a criação da Junta Governativa dos Açores. Roberto sai da cadeia e dirige-se a Abrótea. Os dois abraçam-se e entram no carro.

**ABRÓTEA**

A tua mãe pediu-me para te vir cá buscar. Acho que o teu pai não anda muito bem companheiro.

**ROBERTO**

Está bem.

Os dois seguem viagem no carro. Roberto olha pela janela o tempo todo sem falar. Ao fim de algum tempo Abrótea pára o carro junto à casa de Roberto.

**ABRÓTEA**

A gente vê-se depois?

**ROBERTO**

Sabes do cabrão do Horácio?

**ABRÓTEA**

Não tenho a certeza disto mas dizem para aí que ele e o pai abalaram para a América. A oficina está fechada há algum tempo. O Emanuel do café anda doido porque o carro dele ficou lá dentro.

**ROBERTO**

Estás a falar a sério?

**ABRÓTEA**

É o que se diz para aí.

Roberto sai do carro e dirige-se a casa.

#### **CENA 74. EXT/INT CASA DE ROBERTO. TARDE**

Roberto entra em casa. Passa pela sala e segue no corredor até ao seu quarto. Na secretária encontra um desenho de Márcia em que os dois sorriem com chapéus muito longos. Dirige-se ao telefone. Ao marcar o número de Márcia repara num recado com o seu nome. Nele está escrito que o seu pai está muito mal no hospital e que pode vir a falecer. Roberto pousa o auscultador e sai a correr de casa.

**CENA 75. INT. HOSPITAL - PONTA DELGADA - TARDE**

Roberto caminha rápido nos corredores do hospital. Ao passar uma porta de uma enfermaria apercebe-se da presença da sua mãe e recua. Entra no quarto devagar e vê a sua mãe debruçada em cima do peito do pai.

**ROBERTO**

O que aconteceu? Mãe! O que aconteceu?

A mãe não responde. Trocam olhares. Roberto olha para o pai e percebe que este morreu. Senta-se na cama e deita-se agarrado ao pai. Choram os dois.

## **CENA 76. INT. CASA DA CONSUL. NOITE**

Um cozido das furnas é dividido em alguns pratos. Ouve-se Chopin suavemente. Entre o fumo da comida quente vê-se ANTÓNIO GAMA sentado numa mesa grande e requintada, com ar sério, mas cordial. A Cônsul está à cabeça da mesa e brinda com os convidados.

O BRIGADEIRO MENESES, um MEMBRO DA JUNTA REGIONAL e Nemésio ocupam os outros lugares.

### **CONSUL**

Let me start by pointing out the honour of having you all as my guests at this historic moment for Portugal and the Azores.

Todos brindam e esperam que a Cônsul comece a refeição.

### **CONSUL**

Senhor Brigadeiro temos informação sobre a crise em Lisboa?

### **BRIGADEIRO**

Sra. Cônsul mantive durante o dia de ontem contacto via telefone com Lisboa. A situação não requer nenhuma resposta da nossa parte. Devemos seguir a vida normalmente.

### **CONSUL**

Estamos num momento decisivo, right?

### **MEMBRO DA JUNTA**

Assim é Sra Cônsul. Lisboa está em estado de sítio. Se os moderados não conseguem esmagar a extrema esquerda militar ou a guerra civil que se aproxima, não sabemos como vamos estar amanhã. De todo o modo a Junta continua o seu trabalho como um autêntico governo dos Açores.

### **CONSUL**

And how is that coming along?

### **MEMBRO DA JUNTA**

Tenho muito orgulho em poder afirmar que, pese embora a falta de tempo e meios necessários para resolver todos os problemas da governação, uma coisa está no bom caminho: a Universidade dos Açores em breve vai ser uma realidade.

### **CONSUL**

Wounderful news!

**ANTÓNIO GAMA**

A Junta Regional veio finalmente reunir algum consenso e paz social. É pena que tudo esteja em perigo novamente.

O silêncio faz-se sentir. Os rostos revelam alguma tensão.

**NEMÉSIO**

(olhando de soslaio para a Cônsul)

Senhor deputado, certamente não se oporá à independência se o país tiver um governo liderado pelo COPCON.

**ANTÓNIO GAMA**

O problema é que os comunistas irão aproveitar-se da independência reunindo um consenso crítico sobre a ingerência imperialista que roubará os Açores a Portugal. Não me interpretem mal. O que defendo é uma autonomia para os Açores sem dependência de outros governos e na base de um estado socialista, plural e democrático.

**CONSUL**

Como bem sabe a posição do governo dos Estados Unidos é de completa neutralidade.

**MEMBRO DA JUNTA**

Assim é. Desde a independência desta poderosa e nobre nação (olhando para a Cônsul) que os Açores mantêm uma amizade baseada numa cooperação sem igual.

**NEMÉSIO**

(tendo por detrás um quadro da caça à baleia levantando o copo impondo um novo brinde)

Assim é! Assim seja!

Todos brindam. António Gama e o Brigadeiro brindam contrariados.

## **CENA 77. INT/EXT. CASA DE ROBERTO - DIA**

Roberto entra em casa e apanha alguma cartas caídas no chão. Repara que uma é de Abrótea e dirige-se ao seu quarto. Ao abrir a carta tenta sentar-se comodamente na cadeira que dá apoio à secretária. Muda de lugar e vai deitar-se na cama. Volta a sentar-se à beira da cama.

Abre a carta lentamente e sorri ao ver a letra de Abrótea.

A câmara percorre algumas linhas. A carta é grande. Algumas passagens se destacam. Abrótea relata que viu Márcia e que esta lhe contara como é Paris e a sua vida no começo, em Lisboa.

Acaba escrevendo que "já tem saudades de ser um peixe de fundo, porque desde que saiu é o Luís Martins, um menino arquitecto que quase já só tem sotaque lisboeta."

Roberto dirige-se ao quintal onde está a sua mãe sentada.

**ROBERTO**

O Luís Martins manda-te um beijo.

**GRAÇA**

Quem é?

**ROBERTO**

É o senhor arquitecto Grandessíssima Abrótea"

Os dois riem.

**GRAÇA**

Vem. Aqueço alguma coisa para comeres.

## **CENA 78. INT. COZINHA - DIA**

Na cozinha Graça prepara o almoço. Ouve-se a partir de um pequeno rádio junto ao fogão, a emissora Regional. Ramalho Eanes explica como o golpe de 25 de Novembro tinha sido aplacado.

### **GRAÇA**

O Sr. Pimenta disse-me que daqui a uns anos podes ficar com a gerência da papelaria.

Roberto olha para a mãe e com o olhar aceita. Baixa o volume do rádio.

### **GRAÇA**

Roberto, eu queria que fosses para fora estudar. Era a vontade do teu pai.

### **ROBERTO**

Guarde o que possa para os meus irmãos e eu vou ajudar a fazer com que pelo menos eles vão para fora estudar.

### **GRAÇA**

É ingrato para ti.

### **ROBERTO**

Não é. Pelo contrário.

## **CENA 79. INT/EXT. PAPELARIA. - DIA**

Roberto organiza o balcão da papelaria. A manhã está calma.

Um miúdo entra trazendo uma pilha de jornais e tenta colocá-la no balcão. Ao ver a dificuldade que o miúdo tem Roberto ri-se.

**ROBERTO**

Grande saca de cimento que tens aí! Vá cabeça de inhame  
força nisso.

**MIÚDO**

Já tá!

O miúdo fica à espera de algo mas Roberto não sabe o que é. Ao fim de algum tempo vai-se embora desiludido. Entram dois homens idosos que acenam a Roberto calorosamente.

**HOMEM**

Oh rapaz, que é que tens aí de anzóis?

**ROBERTO**

Anzóis? Oh senhor isto é uma papelaria.

**HOMEM**

Papelaria?

Um dos homens aponta para uma gaveta no meio de uma estante.

Roberto vai lá espreitar e vê muitos artigos de pesca. Faz a venda dos anzóis aos dois homens que se vão embora.

Roberto começa a colocar os jornais noutra estante. Retém a sua atenção para um cabeçalho do jornal Milhafre “Agressões a Almeida Santos”. Ao lado vê um rádio antigo e tenta ligá-lo. Ouve-se um disparo da rua ao mesmo tempo que Roberto consegue ligar o rádio. Subitamente ouve-se dezenas de pessoas correrem assustadas. Algumas gritam. Dois colegas de Roberto, Neto e Rui, surgem à porta e entram na papelaria assustados.

**NETO**

Eles vêm aí e são muitos!

**ROBERTO**

Quem?

**RUI**

Foda-se, a polícia de choque!

Roberto dirige-se à porta para espreitar. Muita gente corre, velhos, novos, homens e mulheres, alguns atropelam-se. Roberto vê uma rapariga que, apanhada na confusão, é atropelada por um grupo assustado. Ao mesmo tempo a polícia de choque investe perigosamente em tudo o que mexe.



Corre em sentido contrário esquivando-se à debandada. Consegue puxar a rapariga para si e agarrando-a começa a levá-la em direcção à papelaria mas ao chegar Neto, Rui e mais dois indivíduos que Roberto não consegue identificar estão dentro com a porta fechada e ninguém tem intenção de deixar entrar Roberto.

**ROBERTO**  
**(gritando)**

Abram a porta! Sacanas!

Os gritos de Roberto são inúteis. Os quatro que estão lá dentro escondem-se atrás do balcão.

O barulho torna-se ensurdecedor com a policia a disparar balas de borracha e as pessoas a gritar.

Roberto decide correr com a rapariga que mal o consegue acompanhar.

Ao chegar ao final da rua fazem a curva para uma outra.

Roberto vê uma tampa de esgoto mal fechada, consegue abri-la e entra exortando a rapariga, incrédula e assustada, a fazer o mesmo mas ela não acede e foge.

## **CENA 80. INT. ESGOTO - DIA**

A tampa fecha-se.

Por cima de si, a policia de choque avança. Ouvem-se tiros, garrafas a partir, pedras a caírem a polícia a avançar, e gritos. Roberto consegue acender um isqueiro.

Desce até encontrar chão. Entra num túnel e segue na escuridão.

## **FIM DO 2º ACTO**

## **CENA 80. INT. GALERIA - DIA**

Márcia (48 anos) encontra-se numa galeria de arte em S.Miguel. Estão a colocar nas paredes quadros seus e ela orienta a montagem.

A GALERISTA dirige-se a Márcia.

### **GALERISTA**

Márcia combinei um almoço com alguns clientes que querem conhecê-la pessoalmente.

### **MÁRCIA**

Pode ficar para amanhã? Sinto-me cansada.

A Galerista anui e Márcia sai da galeria e passeia pela cidade. Dirige-se à avenida marginal ao mesmo local em que anos antes Roberto a avistou no mar a remar no caiaque. Márcia está pensativa e melancólica.

# **CENA 81. EXT. GALERIA. NOITE**

Um aglomerado de pessoas está no exterior da galeria. Através das janelas vê-se Márcia a falar com algumas pessoas no interior. Entre elas está Maria.  
Ao longe vê-se Roberto a caminhar em direção à galeria. Porém este detém-se a uma distância de uns 60 metros aproximadamente e observa desde longe.

## **CENA 82. INT.GALERIA.NOITE**

O ambiente no interior da galeria é animado. Os convidados apreciam os quadros de grande dimensão de Márcia. Márcia está com Maria a conversar alegremente.

**MARIA**

Ah aqui está ele! Anda cá. Vais conhecer uma amiga da mãe de há muito tempo atrás.

O filho de Maria com 12 anos aproxima-se.

**MÁRCIA**

É lindo! Como te chamas?

**HENRIQUE**

Henrique.

**MÁRCIA**

Muito prazer. Gostas dos quadros?

**HENRIQUE**

Sim. Mas não cabem na nossa casa.

As duas riem.

**MARIA**

Temos que ir.

Os três dirigem-se à saída e na rua despedem-se. Márcia olha para todos os lados e entra novamente na galeria. Roberto já lá não está.

**CENA 83. INT. PAPELARIA. TARDE.**

Roberto está sozinho na papelaria arrumando algumas caixas. Márcia entra sem ele aperceber-se. Ao fim de alguns segundos eles olham-se. Roberto fica estático, paralisado. Márcia fecha a porta do estabelecimento e coloca o sinal de fechado virado para a rua. Roberto encaminha-se para um corredor. Márcia segue-o enquanto ele entra num escritório atafalhado de caixas e livros. Na secretária pousa dois copos e serve-os de vinho. Márcia entra no escritório pousa a mala num pequeno sofá e agarra um dos copos.

**ROBERTO**

E agora?

**MÁRCIA**

Não sei.

Roberto agarra um livro da exposição de Márcia.

**ROBERTO**

Gosto. Sempre foste irreverente.

**MÁRCIA**

Trouxe um para ti. Com dedicatória.

Os dois desencontram o olhar sempre que se cruzam. O ambiente é constrangedor.

**MÁRCIA**

Foste feliz?

**ROBERTO**

Quando estamos sozinhos é mais fácil. O mundo sempre mandou em mim e eu para aqui estou. Eu vou fazer cinquenta e tenho uma papelaria.

**MÁRCIA**

É por isso que não apareceste?

**ROBERTO**

É complicado.

Márcia olha para Roberto com um olhar terno e triste. Roberto desvia o olhar.

**MÁRCIA**

Ainda és um homem bonito.

Roberto ri-se.

**ROBERTO**

Vieste sozinha?

**MÁRCIA**

Tenho uma filha. Ficou em Lisboa.  
E tu?

**ROBERTO**

Não.

Os dois permanecem em silêncio.

**ROBERTO**

Queres dar um passeio? É mais fácil em andamento.

**CENA 84. EXT. CARRO. TARDE**

Roberto e Márcia passeiam de carro pela ilha.

**MÁRCIA**

Já não me lembrava da sensação de como uma ilha parece maior do que uma grande cidade ou mesmo um país. É só preciso ter um carro ou uma mota e passa-se o tempo a laurear a pevide. Mesmo que seja numa velharia destas.

**ROBERTO**

Ainda não resolvi vender tudo e comprar uma mota ou um barco e arranjar uma miúda nova, enfim curtir o que os tipos da minha idade devem curtir.

**MÁRCIA**

Que stress.

**ROBERTO**

A vida tratou-te bem?

Márcia ignora a pergunta e deixa passar algum tempo em silêncio.

**MÁRCIA**

Páras o carro?

Roberto pára o carro na berma de uma estrada no campo. Márcia sai do carro e procura um local escondido para fazer chichi. Roberto fica no carro à espera sorridente.

Márcia volta e entra no carro.

**MÁRCIA**

Pronto. Libertei-me da pressão.  
O que se passa na cabeça de um homem nos cinquenta? É só isso?

Recomeçam a viagem.

**ROBERTO**

A vida, a morte, o tempo, o corpo, o sexo...

**MÁRCIA**

O que fazes para passar o tempo?

**ROBERTO**

Nada de especial. Leio umas coisas e planeio viagens que nunca faço.



A paisagem vai mudando ao longo da viagem. Uma manada impede o carro de avançar.

**ROBERTO**

Como foi Paris?

O carro avança lentamente até ao fim da manada.

**MÁRCIA**

Paris era demasiado conceptual para uma lírica como eu. Os de que eu gostava tinham ido todos para Nova Iorque, anos antes de eu lá chegar. Para além disso, para mim foi também a terra das infeções urinárias e de alguns abortos.

**ROBERTO**

(sorrindo)

Porra...

**MÁRCIA**

Vamos molhar os pés?

O carro afasta-se perdendo-se na estrada.

**CENA 85. EXT. PRAIA. FIM DE TARDE.**

Na mesma praia onde costumavam ir em miúdos, os dois passeiam em silêncio. Márcia descalça-se e dirige-se ao mar. Roberto senta-se a olhá-la. Os pés de Márcia aguardam uma onda que subitamente os invade. Márcia sorri e fecha os olhos. Abre-os novamente e fita o horizonte. Aproxima-se Roberto.

**MÁRCIA**

Agora é tudo mais nítido.

**ROBERTO**

Será?

**MÁRCIA**

Quando a fase das promessas acaba, começa a das faltas. Faltou-me tanto. Faltou-me isto. Enfim.

Roberto fita a onda que lhe cobre os pés e olha para Márcia.

**MÁRCIA**

Faltaste-me.

**ROBERTO**

Tu também a mim.

**MÁRCIA**

Deixa lá essa comiseração. Não te assenta. Bem, só a tens porque não ficaste burro.

**ROBERTO**

Quem me dera tivesses razão.

**MÁRCIA**

Sou a mesma. Mais velha, é só isso.

Roberto vai sentar-se na areia e Márcia segue-o ao fim de alguns momentos. Ele puxa de um maço de Apolo 20 e oferece-lhe um cigarro.

**MÁRCIA**

Oh Ainda existem?

**ROBERTO**

Dão cá um catarro...

Os dois fumam.

**ROBERTO**

Já pensaste se não tivesse havido nada daquilo no que tinha sido a nossa vida?

**MÁRCIA**

Cuidado. Ainda saio daqui a achar-te um fascista imperialista colonialista.

**ROBERTO**

(sorrindo)

Não nada disso. Está-se muito melhor. Passou-se da ameaça soviética para o nepotismo socialista. A vida corre bem para esses cretinos que ainda por cima se dão por historiadores de wikipédias.

**MÁRCIA**

(sorrindo)

E eu a pensar que estavas morto por dentro.

**ROBERTO**

Morri quando todos se foram e fiquei sozinho. Dediquei-me à história e depois percebi que quanto mais sabia da ilha mais preso nela estava. Conhecendo os seus inimigos e as suas próprias injustiças associei-me à sua negritude. Depois mandei tudo à merda e tornei-me cínico. Revi os nossos beijos, os nossos abraços imensas vezes em sonhos acordado. Foi a única coisa boa que tive na vida.

Novamente um silêncio instala-se entre os dois.

**MÁRCIA**

Sim.

**ROBERTO**

Sim?

**MÁRCIA**

Sim, pensei muito na vida que nos conduziu sem que pudéssemos ter nada a dizer sobre o assunto. Fiquei muito magoada contigo e no final fiz as pazes claro. Mas a vida já não volta atrás.

**ROBERTO**

Verdade.

**MÁRCIA**

Imaginava-te realizador ou fotógrafo.

**ROBERTO**

Nunca mais peguei numa câmara.

**MÁRCIA**

Amanhã é o meu aniversário. Gostava que me filmasses.  
Ou isto é tudo muito intenso para ti?

**ROBERTO**  
**(sorrindo)**

Sacaninha.

Os dois ficam a olhar o mar. Ao fim de algum tempo Márcia levanta-se e estende a mão a Roberto. Os dois começam a caminhar de mão dada de desaparecendo no fim da praia.

## **CENA 86 INT. QUARTO. NOITE**

Roberto dirige-se à secretária onde anos antes tinha guardado a câmara super 8. Ao tentar abrir a gaveta percebe que ela se encontra trancada e que não tem a chave. Desiludido sai do quarto. Segundos depois volta com um martelo e um escopro e começa a partir a gaveta.

**FIM**

## ANEXO II

*“FELIZ ANIVERSÁRIO”*

### CARACTERIZAÇÃO DAS PERSONAGENS



## **OS PERSONAGENS PRINCIPAIS: MÁRCIA E ROBERTO.**

### **MÁRCIA CAETANO MOREIRA**

Márcia nasceu em 1959 em Lisboa e é a mais velha de dois irmãos. O seu pai foi contratado para gerir a Fábrica do Açúcar em Ponta Delgada corria o ano de 1968. A família mudou-se nesta altura para os Açores onde tem um vida tranquila, tanto do ponto de vista financeiro como social. Como a sua família vinha de fora, e bem enquadrada socialmente ao tempo, Márcia distingue-se no meio por não ter quaisquer preocupações com o “*diz que disse*” local. Integrou-se bem na escola, sendo boa aluna e tendo muitos amigos. Com a chegada da adolescência tornou-se mais rebelde e divertida. É também na adolescência que desenvolve o gosto pela pintura e pelo desenho, o que é muito valorizado pelo seu pai.

Embora no meio dos amigos não partilhe as suas inquietações culturais, vive numa casa repleta de livros e revistas de vária índole, mas sobretudo política, história e artes, o que inevitavelmente a sensibiliza.

As amigas e os amigos admiram-na, tanto pela sua beleza como pela sua personalidade divertida, reunindo um consenso geral sobre a boa natureza do seu carácter, coragem e necessidade de experimentar e ultrapassar limites.

Roberto é o seu primeiro amor. O desprendimento que lhe caracteriza até ao momento em que o pai dele é preso, é uma das qualidades que Márcia admira para além da bonomia, inteligência e da entrega a um futuro a dois. É com Roberto que Márcia descobre a nudez e o amor. É com ele que descobre a ilha nos muitos passeios que os dois fazem. É nele que deposita os seus segredos e com ele imagina o futuro.

Quando o pai de Márcia começa a sofrer represálias em S.Miguel pela sua intervenção política pública, o mundo começa a alterar-se. Os conflitos surgem com amigos ou conhecidos, com efeitos negativos inevitáveis na sua relação com Roberto. Mas é sobretudo a mudança intempestiva da sua família para Lisboa, pela insegurança que se vivia, que desfere o golpe que a marcará para o resto da vida. A separação forçada de Roberto, e do mundo que conhecia e confiava é algo que conseguirá ultrapassar mas não perdoar.

Em Lisboa, Márcia depara-se com um mundo novo que não conhece, agressivo com uma escala que a assusta e no qual não existe, não tem identidade. No verão quente de 1975 em Lisboa as emoções estavam ao rubro. As animosidades entre facções de esquerda radical e moderada, entre revolucionários e conservadores estavam nas ruas, às quais também chegavam centenas de milhares de retornados desesperados. A escola não funcionava devido às inúmeras greves típicas do período revolucionário em questão, o que não a ajudava a conhecer pessoas ou fazer amizades.

Mesmo assim ela decide “fazer-se à vida” e tentar achar o seu lugar. Conhece a cidade, os seus habitantes e retrata a experiência desenhando e pintando. Em alguns momentos aceita a sua nova vida e diverte-se. Mas o afastamento da ilha, de Roberto, é uma impressão física como um ligeiro enjoo marítimo que persiste até chegar a terra firme, ao regresso.

É novamente um “motivo de força maior” que a afasta ainda mais. A ameaça de uma guerra civil em vésperas do 25 de Novembro em 1975 e as milhares de espingardas G3 espalhadas por civis, fazem soar o alarme outra vez aos seus pais, que a impelem a ir tirar um curso de pintura a Paris. É, por paradoxo, o único sítio que Márcia poderá viver com mais tranquilidade. Já havia imaginado viver em Paris e cursar pintura. A capital francesa embora mais distante, maior, com uma nova língua e cultura para aprender e assimilar, representa menos dor.

Márcia passará a viver entre Lisboa e Paris, onde conhece o pai da sua filha, um pintor mais velho de origem holandesa, após algumas relações amorosas rocambolescas, outras sem sucesso, e onde a sua carreira artística se inicia e desenvolve. Após alguns anos com o pai da sua filha, divorcia-se, e mãe solteira, foca-se inteiramente na sua pintura e na sua filha.

O seu regresso à ilha muitos anos depois com uma exposição de pintura, provoca o reencontro com Roberto. Muitos anos passaram, os dois tiveram vidas muito diferentes. Márcia tem noção da diferença mas rever Roberto é como acariciar um passado feliz que lhe fez muita falta.



## **ROBERTO RESENDES DE MEDEIROS**

Roberto nasceu em 1957 em Ponta Delgada nos Açores. É filho mais velho de uma família de classe média. O seu pai é director de um jornal diário e a sua mãe, após ter trabalhado durante alguns anos como assistente na secretaria do Liceu, passou a trabalhar em casa quando Roberto nasceu. Os seus dois irmãos mais novos nasceram com uma grande diferença de idade. Parte da sua família materna emigrou para os Estados Unidos.

Roberto é em geral bem disposto, de sorriso fácil mas um pouco introspectivo. Apesar de não ter um aproveitamento exemplar na escola (chumbou um ano) é reconhecido pela inteligência das suas observações, sendo considerado um bom amigo por todos. No Liceu, tem aulas com o prof. José de Almeida, que viria a ser líder da FLA (Frente de Libertação Açoriana). O professor, homem eloquente e determinado na causa da Independência, elogia regularmente, com alguma ironia, as suas capacidades por contrário ao desempenho escolar.

Para além de estar apaixonado por Márcia, tem por ela uma grande admiração. Márcia é diferente de todas as raparigas que conhece e é a mais bonita. Ela desafia-o constantemente. Quando estão sós, Roberto convence-a que está pronto a seguir a vida e a aventura romântica deles fora dos Açores acompanhando-a pelo mundo, onde Márcia quiser ir. É um lugar comum nos jovens das ilhas a vontade de partir. Todavia, a sua determinação interior não convence. Ele é admirado ali, junto dos seus, e essa zona de conforto na verdade fá-lo protelar.

Com a manifestação do 6 de Junho em Ponta Delgada, e os acontecimentos que se seguiram, tudo muda. Márcia “abandona” a ilha e vai para Lisboa. O seu pai é preso por autoria conspirativa da referida manifestação. A revolta perante os acontecimentos precipita-o na luta política pela independência. Mais tarde a sua inexperiência leva-o à prisão, nomeadamente aos calabouços da judiciária onde espera em preventiva pela acusação de terrorismo. Uma manobra arranjada pelo pai dele, um advogado e pela cónsul dos EUA em Ponta Delgada faz com que ele saia em liberdade à espera do julgamento. É nesse momento que resolve tentar falar com Márcia em Lisboa e recuperar a relação, mas a morte do pai impede o movimento.

Com o decorrer dos anos os amigos saem da ilha, Márcia está em França, Roberto vive com a mãe e os irmãos. Resigna-se e oferece os seus anos próximos à família, tentando prover pelos irmãos para que possam sair eles da ilha, finalizando a formação académica superior que o pai tanto desejou para ele.

Acaba por se envolver com uma amiga dos tempos da escola e gere uma papelaria durante muitos anos.

É um homem que se sente realizado por ter conseguido levar os irmãos a uma vida melhor mas que se sente inferiorizado cultural e socialmente quando comparado a Márcia que a revê muitos anos depois.

## **OS AMIGOS DE MÁRCIA E ROBERTO.**

### **HORÁCIO DA SILVA ARAÚJO.**

Horácio nasceu em Ponta Delgada no ano de 1955, no seio de uma família humilde. O seu pai é mecânico e a sua mãe doméstica. A sua vida foi marcada por vários problemas como o alcoolismo do pai e a negligência afectiva.

Na escola tem vários problemas disciplinares, de rendimento escolar e anda com companhias duvidosas. Ajuda o pai na oficina e desde muito cedo sabe conduzir. Uma das suas primeiras traquinices envolveu um acidente em que entrou parede dentro de uma casa com um carro que se encontrava na oficina do seu pai para arranjar os travões, e que Horácio roubou a meio da noite. O pai sujeitou-o a um tratamento de violência típico daquela época, com punhos e cinto.

Horácio sempre ouviu do pai que ele “não era nada” e que o melhor que fazia era emigrar ou ir para a tropa.

Horácio estudava na Escola Industrial quando conheceu Roberto, aluno do Liceu, num jogo de futebol entre as duas escolas. Depois de algumas picardias que se vão tornando mais violentas Roberto e Horácio envolveram-se numa cena de pugilato, mas quando Roberto cai quase inanimado, Horácio tenta tudo por tudo para o ajudar a recompor-se. Desde esse dia a amizade dos dois cresceu para uma cumplicidade que só iria terminar com a chegada de Márcia à vida de Roberto.

A amizade de Roberto traz estabilidade à sua vida, reabilitando um pouco o desmoronamento afectivo do seu ambiente familiar, muito atribulado e recheado de violência e álcool.

Horácio tentou por várias vezes agraciar o amigo. Ao ouvir de Roberto que este não compreendia porque o pai não se relacionava com a família que deixara na vila da Bretanha, e que sentia falta de os conhecer, Horácio rouba uma mota que estava na oficina do pai e leva-o a conhecer a família.

O aparecimento de Márcia na vida de Roberto provoca-lhe um ciúme destrutivo. É Horácio que está na origem da ida de Márcia para Lisboa, pois é ele quem grafita a casa e posteriormente queima o carro do pai dela.

Após o incêndio na sede do MAPA (Movimento de Autodeterminação do Povo Açoriano) por simpatizantes do MDP, Horácio junta-se aos movimentos independentistas atraído pelo fulgor da ideia da independência e também por ver com bons olhos a possibilidade de poder fazer “estragos” na sociedade que lhe era hostil. Que o segregava por causa da sua condição social. Entre as suas histórias destacam-se a noite em que cortou a mangueira dos bombeiros no dia do incêndio na sede do Partido Comunista e a bomba que fez explodir no escritório da TAP.

### **MIGUEL RODRIGUES (ABROTEA)**

Abrotea é o amigo mais culto, responsável e ponderado de Roberto. Filho único de uma família de classe média, a sua mãe era professora e o seu pai médico, é um aluno muito bom que consegue seguir para Lisboa tirar Arquitectura.

Ele representa um equilíbrio na vida de Roberto. Não tão viril como Horácio, nem rebelde como eles, mantém sempre um espírito aberto e apaziguador face aos conflitos políticos e sociais da época.

### **MARIA SIMAS PACHECO**

Amiga de Márcia e Roberto, é com ela que este se casa mais tarde, foi sempre considerada meio “enjoadinha” pelos amigos. Era sempre a mais difícil de convencer para a diversão achando tudo “uma seca”. Está com Zeca quando um conflito surge à noite numa praia sendo um dos seus momentos raros de “sangue na guelra”. Acaba por

não fazer o propedêutico (antigo 12º ano) por já ter qualificações para ser administrativa numa casa comercial, mais tarde sendo admitida à função pública na secretaria regional dos transportes.

### **JOSÉ CARLOS (ZECA)**

Zeca é um dos amigos de Roberto e Márcia que se destaca pela orientação política de esquerda. À medida que o tempo passa Zeca afasta-se de companhias como a de Roberto e Horácio e participa em manifestações anti-separatistas. Tem confrontos com os antigos amigos e pese embora seja comunista, posteriormente inscreve-se no partido socialista, do qual é dirigente de concelhia durante muitos anos. É ele quem arranja emprego a Maria.

### **JOSÉ MARIA CONTENTE (AFRICANO)**

Conhecido por Africano, José veio para os Açores em Maio de 1975 de Lourenço Marques (actual Maputo) com os seus pais e um dos irmãos. Revoltado como o resto da sua família pela forma como perderam casa, trabalho e todos os seus pertences, culpa Almeida Santos pelo sucedido e aspira por vingança animando-se junto da FLA contra o projecto político e social da extrema esquerda.

### **GABRIEL SOUSA TAVARES**

Gabriel nasceu em Luanda, onde o pai possuía uma empresa de transporte de mercadorias. Está em Lisboa com a mãe e três irmãs todos à espera de saber onde ir viver ou trabalhar. Chegaram na ponte aérea Luanda – Lisboa.

## **FAMILIARES DOS PROTAGONISTAS**

### **JOSÉ ERNESTO MOREIRA. Pai de Márcia.**

Nascido em Coimbra em 1936 onde tirou o curso de economia foi trabalhar para Lisboa, no Banco Nacional Ultramarino. Conhece Lurdes, uma açoriana a estudar enfermagem em Lisboa e apaixona-se. Talvez por isso acaba por ir gerir a fábrica do Tabaco em Ponta Delgada, onde são felizes durante sete anos até ao verão quente de 1975 em que José decide regressar ao continente e colocar a sua família a salvo das ameaças contra si e contra os seus bens.

Durante os anos em que esteve em S.Miguel, José foi convidado para juntar-se a um dos clubes sociais com mais prestígio na ilha. Aceitou o convite mas nunca foi muito visto por lá, por sentir a contradição com a sua ideologia mais próxima da esquerda socialista. É por muitos apelidado de comunista e português. Na verdade sempre foi socialista. Os seus artigos de opinião na imprensa local contra a FLA (Frente de Libertação Açoriana) foram determinantes para o que viria a acontecer.

É dele a ideia de colocar Márcia em Paris, quando percebe que em vésperas do 25 de Novembro, Portugal estava à beira de uma guerra civil, acenando à filha com a proposta de ir tirar um curso de belas artes.

### **LOURDES MELO CAETANO. Mãe de Márcia.**

Lourdes nasceu em Ponta Delgada numa família de classe média. A sua mãe era professora primária e incentivou-a a completar uma formação académica. Lourdes foi viver para um lar em Lisboa no decurso da sua formação em enfermagem. As regras rígidas e o comportamento das freiras do lar fizeram-na odiar a experiência de viver fora da ilha até conhecer José Ernesto. Este trabalhava no balcão do banco onde Lourdes ia receber a mesada dos pais. Quando um atraso numa das mesadas fez Lourdes emocionar-se ao balcão, José Ernesto adiantou-lhe a quantia mensal do seu próprio bolso. Seis meses mais tarde estavam casando na Sé de Coimbra.

### **ARMANDO REBELO DE MEDEIROS. Pai de Roberto.**

Armando, nascido em 1925, é o filho mais velho, único rapaz, de uma família remediada numa vila remota de S.Miguel. Os seus pais conseguem providenciar estudos suficientes ao filho recorrendo a empréstimos a um moleiro muito rico. Após tirar o sétimo ano antigo arranja emprego no jornal que anos mais tarde dirige, em Ponta Delgada. Conhece Graça pouco tempo antes dos pais dela decidirem emigrar levando toda a família. A fim de impedir que ela seguisse para os Estados Unidos pede-a em casamento e ela aceita.

Com Graça tem três filhos. Roberto é o mais velho e Armando sabe da importância de proporcionar uma vida académica superior ao filho, pois foi pela tentativa dos seus próprios pais que ele chegou onde chegou.

Mantém como director do jornal relações com vários quadrantes políticos saídos do 25 de Abril de 1974, mas também com dirigentes do Estado Novo e com Consulado dos EUA, do qual é um informador privilegiado. É preso por ter alegadamente contribuído para a realização da manifestação do 6 de Junho no ano subsequente.

Desde os seus quarenta anos que a sua saúde não o poupa falecendo ainda em 1975 com um cancro no pulmão.

### **GRAÇA CABRAL RESENDES. Mãe de Roberto.**

Graça nasceu em 1929 numa família de camponeses que emigrou quase toda para a América. Após casar, por insistência de Armando, tirou a 4ª classe e trabalhou alguns anos como administrativa no Liceu de Ponta Delgada. Após o nascimento de Roberto não mais trabalhou fora de casa por comum acordo entre ela e Armando. Embora sem participação política pública, Graça tem consciência do que se passa e protege como pode a sua família.

### **ROBERTO CABRAL RESENDES . Tio de Roberto.**

Roberto é o único irmão de Graça, mãe de Roberto. Foi juntamente com os pais para New Bedford aos 12 anos. Nos EUA vive intensamente a cultura açoriana onde é

correspondente de um jornal português o “Portuguese Times”. Tem o pensamento de muitos emigrantes açorianos em relação à independência dos Açores ao tempo do *Gonçalvismo* sendo fervorosamente adepto daquela via.

Participa nas manifestações de Boston e Washington a favor da independência aquando da estadia de José de Almeida (líder da FLA e professor de Roberto) nos EUA.

### **CRISTINA MOREIRA**

Prima de Márcia, vive em Lisboa, é filha da irmã do pai que se casou com um militante comunista torturado pela PIDE, que viria a falecer anos mais tarde por consequências directas desse acontecimento. A sua mãe reproduziu muito vezes o Avante no stencil (mimeógrafo) que Cristina tem em casa.

Cristina é bonita e inteligente. Comunista, não aceita o independentismo açoriano por ligá-lo ao imperialismo americano e não a nenhuma reivindicação antiga de nenhum povo. Também acha que o que acontece aos retornados é justo pelo colonialismo que foram lá impor considerando-os fascistas e imperialistas também.

Tem orgulho no passado dos seus pais, embora viva com mágoa não ter conhecido melhor o pai, e adora música portuguesa.

### **OUTROS PERSONAGENS**

#### **PROFESSOR**

Homem com origens muito humildes na ilha de S.Miguel, de uma família muito numerosa, fez carreira num seminário católico, única possibilidade de aceder a uma educação superior para alguém com a sua condição social. Segue para o norte do país onde após terminar estudos em filosofia e teleologia dirige um liceu em Viana do Castelo. Fez serviço militar em África. Convidado para a União Nacional em 1973, é eleito pelo distrito de Viana mas não chega a estreitar-se como deputado. Após o 25 de Abril segue para a ilha onde começa a leccionar ainda em 1974.

É líder da FLA, não porque fosse eleito, mas porque reunia um maior consenso nas ruas. Antes porém de ser apontado como tal, viajou para os EUA a fim de obter apoio

financeiro junto do governo americano e dos emigrantes. Seguiram-se viagens para Malta, Líbia e outros países envolvidos.

## **GENERAL**

O Comandante Chefe das Forças Armadas nos Açores em 1975 é apresentado como o General. Foi anti-comunista e anti-separatista. Se bem que, como em entrevista afirmou, se o país tivesse virado comunista, ele teria aderido ao movimento independentista. É ele que, com uma lista supostamente dada por um anónimo, manda prender todos os que publicamente defendiam a autodeterminação dos Açores na imprensa local, implicando-os com a manifestação do 6 de Junho.

## **GOVERNADOR CIVIL**

Personagem que retrata um homem com um passado assumidamente anti-ditadura, que se torna governador civil do distrito de Ponta Delgada em 1974. Possuidor de título nobiliárquico, reside num palácio e é militante do MDP-CDE. Dizem os contemporâneos sobre o Governador da altura que mais do que governar, conspirava.

## **ANTÓNIO ARAÚJO**

António é pai de Horácio, amigo de Roberto. Após o falecimento da mulher torna-se um homem violento e alcoólico. Sem instrução e com uma oficina de automóveis pequena, o pouco que consegue ganhar gasta-o no jogo e em prostitutas. Horácio é o único trabalhador da oficina e não recebe salário. Quando Armando, pai de Roberto, oferece-lhe a possibilidade de conseguir um visto para os EUA para ele e para o filho, António aceita mas acabará por regressar alguns anos depois, aquando da morte de Horácio num acidente de viação.



# FELIZ ANIVERSÁRIO

## Anexo Fotográfico



## Cidade de Ponta Delgada anos 70





## Manifestação do 6 de Junho



## Manifestação do 6 de Junho



Ocupação do Emissor Regional



Ocupação do Aeroporto



Ocupação do Aeroporto



## Notas de Imprensa

Jornal Açores e Bandeira Vermelha

### TERRORISMO À SOLTA NOS AÇORES

O ministro Almeida Santos foi insultado e agredido na Ilha de S. Miguel, nos Açores, por um bando de arruaceiros da FLA. No sábado passado, em Angra do Heroísmo, uma bomba rebentava junto da residência de Milton Moraes, conhecido antifascista local, que ainda recentemente assinara um comunicado da UDP denunciando os terroristas da FLA.

Estes dois factos são elucidativos sobre o clima que se vive nos Açores, sob a direcção do governo regional PPD e a complacência das autoridades centrais: as liberdades democráticas são diariamente atacadas, os separatistas da FLA dispõem da maior liberdade para as suas actividades e instauram um clima de perseguição aos antifascistas.

Agora com as agressões a Almeida Santos é já o próprio governo, na pessoa de um seu membro, que é alvo dos bandos fascistas. A inoperância da PSP local e das autoridades regionais foi notória.

O governo, perante a agressão de que foi alvo um dos seus membros, viu-se obrigado a reconhecer o que já era manifesto: o clima fascizante que PPD e FLA têm instaurado nos Açores e a tomar medidas em relação aos recentes acontecimentos.

Assim destacou para os Açores uma força da polícia de choque de Lisboa. Como quem diz: depois da casa roubada, trancas à porta. Fez mais: enviou Galvão de Figueiredo, ministro da República para aquela região autónoma e Rui Pena, ministro da Reforma Administrativa para acompanhar Almeida Santos no resto da visita às ilhas.

Ou seja: fez muito pouco ou nada. A nomeação do ministro CDS Rui Pena, como seu representante neste caso é sintomática. O advogado dos bombistas é, sem dúvida, o homem indicado para tratar cordialmente os bombistas da FLA.

Para além das declarações, ficou-se pois, e novamente, na conciliação pura e simples com o terrorismo o que, nestas circunstâncias, é já quase cumplicidade.

Destes factos se conclui novamente aquilo que sempre temos afirmado: não há conciliação possível com as actividades fascistas. Estas ou são reprimidas, como prescreve a Constituição, ou acabam por destruir a democracia. Os fascistas não poupam sequer aqueles que pretendem conciliar com eles ou lhes fazem o jogo: que o diga o ministro Almeida Santos. Conclui-se ainda que o governo da direita não está interessado em tomar medidas contra os bandos fascistas, nem mesmo quando é ele o atingido. Essa é uma tarefa que só os trabalhadores e o movimento popular podem levar a cabo.

### Comando Chefe dos Açores QUARTEL GENERAL ESCLARECIMENTO

Tendo suscitado dúvidas, o teor do comunicado deste Comando sobre os motivos da suspensão das actividades do PCP em S. Miguel e do afastamento do Arquipélago de alguns dos seus elementos, esclarece-se a opinião pública que não se trata de uma punição imposta ao Partido ou a qualquer dos seus representantes locais, o que seria descabido. Trata-se de uma medida cujos objectivos são unicamente a salvaguarda do património humano e material daquele Partido e a criação de um clima que favoreça o regresso da paz e da ordem necessários à tranquilidade das pessoas e à reconstrução nacional.

Este Comando não abdicará jamais da responsabilidade que lhe cabe na construção em Portugal de uma sociedade pluralista, onde sejam possíveis todas as correntes de opinião, cabendo ao povo a soberana tarefa de decidir qual a política que mais lhe convém e às Forças Armadas a de garantir que a sua vontade será respeitada.

Quartel em Ponta Delgada, 22 de Agosto de 1975.

O Chefe do Estado Maior

AUGUSTO JORGE DA SILVEIRA REIS

Ten. Cor. Inf.<sup>a</sup> c/CCEM

Açores, nº 9076, p. 4, 18 de Novembro de 1975

### Explosão duma bomba na sede do PS em Ponta Delgada

—Uma hora depois, Rádio Clube Português informou...

Cerca de 1h30 da madrugada de ontem, explodiu, com grande violência, um engenho, frente à sede do Partido Socialista, em Ponta Delgada, tendo ficado bastante danificada a respectiva porta de acesso, bem como as vidraças do edifício e de outros vizinhos.

Pouco depois, compareciam, no local, a PSP, bombeiros, Polícia Militar e muitos militantes socialistas, e também algumas autoridades, nomeadamente o Comandante Chefe dos Açores, General Altino Magalhães, o Comandante Naval e o Comandante Territorial Independente dos Açores.

Em face desta acção violenta, que absolutamente repudiamos, a Comissão Política Distrital do PPD decidiu cancelar a manifestação convocada para ontem, de apoio à decisão histórica tomada pela Junta Regional no último sábado. Todavia, mais tarde, os dirigentes locais do PPD viriam a convocá-la novamente.

De salientar, pela rapidez com que foi informado, o facto de Rádio Clube Português noticiar a explosão junto à sede do PS em Ponta Delgada, pelas 2h30 da madrugada de ontem, apenas uma hora depois...

Bandeira Vermelha, nº 118, pág. 1, 19 de Abril de 1978



## Notas de Imprensa

Jornal Açores e Portugal Socialista

# DETIDOS 28 INDIVÍDUOS NA SEQUÊNCIA DOS ACONTECIMENTOS OCORRIDOS EM PONTA DELGADA

★ A SITUAÇÃO NO ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES TENDE AGORA A NORMALIZAR-SE

Depois dos dias de agitação vividos em Ponta Delgada, na sequência de uma manifestação de agricultores explorada por elementos reaccionários que agitam a bandeira do separatismo,

a situação nos Açores, onde foram detidos 28 indivíduos, parece progressivamente ir voltando à normalidade. Com efeito, informações oficiais garantem que «actualmen-

te, no arquipélago, a situação encontra-se sob o «controle» do M. P. A. e os incidentes estão completamente sanados». Contrariamente a estas informações, porém, fontes lisboetas

próximas da Casa dos Açores, citando notícias recebidas telefonicamente de Ponta Delgada, afirmam, por seu lado, que, ve-

(Continua na 8.ª página)

## CONFIRMANDO UMA PREVISÃO DO PS

# A REACÇÃO ATACOU NOS AÇORES

1 — Os graves acontecimentos registados nos Açores no último fim-de-semana, que foram claramente liderados pelos sectores mais reaccionários da ilha de S. Miguel, inserem-se numa operação que tem por objectivo subtrair as ilhas açorianas ao processo revolucionário em curso e lançá-las no protectorado de uma das superpotências.

2 — Os elementos reaccionários, que representam e defendem os interesses dos grandes

senhores de terras, dos grandes comerciantes e dos grandes industriais de S. Miguel, ameaçados com o 25 de Abril, organizaram-se politicamente no Partido do Progresso, no Comité de Esclarecimento Açoriano, no Movimento para a Autodeterminação do Povo Açoriano (M. A. P. A.), no C. D. S., e, mais recentemente, na F. R. I. A., e na F. L. A. A sua doutrinação encontrava eco nas páginas da imprensa reaccionária local e nos sectores mais

retrogrados do clero.

3 — Desde a primeira hora, o Partido Socialista condenou energeticamente a actuação destes grupos, tendo militantes seus sido várias vezes ameaçados e agredidos por activistas reaccionários. A actuação conservadora do P. P. D. de Ponta Delgada, de que é figura cimeira o dr. Moita Amaral, sempre mereceu a mais viva crítica por parte da secção local do P. S., nomeadamente quanto à questão do separatismo. Durante

a campanha eleitoral, o P. P. D. insistiu na tónica do anti-socialismo, caluniando em todas as sessões de esclarecimento a orientação política do P. S. e recorrendo a argumentos tipicamente reaccionários para combater os pontos de vista dos socialistas.

4 — O Secretário-Geral e a Comissão Nacional do P. S., a secção e o deputado do P. S. de Ponta Delgada, em comunicados, relatórios e conferências de imprensa chamaram oportu-

na e repetidamente a atenção do M. F. A. e do Governo para a situação que se estava a criar nos Açores e concretamente para as tensões separatistas fomentadas na ilha de S. Miguel.

5 — O P. S. sempre distinguiu entre as justas reivindicações dos pequenos e médios lavradores e agricultores açorianos e a exploração do seu descontentamento feita pelos cacos reaccionários no sentido de obter apoio popular para as suas manobras. Por isso o P. S. também sempre preconizou que a melhor forma de vencer a reacção nos Açores passava pela concretização de medidas de reforma agrária que libertassem os lavradores e agricultores da dependência em que se encontram face aos grandes senhorios, às indústrias agro-alimentares

lógicos vazios que pelo radicalismo abstracto tem o condão de provocar a hostilidade imediata das massas populares em relação à revolução que se pretende construir.

7 — A detenção dos activistas reaccionários açorianos, entre os quais se inclui um jovem e destacado militante do P. P. D. por si só não for acompanhada desde já por medidas energéticas no sentido das transformações económicas profundas que é imperioso levar a cabo no arquipélago, mediante a execução de um plano de desenvolvimento regional. Para o efeito, torna-se urgente reestruturar sem precipitações a administração local nos Açores, a qual deverá ser fortemente descentralizada e cuja autonomia será claramente re-

Portugal Socialista, nº 45, p. 3, 12 de Junho de 1975



*Jornal Açores*

salário e dos seus receios da reforma agrária e da formação das ligas de pequenos e médios agricultores, para uma manifestação daquele tipo.

Um outro motivo, acrescido, seria a vontade do Governo, principalmente através da nacionalização dos latifúndios (grangas), de fazer arrear da sua mão as redes do poder econômico e as principais fontes de renda, para que os camponeses não muito seria aos seus privilégios.

Quanto à existência de movimentos camponeses, não se pode negar, mas considero que ela é uma das formas que reveste a tentativa de fuga dos privilegiados da situação econômica portuguesa e aliás, como salientou, também "tradicional no Arquipélago nas várias situações de crise econômica e os privilegiados em geral sentem ameaçados, como aconteceu em 1918-19.

Por outro lado, um outro elemento de divisões e de emigração entre os Açores e os Estados Unidos, diz respeito ao Continente, onde é natural que esses movimentos se processem no sentido de Acores e Estados Unidos, mas também há o problema da Base Aérea das Lajes, que tanto que

Muitos populares começaram a acorrer para junto do Acôrre onde manifestaram a sua solidariedade política com o povo.

O actual director do "Centeiro dos Açores" Humberto Duarte Raposo, proferiu algumas palavras de agradecimento, adiantando que todos os trabalhadores da ilha se uniram ao trabalho.

Dirigiram-se os manifestantes depois ao Iléatro Micaelense, onde, de então, se procedia à distribuição dos prémios da X Volta à Ilha em Automóvel, levandoo-os para o edifício e reclamando-lhes a palavra.

O Presidente da Junta Regional apareceu e ouviu as reclamações dos manifestantes que exigiam a publicação da alusão em causa.

Alegro o General Altino Magalhães que a entrevista não fora publicada porque o entrevistado não estava identificado. Um dos membros da Junta Regional afirmou que a entrevista não esclarecia o que era a FLA nem os seus objectivos.

Foi à insistência dos populares, o Presidente da Junta (que escaudara não ter sido o presidente eleito) a permitir que se fizesse uma declaração simultânea aos elementos que a compõem, perante a qual se fez a seguinte declaração:

"A Junta Regional não está aqui para fazer a entrevista vai ser publicada, mas vai ser feita também uma referência das razões, que levaram a não autorizar a publicação".

Depois disso, os presentes desfilaram.

[illegible]



## Notas de Imprensa

### Jornal Milhafre

# A MANIFESTAÇÃO DA ESCUMALHA

Passado um ano sobre a manifestação da escumalha, como ficou conhecida a pequena manifestação promovida e organizada pelo ex-presidente da defunta Junta Governativa, devo confessar, que facto nenhum para além como é sabido, das prisões em si, me chocou tanto.

Soube desse golpe cobarde, traço e desnecessário na noite nº 9 da cadeia de Angra. Deu a notícia o rádio que a partir de certa altura foram autorizados a ouvir.

Comunicado, redigido em S. Braz repetia-se ao som de marchas militares, convocando a população para apoiar o general, Altino. Julgo que esse era o fim da manifestação visto que ela terminou à porta do seu quartel general e para além dum pobre e desonesto diabo que falou em nome do resto da escumalha ali reunida, só aquele oficial general tomou a palavra, a agradecer.

Se eu posso compreender o general e o grupo de oficiais do continente que o apoiam, pois apesar dos erros que ele tem cometido (e não são nem poucos nem pouco graves) penso que concluir tratar-se dum patriota que à sua maneira unia Portugal e o servo, se eu posso compreender repetido, o mesmo já não direi dos agoranos (de bargo caseamento e/ou longa residência) que se integraram nesse vergonhoso cortejo.

Sabia-se que nós estávamos presos.

desonesto e impróprio de gente decente. Pode, é certo, dizer-se que eram outros tempos, que em Lisboa se fazia o mesmo ou pior. Ainda que fosse verdade, o que é facto é que os Otélos e os Almeidas foram presos e processados ao passo que

Procurei na oração aquilo que a maldade dos homens me negava. Abracei o retrato de meus filhos e reguei-os com as lágrimas mais tristes da minha vida. Pedi a Deus que por amor deles me não deixasse enlouquecer. Apeteci-a. Parecia que andava num carrocel louco.



Meia dúzia de jovens...  
Levados, levados, sim!...

aqui, desde o general até ao sargento que violaram as leis militares continuam impunes e a solta e isto apesar da participação que pelo menos eu fiz a uma instância oficial. Sabia-se tudo isso. Sabia-se que nossos pais, nossas mulheres e nossos filhos estavam profundamente feridos e abatidos, alguns gravemente enfermos, outros mentalmente traumatizados Sabia-se que o

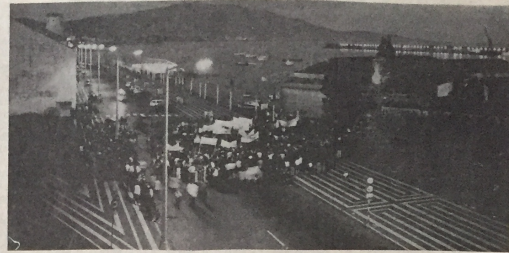
Só a ida para a cela colectiva onde a serenidade do Eng. António Santos, a boa disposição de Victor Cruz, o imparável bom senso e bom humor de Bruno Carreiro aliados ao férreo espírito dum sempre optimista Dr. Abel Carreiro e a lucidez de Gustavo Moura, conseguiram pôr equilíbrio no meu espírito.

Foi nesse ambiente que nós

soubemos do diabólico projecto da manifestação.

E se eles conheciam tudo isso porque motivo suaram seu nome, juntando-se a ela homens como o dr. Jaime Gama, que me conhecia desde os tempos do liceu, quando o nome dele ainda bastava para ter média de 20. Esse homem que aparentemente com minha mulher havia estado no meu casamento, frequentava o meu escritório, que eu estimava como pessoal seria que pensava que fosse. Porque meu Deus? Por ser socialista? Mas pode lá ser socialista quem tanto tempo viveu burguesmente de rendas e do trabalho dos outros?

Porque um Dr. Sousa Gomes nessa manifestação. Então esse homem não nos conhecia desde a mais tenra idade? Não fomos amigos e companheiros dos filhos, não aprendêramos a respeitá-lo. Porque? Por ser socialista? Ora, ele sabe bem que o socialismo dourado em



## — A ESCUMALHA —



que vive só é possível nos contos de fadas ou para quem muito herdou em terras e bens.

E o Dr. Silvano Neves, um médico! Porque Sr. Dr.? Porque aviltou assim o seu nome? Em prol do socialismo?

Quando olho para as fotografias e vejo antigos colegas meus, alunos que me eram tão caros, amigos de infância, indivíduos sem eira nem beira que eu livre da cadeia ou defendi em Tribunal, quando vejo isso sinto amargura e aleluia.

Amargura por tanta desilusão. Alegria por saber, enfim, com quem posso contar. Judas não faz melhor obra.

Amargura por tanta desilusão. Alegria por saber, enfim, com quem posso contar. Judas não faz melhor obra.

E que pensar do comunicado do PPD que ouvimos estarrecidos? Até o partido de Mota Amaral nos traiu, foi nesse momento que tivemos a mais exacta noção de pequenez da alma humana, assim reduzida por inconfessáveis oportunismos e pela cობardia que a tudo se amolda para sobreviver.

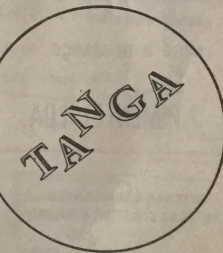
Para que isto nunca mais seja possível.

Açores, 16.6.1975

Bandeira da "Pobre" Mãe Pátria!  
Tens servido para tudo...

criatividade  
beleza  
distinção...

3 pisos ao serviço  
da elegância.



onde a *balucada* da Moda  
reúne a juventude elegante  
da cidade...



O sector PC primou pela abundância

de... IDIOTAS

Sabia-se que tínhamos sido presos pela forma mais abjecta e ilegal que se pode conceber uma prisão, numa ilha.

Sabia-se que essa prisão tinha sido calmamente planeada por certo estado maior durante 3 dias, com escalonamento de pessoas, composição de viaturas, identificação dos objectivos, cortes de telefone, segurança interna e externa, apoio de civis, instrumentalização de um barco, barreiras com senhas e contra senhas, etc.

Não foi portanto um acto resoluído dum comodoro isolado e oportunista ou um trabalho psicopatológico dum Borges Clotinho furioso e incompetente. Não, nada daquilo era possível se as forças armadas no seu todo, com toda a competência e zelo com que se batiam contra os comunistas no Ultramar não tivessem aprovado e executado.

Percebo que nessas forças armadas há tanta gente séria. E compreendo que estas quando passam por mim na rua mostram vergonha no olhar e o seu coração diz «mea culpa».

Então sabem e sabem que nós também somos pessoas sérias. E o que se nos fazia era

nosso estado de ânimo na cadeia era o pior possível, falando por mim posso dizer que estive à beira do colapso. Rezei, rezei e rezei quando no isolamento da 1ª cela onde me puseram incomunicável tive a noção exacta da enormidade de que tinha sido vítima.



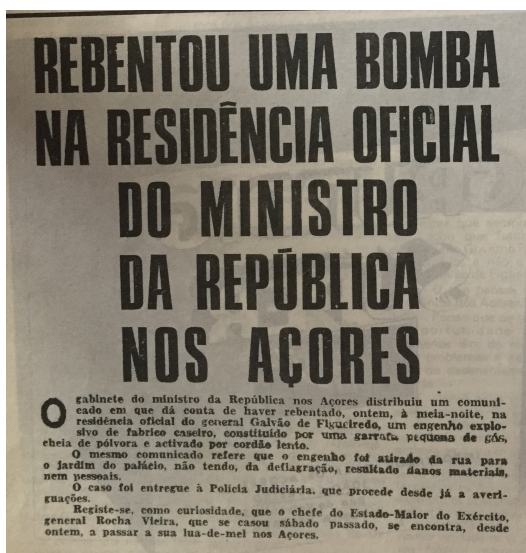
Braço dado...bem juntinhos!  
A fina flor do PS local.  
(Algumas já bem murchas...)

Sobre a contra manifestação do 6 de Junho



# Notas de Imprensa

## Jornal Milhafre





## Comunicados Políticos



**O.C.M.L.P.**

### **OS IMPERIALISTAS AMERICANOS PREPARAM-SE PARA SEPARAR OS AÇORES DE PORTUGAL!**

1. Os imperialistas preparam-se para tomar conta da terra portuguesa dos Açores, apoiando-se nos fascistas locais que agora se encobrem na defesa de uma falsa "independência" do Arquipélago relativamente ao Continente. Os fascistas agrupados principalmente na chamada F.L.A., têm o apoio dos partidos burgueses, e lançam já nas várias ilhas, uma ditadura terrorista sobre o povo e os progressistas dos Açores.

Depois de terem ocupado o Governo Civil há algumas semanas, depois de multiplicarem manifestações e provocações autonomistas, os fascistas ao serviço directo do imperialismo norte-americano e por ele conduzidos, preparam-se para transformar o Arquipélago numa neo-colónia dos Estados Unidos. A manifestação que se prepara para hoje sobre Angra do Heroísmo, visa a tomada do poder nos Açores pelo bando de reaccionários, lacaios dos americanos.

2. O Arquipélago dos Açores, constitui um ponto chave no controle do Atlântico e um apoio logístico fundamental para as tropas americanas que ameaçam o Médio-Oriente bem como para o apoio americano às tropas sionistas israelitas. Por isso aí está instalada uma importantíssima base militar americana e o controle dessa parte do nosso território, é intensamente cobijado pelas 2 superpotências rivais, os USA e a URSS.

3. A O.C.M.L.P. denuncia as movimentações "autonomistas" e de "independência" dos Açores, como manobras do imperialismo americano para nos arrancar essa parte integrante do território nacional.

A O.C.M.L.P. denuncia os partidos burgueses, o CDS, o PPD, o PS, que nos Açores apoiam activamente as manobras separatistas contra a soberania e independência nacionais, bem como o P."C!" que, orientado pela política soviética, nada faz face às provocações americanas, ligando-se a elas objectivamente.

A O.C.M.L.P. denuncia a chefia militar das tropas portuguesas nos Açores, particularmente o comandante reaccionário Altino PINTO DE MAGALHÃES, laiaço do imperialismo americano e traidor à pátria, defensor da separação dessa parte inalienável do nosso território nacional, correlegionário do bando fascista separatista, como é do conhecimento do Conselho da Revolução.

A O.C.M.L.P. denuncia os social-imperialistas soviéticos, como aliados e rivais dos imperialistas americanos, e declara, muito claramente, que existe um plano concreto de partilha do nosso território, em que os Açores ficariam sob tutela americana.

A O.C.M.L.P. denuncia o silêncio e as hesitações do MFA face à questão dos Açores e apela para que todos os patriotas, militares e civis, se levantem imediatamente contra a capitulação e se organize imediatamente a defesa dos Açores por tropas portuguesas patrióticas e a liquidação imediata das separatistas e de todos os pontos de lança do imperialismo americano.

4. A questão dos Açores demonstra desde já o início declarado da política agressiva de partilha e domínio da nossa pátria pelas superpotências e



# Comunicados Políticos

AO POVO TRABALHADOR E A TODOS OS ANTI-FASCISTAS E PATRIOTAS

Como já foi bastante divulgado pelo Searla de Carvalho teve o seu comício boicotado na Terceira-Agões.

Os fascistas separatistas da dita P.M.A. aterrorizados com o vasto movimento de massas em torno desta candidatura que se tem desenvolvido por todo o país, logo se mobilizaram para não deixar realizar ao povo trabalhador o COMITADO DA UNIDADE POPULAR.

Os incidentes ocorridos no acroporto das Lages, em que os fascistas atacaram e agrediram elementos da caravana do U.P.U., com total colaboração das autoridades militares locais, já são também do conhecimento público.

Mas os fascistas/separatistas não se ficaram por aí. Deixando a cidade nas suas típicas "caravanas auto-aveias", descarregaram o seu terror fascista, destruindo e roubando, a casa do advogado da União dos Sindicatos de Angra, conhecido defensor dos trabalhadores.

Aí, uma vez, com a concordância das autoridades, conheci os fascistas, como Djalma de Castro, Silva e Oliveira, em representação da "FLA", fizeram um ultimato ao referido advogado, para que abandonasse a ilha até à próxima quarta-feira. A resposta dos trabalhadores que sabem distinguir os seus amigos dos seus inimigos após um plebiscário manifestaram-se na rua, à volta de 1 milhar, em defesa do seu companheiro de luta, utilizando as autoridades, que os prendeu os fascistas, ou haverá paralisação geral.

As autoridades locais, compreenderam-se a dar seguimento às injunções dos trabalhadores, mas, todos nós sabemos que isso não passa de conversa. Os trabalhadores não desmobilizam. Mantêm-se alerta e na disposição de impedir que os fascistas/separatistas levem vantagem às suas ameaças.

É altura de se gritar bem alto, que a unidade Nacional na boca dos senhores do Governo e dos partidos da burguesia, é uma farsa. É demagogia barata para iludir o povo.

Os fascistas actuam impudentemente, que foi feito para os reprimir! NADA!

Tamém vai aos Agões e as autoridades militares apoiam os separatistas. É esta a desigualdade que a burguesia aprecia.

A situação nos Agões é grave! Mas não basta dizê-lo. É preciso pressionar o Governo a tomar medidas concretas, que os seus governos da burguesia, conciliadores nunca os tomaram.

O fascismo não passará tal como no Continente, também nas ilhas o P.U.V. se levanta demonstrando firme a sua firme vontade de acabar definitivamente com a situação de miséria e opressão em que vive.

O N.U.P.A.O., organização de anti-fascistas açorianos apela, a todas as organizações de trabalhadores e moradores, e organizações revolucionárias para que apoiem a tomada de posição do U.P.U. de Sindicatos de Angra e do povo açoriano na luta contra o fascismo/separatismo, a miséria e a exploração.

— MORTO AO FASCISMO/SEPARATISMO, LIBERDADE PARA O POVO  
— CONTINENTE, ILHAS UNIDAS COM UM NOVO PRESIDENTE.

O Secretariado do N.U.P.A.O. (Núcleo de Unidade Popular de Açorianos no Continente)

Lisboa, 22 de Junho de 1976

(Do Jornal "O TELEGRAF" de 28/1/1977)

**LIBERDADE SIM  
TRAFALHADORES, NÃO**

Os Agórenos antifascistas da América vêm desmascarar a manobra das elites agórenas que, de mãos dadas com a CIA e seus lacaios, formam o COMITÉ AGÓREAS 75.

Não nos parece que sejam os nossos irmãos do Continente os nossos exploradores. Eles foram vítimas, como nós, de uma minoria que viveu à custa do povo até ao 25 de Abril de 1974.

1 - Quem explorou os Agórenos com os preços praticados nas cargas marítimas? Não era a EIM e os Carregadores Agórenos, empresas agórenas?

2 - Quem explorou os Agórenos, quando os lotes do Pico são impedidos de ir além Terceira? Não foi a EIM a única beneficiária?

3 - Quem explorou os Agórenos quando a SATA mantém o quilómetro mais caro do mundo? Não é a SATA uma empresa agórena?

4 - Quem estipulava o preço da beterraba ao lavrador e o roubava o peso? Não era a fábrica do Açúcar uma empresa agórena?

5 - Quem fixava as rendas das terras que trabalhávamos? Não eram os agórenas?

6 - Quem nos pagava o que queria e nos despidia quando já não precisava de nós? Não eram "OS SENHORES" agórenos?

7 - Quem permitia a circulação de contrabando de passageiros (VARELA) e carnes de aluguer sem condutor (ESTRADA DA MANHA) a sair nos bosques, pondo em perigo a vida dos utentes e transumantes? Não é o Eng. Jorge Carneiro, agóreno?

8 - Quem deu o sobe da Indústria dos Municípios, transformando-a em empresa eléctrica, contra o interesse da REGIÃO? Não é o Eng. Mapalhões, agóreno?

9 - Quem, como funcionário da Consuêda Americana, recebeu "liras" de tática de nós para nos apressar os processos e, impiedável, assistiu, por vezes, ao tratamento degradante que nos infligiu um Vice-Conselheiro? Não é o Sr. Victor Cruz, agóreno?

10 - Quem nos enfiou até à medula para nos tratar da papela? Não foram agórenas de vilagens agórenas?

Agora todos querem o nosso dinheiro, e os emigrantes são os melhores amigos, mas não podemos esquecer que esses senhores que agora falam tanto em nome do Povo Agóreno e dos seus emigrantes, têm a sua parte de culpa no estado de coisas que nos levou a emigrar.

Não pretendemos interferir no processo político português, da mesma maneira que nenhum de nós admitiria que estranhos viessem mandar na nossa casa. Aqui é que vivemos.

Seguir com interesse o que aí se passa não quer dizer que queiramos interferir.

O nosso nome já tem sido por demais evocado, e não somos tolos para não percebermos que o que querem é o nosso dinheiro.

Enquanto as actividades exploradoras o nosso esforço é baixo preço. Agora que querem continuar a viver à nossa custa, por isso vêm com falanhas manhas.

Fala-se muito no Povo, mas não nos parece que "SENHORES" como Franco, Almeida, Chaves, Indice, Carneiro, Malos, Bento, Dourados ou Morais, tivessem feito alguma coisa, que não fosse por eles próprios, antes do 25 de Abril.

Falamos em honestidade e em rubros de votos, mas tais palavras perdem o significado em certas bocas. Não será o Sr. JERÓNIMO CASAL, o mesmo do Correio da Ribeira Grande?

Agora não faltam pastores, mas que se acasalem com o rebanho, pois há muito corvo no Porto de ser boqueado.

Queremos ver a liberdade nos Agões, mas para todos, e não apenas para a camarilha reacionária dos "autonomizados HERNANIS (?) do 6 de Junho.

— Um grupo de Agórenos emigrados nos EUA—

N.R. — O artigo supra foi publicado no Jornal "O Diário" de 21 de agosto de 1976. Inserindo-lhe hoje, por não ter sido solicitada a sua divulgação.

**PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS**

AOS PEQUENOS E MÉDIOS AGRICULTORES DO DISTRITO DE PONTA DELGADA!

A TODA A POPULAÇÃO DO DISTRITO !

MANTEIDA PELOS INTERESSES DOS GRANDES LAVRADORES DESTA ILHA, TEM ESTADO A SER PREPARADA PARA O PRÓXIMO DIA 6 DE JUNHO UMA MANIFESTAÇÃO DE AGRICULTORES EM PONTA DELGADA.

OS GRANDES AGRÍCOLAS E OS GRANDES LAVRADORES, QUE ATÉ AQUI NUNCA SE PREOCUPARAM COM A GRAVE SITUAÇÃO EM QUE TÊM VIVIDO OS PEQUENOS AGRICULTORES, ESSES GRANDES AGRÍCOLAS E LAVRADORES — MUITOS DOS QUAIS SÃO HOMENS PUBLICAMENTE CONHECIDOS PELAS SUAS IDEIAS REACIONÁRIAS, PELA SUA POSIÇÃO FRONTALMENTE CONTRÁRIA AO ACTUAL PROCESSO REVOLUCIONÁRIO PORTUGUÊS E PELA DEFESA QUE FAZEM DOS IDEIAS DE "INDEPENDÊNCIA" E DE "AUTODETERMINAÇÃO" DOS AGÓREAS — SÃO ELLES OS QUE ESTRANHAMENTE APARECEM AGORA INTERESSADOS E "PREOCUPADOS" COM A SORTE DE MILHARES DE PEQUENOS E MÉDIOS AGRICULTORES, MAS ELLES QUE OS TENTAM CONDUZIR PARA UMA MANIFESTAÇÃO DE RUÁ... COMO OBJETIVOS DESSA MANIFESTAÇÃO APARECEM ALGUMAS REIVINDICAÇÕES QUE CORRESPONDEM, DE FACTO, A LEGÍTIMAS ASPIRAÇÕES DOS AGRICULTORES, DE MISTURA COM OUTRAS QUE NÃO SÃO NEM JUSTAS COMO SÃO COMPLETAMENTE INCOMPATÍVEIS A CUMPRIR PRAZO PELO GOVERNO PROVISÓRIO...

A MANIFESTAÇÃO PREPARADA PARA O DIA 6 É UMA MANIFESTAÇÃO-FANTOCHA, DESTINADA A SERVIR OS OBJETIVOS POLÍTICOS DOS LAVRADORES REACIONÁRIOS, OU SEJA, TENTAR LANÇAR CONTRA AS AUTORIDADES DEMOCRÁTICAS, CONTRA O GOVERNO PROVISÓRIO E CONTRA O N.U.P.A.O. UM GRANDE INIMIGO DE PEQUENOS E MÉDIOS AGRICULTORES DESTA ILHA!

MAS ALÉM DO PRÓXIMO DIA 6 DE JUNHO (PRAO A QUAL ESTAVA PREVISTA A MANIFESTAÇÃO) É A DATA DA CHEGADA AO PONTO DE PONTA DELGADA DE ALGUNS NAVIOS DE GUERRA DA FROTA DA N.A.T.O. O POVO PORTUGUÊS SABE QUE, SEMPRE QUE TÊM HAVIDO INFLUÊNCIA DE GOLPES CONTRA-REVOLUCIONÁRIOS EM PORTUGAL, AS ESQUADRAS DA N.A.T.O. TÊM APARECIDO À FÉZ MUNDIABRAS FORA DA COSTA PORTUGUESA DO JO LARGO DOS AGÓREAS... O POVO PORTUGUÊS SABE QUAL É A IMAGEM CALUNIOSA E DEFORMADA SOBRE A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA PORTUGUESA QUE ESTÁ ESPALHADA ENTRE AS POPULAÇÕES DOS PAÍSES QUE FAZEM PARTE DA N.A.T.O....

POR ISSO, ENTRE OUTRAS RAZÕES, O SR. GOVERNADOR MILITAR DOS AGÓREAS E O SR. GOVERNADOR CIVIL DESTA ILHA (MEDOTRIM) NÃO AUTORIZAM A REALIZAÇÃO DA MANIFESTAÇÃO NAQUELA DATA, COM VISTA A EVITAR A CRIAÇÃO EM PONTA DELGADA, NESSE DIA, DE UM AMBIENTE DE CONFLITO E DE CONFRONTAÇÕES QUE SE PODERIAM DAR OPORTUNIDADE A ESPECULAÇÕES ALIADA MAIS VASTAS E MAIS CALUNIOSAS, NOS MEIOS INTERNACIONAIS, SOBRE O CURSO DA NOSSA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA, EM COLABORAÇÃO DEFINITIVA PREVIAMENTE COM O MOVIMENTO DE ESQUERDA SOCIALISTA (M.E.S.), COM O MOVIMENTO DEMOCRÁTICO PORTUGUÊS (M.D.P./M.D.E.) E COM O PARTIDO SOCIALISTA (P.S.), A COMISSÃO DISTRITAL DE PONTA DELGADA DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS VEM DIXO O SEU FIRME APOIO À PROIBIÇÃO DA REALIZAÇÃO DAQUELA MANIFESTAÇÃO EN TAL DATA QUE TORNA POLÍCIA PELAS AUTORIDADES CÍVIL E MILITARES.

EM COLABORAÇÃO ALIADA COM O M.E.S., COM O M.D.P./M.D.E. E COM O P.S., A COMISSÃO DISTRITAL DE PONTA DELGADA DO P.C.P., VEM ESCLARECER OS PEQUENOS E MÉDIOS AGRICULTORES E TODA A POPULAÇÃO SOBRE OS OBJETIVOS REACIONÁRIOS QUE SE OCULTAM POR DETRÁS DA MANIFESTAÇÃO E ALERTÁ-LOS PARA OS GRAVES RISCOS QUE O PROCESSO DEMOCRÁTICO PODERIA CORRER SE OS PROMOTORES DA MANIFESTAÇÃO — NUMA CLARA ATITUDE DE DESAFIO ÀS AUTORIDADES — INSISTISSEM EM LEVAR-LA POR DIANTE NAQUELA DATA !

REPUBLICAMOS A MANIFESTAÇÃO BURLA DO DIA 6!

APOIAMOS AS MEDIDAS DAS FORÇAS ARMADAS E DO GOVERNO CIVIL!

Ponta Delgada, 4 de Junho de 1975

A COMISSÃO DISTRITAL DE PONTA DELGADA DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

**MOVIMENTO DE UNIDADE POPULAR**

**BASTA**

**Proletário !  
Trabalhador !  
Povo de S. Miguel !**

Em Ponta Delgada no dia 26 de Junho passado, os terroristas da FLA fizeram ouvir, de novo, a sua voz: a voz da violência.

Em reacção à demissão do seu chefe José de Almeida, criminosos da FLA ajeitaram a tiro as casas da Dra. Angelina Balacó e do comandante militar dos Agões, Brigadeiro Ferreira de Lemos.

A Dra. Angelina Balacó que é gestora do Liceu de Ponta Delgada foi vítima deste acto terrorista por ter sido cúmplice de um acto de assassinato de um professor do Liceu.

José de Almeida foi castigado com este afastamento porque em 1973 abandonou as aulas e foi para a América roubar e enganar os emigrantes com a propaganda da FLA.

Não ao momento, e como era de esperar, as autoridades não conseguiram descobrir os autores dos tiros. Como, também, era de esperar, o seu governo condenou-nos mais este acto de violência. Mas entre tanto, a FLA continua sem castigo, prosseguindo a sua actividade com uma recente colagem de cartazes com a fotografia de José de Almeida.

A colagem desses cartazes é ilegal porque as actividades e propaganda Separatistas estão proibidas na nossa lei principal — a Constituição.

Assim se vai deixando a FLA em liberdade e segurança destruir a própria liberdade.

Ajornamos a Agões de 26 de Junho José de Almeida e condenamos a violência acrescentando de maneira nenhuma os identificados com essa forma de luta.

Como José de Almeida e condenamos a violência se é o próprio jornal "Milhafre" de que é director que fez que foi a FLA e ele próprio os autores das violências verificadas durante as Festas do Senhor Santo Cristo e da bomba que rebentou no Rádio Nacional?

**Proletário !  
Trabalhador !**

Junta-te aos teus e digamos todos: BASTA!

—Basta de as autoridades deixarem andar à solta os criminosos da FLA. os terroristas e bombistas.

Para o Povo ser livre é preciso castigar os fascistas!

Em frente na Unidade de todos os democratas e patriotas!

Ponta Delgada 7 de Julho de 77

O SECRETARIADO DO NÚCLEO  
DE PONTA DELGADA  
DO MOVIMENTO DE UNIDADE POPULAR

# Comunicados Políticos

M.S.E. 77

ESTUDANTES AÇORIANHOS

Finalmente chegou a hora de sermos chamados a assumir responsabilidades na gestão de sectores fundamentais à vida dos AÇORES. Chegou a hora, nós estamos presentes. O ensino até hoje esteve e está ao serviço de professores cuja preocupação maior era e é servir o colonialismo que nos ofende e marginaliza. A partir de agora todo o professor ao serviço do colonialismo português está a mais nos AÇORES. Preferimos que eles tomem iniciativa de se ir embora. Os professores colonialistas estão a mais nos AÇORES. Não estão a mais por serem portugueses mas por serem ANTI-INDEPENDÊNCIA, POR SEREM COLONIALISTAS. Estudantes AÇORIANHOS temos de colocar o ensino nos AÇORES ao serviço dos AÇORIANHOS e do Nacionalismo AÇORIANO. POR ISSO SOMOS NACIONALISTAS. POR ISSO SOMOS AÇORIANHOS. POR ISSO SOMOS MOVIMENTO SEPARATISTA ESTUDANTIL.

Na próxima 4ª feira começa o processo de definição de um ensino totalmente ao serviço dos AÇORES e que mesmo é dizer de LIMPEZA das nossas escolas de tudo o que é Anti-AÇORES. Junta-te a nós, estudante AÇORIANO, 4ª feira pois nesse dia damos início a uma luta sem tréguas para que em todos os estabelecimentos de ensino aconteça AÇORES, se defina uma política de ensino INDEPENDENTISTA e que nos professores AÇORIANHOS seja dado o 1º lugar nas escolas dos AÇORES. 4ª feira é dia de luta nas escolas AÇORIANAS, se faltares estás a trair. O M.S.E. sabe que a nossa afirmação Nacionalista Patriótica e Independentista vai ser feita por forma a ninguém se sentir diminuído — Vamos lutar como sabemos, isto é, legalisticamente, pacificamente, Patrioticamente. ESTUDANTES DOS AÇORES UNI-VOS. É nas escolas e no trabalho que a Independência dos AÇORES se define

VIVA O POVO AÇORIANO  
VIVA OS AÇORES LIVRES  
VIVA O M.S.E. (comité central)

Ministro da Administração Interna

LISBOA

244-A-6 10/4/1975

Excelência

Não posso deixar de chamar a atenção de Vossa Excelência para o recorte junto do diário "AÇORES". Enquadrado nos acontecimentos relatados a esse Ministério em diversas ocasiões, nota-se uma certa agressividade de na penetração da influência dos ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Com os melhores cumprimentos.

O Governador do Distrito,

AB ef

(António Borges Coutinho)

EM DEFESA DO NOSSO PRÓPRIO FUTURO

EXIGIMOS:

- 1ª Reintegração imediata do Dr. José de Almeida no Liceu.
- 2ª Libertação e ocupação do lugar respectivo do Dr. Manuel Melo Bento.
- 3ª Saída imediata deste estabelecimento da Dr. Belacó símbolo máximo do colonialismo nos estabelecimentos de ensino nos Açores.
- 4ª Organização de uma comissão de professores tidos como Nacionalistas Açorianos, para no período máximo de 30 dias, apresentarem uma programação curricular vinculada aos reais interesses dos Açores e em acordo com a HISTÓRIA dos AÇORES.
- 5ª Exigir a todos os professores não Açorianos um compromisso de honra solene de que não usarão a cátedra para combater o Nacionalismo Açoriano a caminho da Vitória Final.

N.B.

Se não forem satisfeitas estas exigências mínimas da nossa Associação de ver aqui realizado Açores serão encaradas outras formas de luta cuja responsabilidade caberá exclusivamente a quem nos estabelecimentos de ensino não for Açoriano.

MOVIMENTO SEPARATISTA ESTUDANTIL

Tendo sido presente ao Comité Central do M.S.E. a opinião da Governo Regional e da Comissão Associativa do Liceu Antero Quental relativamente à manifestação de apoio às exigências por nós formuladas ao Governo Regional para que nos Açores aconteça ensino Açoriano e respeito pelas tradições e valores Açorianos, sentimos ser nossa obrigação esclarecer uns e outros e sobre tudo a opinião pública Açoriana. Assim:

- 1ª Denunciar a manifestação da responsabilidade de uma definição para a gestão futura do Liceu.
- 2ª Manter intransigentemente os pontos constantes das reivindicações do M.S.E.
- 3ª Denunciar os lacas no serviço do Governo Regional no Liceu (comissão Associativa) e não se confundir com a J.S.D. cujo pensamento nos Açores já é bem conhecido: É Nacionalista, é Patriótico, e é Açoriano. Social Democracia, Comissão Associativa e Governo Regional podem não ser a mesma coisa.
- 4ª Denunciar a ambiguidade típica do Governo Regional no comunicado, mal ouvido no telefone, da Comissão Associativa do Liceu Antero Quental. O seu teor já era largamente conhecido e divulgado na cidade de Ponta Delgada. Tais patifes, tais lacas.
- 5ª Afirmar mais uma vez que não está em jogo um ataque aos professores portugueses, ou de qualquer outra nacionalidade, nos estabelecimentos de ensino nos Açores, mas, sim, defender intransigentemente o direito legítimo da Juventude Açoriana receber educação e instrução Açoriana e em acordo com o Nacionalismo e Independentismo que está em todos os canchaceiras corações. A Independência dos Açores não pode ser objecto de discussão negativa em sítio nenhum e por quem nada tem a ver com ela. Muito menos nos estabelecimentos de ensino.
- 6ª Fazer um aviso solene ao Governo Regional afim de que:
  - a) Faça um mínimo de esforço para reter a verdade do problema do Dr. Almeida. Ele é vítima, não réu.
  - b) Analize as circunstâncias em que se ausentou para o estrangeiro o professor Álvaro França, veja a diferença de tratamento.
  - c) Procure na comunidade Açoriana professores competentes, que até existam, para cobrir as necessidades do professorado nos Açores.
  - d) Se faça uma seleção criteriosa colocando acima de tudo os interesses dos Açores na vinda de professores estrangeiros.

NOTA:

Nem de longe nem de perto está encerrado o conflito M.S.E.-Governo Regional, no que respeita ao ensino nos Açores, se, de pressa, não forem dadas respostas satisfatórias às nossas reivindicações.

QUEREMOS UM GOVERNO PRÓPRIO, NÃO QUEREMOS UM GOVERNO TELECOMANDADO.

M.S.E. (comité Central)



## Outros Registos



Encontro entre líderes da Frente de Libertação Açoriana e a Frente de Libertação dos Arquipélagos da Madeira e Açores 1976



Assalto à sede do Partido Comunista Português 1975.



Manifestação de apoio a José Orlando Bretão natural da ilha Terceira, advogado da União dos Sindicatos de Angra do Heroísmo no dia 19 de Abril de 1976.



Alguns dos presos do 9 de Junho de 1975.



Viatura de dirigente comunista atirada ao mar em Ponta Delgada, Verão 1975.



Debate na RTP-Açores com dirigentes socialista e independentista.



# Reportagem Associated Press Ponta Delgada 1975



## **ANEXO IV**

# **COMUNICAÇÕES ENTRE O CONSULADO DOS ESTADOS UNIDOS, A EMBAIXADA AMERICANA EM LISBOA E O DEPARTAMENTO DE ESTADO EM WASHINGTON DURANTE O ANO DE 1975**

28 Telegramas desclassificados recolhidos do National Archive.

## **JANEIRO DE 1975**

**(1) R 271905" JAN 75 FM**

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC

1066 INF AMEMBASSY LISBON UNCLAS PONTA DELGADA 024 E.O.11652:  
N/A TAGS : PINT PO

**SUBJECT : POLITICAL TENSION LEADS TO VIOLENCE ON SAO MIGUEL**

1. SUMMARY: SINCE JAN 1 TENSION BETWEEN SAO MIBUEL LEFT (PCP, MDP, PSP,AND MES) ON ONE HAND AND PPD AND MAPA ON THE OTHER HAS INCREASED SIGNIFICANTLY. VIOLENT CONFRONTATIONS HAVE OCCURED FOR FIRST TIME.

2. ON NEW YEARS EVE, PONTA DELGADA HEADQUARTERS OF MOVEMENT FOR SELF-DERTERMINATION OF AZOREAN PEOPLE (MAPA) WAS BROKEN INTO BY YOUTHS LOOSELY IDENTIFIED WITH THE MDP. YOUTHS ARREST AND SUBSEQUENT TRIAL PROVOKED PONTA DELGADA LEFT WING PARTIES TO ISSUE JOINT COMMUNIQUE PROTESTING ARREST AND DEFENDING ACT AS LEGITIMATE EXPRESSION OF POLITICAL OPINION. PPD ONLY PONTA DELGADA POLITICAL PARTY WHICH DID NOT JOIN IN COMMUNIQUE.

3. SUBSEQUENT VISIT TO AZORES BY GEN. CARLOS FABIAO PROVIDED LEFT WITH OPPORTUNITY TO ATTACK MAPA AND ISOLATE PPD. AFTER CONSULTATIONS WITH LOCAL LEFTIST LEADERS, FABIAO ATTACKED MAPA IN PRESS AS "REACTIONARY" ORGANIZATION. SOON THEREAFTER, LOCAL CULTURAL DYNAMIZATION PROGRAM BEGAN OPEN DENUNCIATION OF MAPAQ OVER GOVERNMENT CONTROLLED EMISSORA REGIONAL RADIO STATION. ON JANUARY 14,MEANWHILE LOCAL PS, CITING FABIAO'S REMARKS ON MAPA, CALLED PPD TO CLEARLY DEFINE ITS POSITION VIS A VIS THAT ORGANIZATION. PPD, WHICH HAS CONSISTENTLY AVOIDED ATTACKING MAPA TO DATE, SUBSEQUENTLY ISSUED COMMUNIQUE DENYING ANY CONNACTION WITH MOVEMENT.

4. ANTI-MAPA CAMPAIGN REACHED APEX EVENINGS OF JANUARY 13 AND 14 WHEN MAPA RALLIES IN TOWNS OF RIBEIRA GRANDE AND VILA



FRANCA DISRUPTED BY YOUTHS WHO SHOUTED DOWN SPEAKERS. MAPA LEADERS TERMINATED MEETINGS WITHOUT VIOLENCE, HAVE HELD NO MORE TO DATE.

5. NEW WRINKLE EMERGED EVENING JANUARY 22 WHEN COMMUNISTS ATTEMPTING HOLD MEETING IN TOWN OF RIBEIRINHA ATTACKED PHYSICALLY BY ALLEGED MAPA AND/OR PPD SUPPORTERS. FOLLOWING DAY PONTA DELGADA CITY WALLS BLOSSOMED WITH SIGNS READING " BORGES COUTINHO (MDP CIVIL GOVERNOR OF DISTRICT)- GUT; JOAO BOSCO (MOTA AMARAL, PONTA DELGADA PPD LEADER) - IN".

6. MOST SERIOUS INCIDENT TO DATE OCCURED JAN 27 WHEN PCP RALLY IN RIBEIRA GRANDE AT WHICH LUIS SANTOS OF PCP CENTRAL COMMITTEE TG SPEAK, BROKEN UP BY SIZEABLE CROWD OF YOUTHS CHANTING "PPD" AND THROWING BOTTLES AND VEGETABLES. YOUTHS HAD PREVIOUSLY SET UP ROADBLOCKS TO PREVENT LEFTIST SYMPATIAZERS FROM ATTENDING RALLY. CIVIL AND MILITARY POLICE CALLED OUT TO RESTORE ORDER BUT CROWD REFUSED DISPERSE FOR NEARLY TWO HOURS. DANIELS

**(2) R 022340Z JAN 75**

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC 1059

INFO AMEMBASSY LISBON LIMITED OFFICIAL USE

**SUBJECT: BREAK IN AT MAPA HEADQUARTERS PONTA DELGADA**

1. ON NEW YEARS EVE 8 YOUTHS REPORTEDLY CONNECTED LOCAL MDP BROKE INTO MAPA HEADQUARTERS. ALL LATER ARRESTED AND ARRAIGNED. MAPA PLANS ISSUE COMMUNIQUE SOON ALLEGING MDP RESPONSIBILITY FOR ACT.

2. COMMENT: WE BELIEVE MDP RESPONSIBILITY UNLIKELY. YOUTHS MAY HAVE BEEN MDP SYMPATHIZERS BUT PROBABLY WERE DRUNK. MAPA COMMUNIQUE OBVIOUSLY INTENDED TO PUT MDP ON DEFENSIVE. WE EXPECT IT WILL LEAD TO VIRULENT EXCHANGE IN NEWS PAPERS IN COMING WEEKS WITH RESULTING HEIGHTENING OF TENSIONS.

## **MARÇO DE 1975**

**(3) R 121220Z MAR 75**

FM AMCONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC

**SUBJECT: COUP ATTEMPT IN PORTUGAL PONTA DELGADA AND, ACCORDING TO MORNING PAPERS, REST OF AZORES REMAINED CALM THROUGHOUT EVENTS IN LISBON MARCH 11.**

THIS MORNING FOR FIRST TIME ANTIAMERICAN SLOGANS PAINTED IN FRONT CONSULATE INCLUDING **"DOWN WITH AMERICAN IMPERIALISM"** AND **"DEATH TO CIA"** OTE LOCAR VALHO INVITATION TO AMBASSADOR CARLUCCI TO LEAVE PORTUGAL BROADCAST. **WE ARE REVIEWING EMERGENCY AND EVACUATION PLAN WITH AMERICAN BASE AT LAJES JUST IN CASE BUT AT THIS TIME NO APPARENT DANGER TO AMERICANS EXISTS. WE BELIEVE SLOGANS WORK OF SMALL GROUP WHICH NOT REPRESENTATIVE OF AZOREAN SENTIMENT. DANIELS**

## **MAIO DE 1975**

**(4) R 201639Z MAY 75**

EMBASSY LISBON TO CONSUL PONTA DELGADA

INFO SECSTATE WASHDC 2834 C O N F I D E N T I A L LISBON 2835 EO 11652: XGDS-4 TAGS: PINT, PO

**SUBJ: VICTOR CRUZ ASSUME YOU MONITORING CRUZ ACTIVITIES CLOSELY. HAS HE STAYED OUT OF MAPA AND OTHER INDEPENDENCE ACTIVITIES AS PROMISED? CARLUCCI**

## **JUNHO DE 1975**

**(5) 096732 O 081735Z JUN 75**

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC

1. EXCEPT FOR MILITARY GUARD STATIONED AT AIRPORT AND RADIO STATION, SITUATION IN PONTA DELGADA APPEARS TO HAVE RETURNED TO NORMAL. POPULATION SEEMS RELAXED; CHURCH ATTENDANCE AND TRAFFIC NORMAL.

2. PONTA DELGADA RADIO CONTINUES TO BROADCAST MILITARY GOVERNOR'S ADDRESS OF 23:00 LOCAL LAST NIGHT (SITREP 12). OTHERWISE PROGRAMMING NORMAL. COMMUNIQUE BY "ARMED FORCES OF AZORES" (SITREP 11) HAS NOT BEEN REBROADCAST THIS MORNING.

3. PONTA DELGADA MORNING PRESS CARRIES TEXTS OF BOTH STATEMENTS WITHOUT COMMENT. PAPERS PRINT COMMUNIQUE BY HORTA POLITICAL PAGE TWO RUDOVAB6827 UNCLAS PARTIES (SITREP 12) AND COMMUNIQUE BY SEVERAL PROFESSIONAL GROUPS ON TERCEIRA WHICH DENOUNCE **JUNE 6 DEMONSTRATION**. COMMUNIQUE BY PONTA DELGADA PPD AND CDS ALSO PRINTED. PPD/CDS COMMUNIQUE DISASSOCIATE THOSE PARTIES FROM SEPERATIST ASPECT DEMONSTRATIONS BUT EXPRESS SATISFACTION OVER RESIGNATION OF GOVERNOR AND SYMPATHY WITH BREAD AND BUTTER DEMANDS OF AZOREAN FARMERS. PFEIFLE

**(6) R 171754Z JUN 75**

EMBASSY LISBON TO AMCONSUL PONTA DELGADA

INFO SECSTATE WASHDC

SUBJ: AZORES SITUATION R

WOULD APPRECIATE UPDATE ON GENERAL POLITICAL SITUATION. ANYTHING NEW ON CRUZ AND BLETTEIRE? OKUN LIMITED OFFICIAL USE

**(7) 171615Z JUNE 75**

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC

1183 INFO AMEMBASSY LISBON

SUBJECT : **RELEASE OF DETAINEES**

THE 36 PERSONS ARRESTED IN CONNECTION WITH THE EVENTS OF JUNE 6 IN PONTA DELGADA WERE RETURNED TO SAO MIGUEL THIS MORNING AND RELEASED. NO OFFICIAL ANNOUNCEMENT OF THE RELEASED HAS BEEN MADE, NOR HAS ANY INDICATION BEEN GIVEN AS TO WHEN OR IF OTHERS WILL BE FREED. AMONG THOSE RELEASED ARE: GUSTAVO MOURA, DIRECTOR OF PONTA DELGADA NEWSPAPER "ACORES"; ANTONIO COSTA SANTOS, FRENCH CONSULAR AGENT IN PONTA DELGADA; AND ANTONIO MANUEL GOMES DE MENESES, A CIVIL ENGINEER. CONSULATE EMPLOYEE VICTOR CRUZ WAS NOT RELEASED. PFEFLE

**JULHO DE 1975**

**(8) 261627Z JUL 75**

SECSTATE WASHDC INFO USMISSION NATO 9779 C O N F I D E N T I A L  
STATE 177017 FOL REPEAT OF PONTA DELGADA 269 TO SECSTATE JUL 25  
QTE: C O N F I D E N T I A L PONTA DELGADA 269 E.O. 11652: GDS TAGS:  
PINT, PO

SUBJECT: AZOREAN DISTURBANCES REF: PONTA DELGADA 267

1. JULY 24 BEATING IN PONTA DELGADA OF SIX ARMED PORTUGUESE SAILORS FROM FRIGATE JOAOBELO WAS PARTIALLY DUE TO TYPE OF FRICTION THAT OCCURS BETWEEN SAILORS AND RESIDENTS IN PORTS. UNIVERSALLY BELIEVED HERE THAT SAILORS PROVOKED, HOWEVER FACT THAT SAILORS CONTINENT; AND REPUTED LEFTISTS EXACERBATED SITUATION. ALTHOUGH APPARENT FOR AT LEAST AN HOUR THAT TROUBLE LIKELY BETWEEN SAILORS AND RESIDENTS, NEITHER POLICE NOR ARMY MADE ATTEMPT TO PREVENT FIGHT OR PROTECT SAILORS. PONTA DELGADA MAYOR TOLD ME THAT BEATING WAS FIRST INCIDENT OF VIOLENCE IN OVER THIRTY YEARS. FRIGATE SAILED FROM PONTA DELGADA AFTERNOON JULY 25 THUS REMOVING LIKELYHOOD OF FURTHER VIOLENCE. GWM RESIGNATION OF LEFTIST GOVERNOR OF ANGRA DISTRICT AND VIOLENCE IN PONTA DELGADA ILLUSTRAT DEEP POPULAR DISLIKE OF LEFTIST AND CONTINENTALS AND WILLINGNESS OF AZOREANS TO TAKE MATTERS IN OWN HANDS. **WE HAVE IMPRESSION THAT LISBONS AUTHORITY IN AZORES IS GRADUALLY SLIPPING AWAY.** IT IS NO LONGER POSSIBLE FOR GOP TO IMPOSE UNPOPULAR OFFICIALS OR POLICIES HERE, AZOREANS WILL NOT ACCEPT THEM AND LOCAL AUHORITIES SEEM UNWILLING TO ENFORCE ACCEPTENCE. EVENTS OF JULY 24 APPARENTLY SPONTANEAOUS, NO EVIDENCE OF PLOTTING OR COORDINATION. WE SEE NO INDICATION OF ACTIVE REVOLT PLANNING.

**(9) R 242035Z JUL 75**

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC 1211 INF  
AMEMBASSY LISBON

SUBJECT : AZORES CALM REFERENCE: SULLIVAN-PFEIFLE TELCON  
PONTA DELGADA 264

1. THE AZORES HAVE REMAINED CALM DURING PORTUGAL'S CURRENT POLITICAL CRISIS EXCEPT FOR THE INCIDENTS REPORTED REFTTEL. PONTA DELGADA'S ACTIVE RUMOR MILL HAS PRODUCED NOTHING INTERESTING.

2. WE HAVE JUST HEARD THAT THE LEFTIST CIVIL GOVERNOR FOR THE DISTRICT OF ANGRA DO HEROISMO (TEREIRA, SAO JORGE AND

GRACIOSA ISLAND) HAS RESIGNED BECAUSE THERE WAS A THREAT THAT FARMERS WOULD DEMONSTRATE AGAINST HIM. NO SPECIFIC TIME HAD BEEN SET FOR A DEMONSTRATION AND NOW IT IS UNLIKELY ONE WILL BE HELD. THE LEFTIST MAYOR OF ANGRA DO HEROISMO RESIGNED EARLIER, APPARENTLY PART OF THE FALLOUT FROM THE DEMONSTRATION AT TERCEIRA'S RADIO STATION (SEE REFTEL). PFEIFLE

## **AGOSTO DE 1975**

**(10) 190355Z AUG 75 FM**

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC IMMEDIATE 1234  
INFO AMEMBASSY LISBON IMMEDIATE COM US FORCES AZORES  
IMMEDIATE C O N F I D E N T I A L

**SUBJECT: ATTACK ON LEFTISTS IN PONTA DELGADA**

REF: PONTA DELGADA 295 AFTER PCP INCIDENT (REFTEL), CROWD ALSO ATTACKED MDP AND MES HEADQUARTERS, BURNED DOCUMENTS, FURNITURE AND THEN DISPURSED. PFEIFLE

**(11) 190310Z AUG 75**

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC IMMEDIATE 1233  
INFO AMEMBASSY LISBON IMMEDIATE COM USFORCES AZORES  
IMMEDIATE C O N F I D E N T I A L

**SUBJECT: ATTACK ON PCP HEADQUARTERS IN PONTA DELGADA.**

FOLLOWING LAST NIGHTS ATTACK ON LEFTIST INSTALLATIONS IN ANGRA, CROWD THIS EVENING (AUGUST 18) SET FIRE TO PCP HEADQUARTERS IN PONTA DELGADA AND THREW CARS OF PCP LEADER INTO THE HARBOUR. SPECTATORS STILL MILLING ABOUT AT 0130 WITH NO FORM OF ORGANIZATION OR CONFRONTATION. PFEIFLE

**(12)R 071845Z AUG 75**

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC

1225 INFO AMEMBASSY LISBON

SUBJ: NAVY-CIVILIAN INCIDENT IN AZORES

1. LOCAL PRESS REPORTS THAT PORTUGUESE NAVY PATROL BOAT "ZAIRE" WHICH IS PERMANENTLY ASSIGNED TO NAVAL COMMAND IN AZORES WAS INVOLVED IN INCIDENT ON AZOREAN ISLAND OF SAO

JORGE. ON AUGUST 6 SOME CREWMEMBERS WENT ASHORE IN TOWN OF VELAS AND BEGAN TO SHOUT INSULTS TO AZOREANS. TOWNSPEOPLE ARMED THEMSELVES WITH STICKS AND IRON BARS AND WENT AFTER SAILORS. BEFORE CLASH OCCURRED, WELL-RESPECTED SHIPPING DELEGATE INTERVENED AND SAILORS RETREATED TO THEIR BOAT AFTER EXCHANGING INSULTS WITH LOCAL POPULATION. ACCORDING TO PRESS REPORTS OFFICIALS OF VELAS HAVE REPORTED INCIDENT TO CIVIL AUTHORITIES IN HORTA, THE DISTRICT CAPITAL, AND TO NAVAL COMMAND IN PONTA DELGADA.

2. COMMENT: LOCAL PRESS REPORTS OF LOCAL INCIDENTS ARE USUALLY ACCURATE. WE ARE SURPRISED THAT CREW FROM "ZAIRE" WHICH IS USUALLY TIED UP IN PONTA DELGADA'S HARBOR WOULD BE INVOLVED IN THIS TYPE OF INCIDENT. IT DEMONSTRATES DEGREE OF TENSION PRESENT THROUGHOUT AZORES. THIS SECOND CASE OF RUN-IN BETWEEN SAILORS AND CIVILIANS IN MONTH WILL INCREASE UNPOPULARITY OF PORTUGUESE NAVY ALREADY DISLIKED AND DISTRUSTED HERE FOR ALLEGED LEFTIST VIEWS. **WE HAVE HEARD THAT UNPOPULAR COMMANDER OF NAVAL FORCES IN AZORES, RICCOU, WILL BE REPLACED BY AZOREAN OFFICER. THIS MIGHT HELP ELIMINATE SOME OF DISTRUST OF NAVY.** PFEIFLE

## **OUTUBRO DE 1975**

**(13) R 171510Z OCT 75**

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC 1314 INFO AMEMBASSY LISBON

### **SUBJECT: INCIDENTS IN PONTA DELGADA**

1. IN LAST SEVERAL DAYS THE AZOREAN FLAG HAS BEEN FLOWN SEVERAL TIMES IN SMALL TOWNS OUTSIDE PONTA DELGADA. THE MILITARY HAS REMOVED THE FLAGS. ON OCT 16 A LARGE AZOREAN FLAG WAS HOISTED NEAR PONTA DELGADA AND CAUSED CONSIDERABLE COMMENT. THAT NIGHT SOLDIERS IN MUFTI REMOVED THE FLAG AND IN PROCESS DETAINED ONE OF INDIVIDUALS WHO TRIED TO PREVENT THEM. AS RESULT GROUPS OF PEOPLE PROTESTED IN FRONT OF MILITARY HEADQUARTERS AND SOMEONE SET FIRE TO THE CAR BELONGING TO THE TROOP'S COMMANDING OFFICER. THERE WERE ALSO REPORTS OF SCUFFLES BETWEEN THE UNIFORMED AND UNUNIFORMED TROOPS.

2. THE MILITARY HAS INCREASED SECURITY IN PONTA DELGADA. TROOPS GUARDED THE RADIO STATION NIGHT OF OCTOBER 16.

3. LOCAL CDS ISSUED A COMMUNIQUE CRITIZING MINISTRY OF INTERNAL ADMINISTRATION'S COMMUNIQUE AND REITERATING THE CALL FOR A REFERENDUM. THE CDS SAID THAT ALTHOUGH IT WAS

NOT FLA, IT FAVORS FLA IF IT REPRESENTS THE PEOPLE AND THEIR INTERESTS. LOCAL PRESS HAS PUBLISHED SEVERAL ARTICLES STRONGLY PROTESTING THE MINISTRY'S COMMUNIQUE AND HAS FLA'S RESPONSE TO THE GOP COMMUNIQUE. THE PAMPHLET CONTAINING FLA'S PROGRAM IS NOW OPENLY DISPLAYED FOR SALE IN SEVERAL LOCAL COFFEE HOUSES.

**4. COMMENT: THE ATMOSPHERE HAS BECOME TENSE AGAIN IN PONTA DELGADA AND RUMORS ARE BEGINNING TO CIRCULATE THAT SOMETHING MIGHT HAPPEN. THE FLYING OF AZOREAN FLAG PUTS THE MILITARY IN A DIFFICULT POSITION THE FLAG IS LEGALLY RECOGNIZED AS THE FLAG OF AZOREAN AUTONOMY BUT TODAY REPRESENTS INDEPENDENCE. THE FLAG'S OWNERS THUS CAN ALWAYS PROTEST THAT IT IS LEGAL. IF THE REPORTS OF SCUFFLE BETWEEN TROOPS ARE TRUE, THAT INDICATES THE ARMY HERE MAY NOT BE ABLE TO COUNT ON ITS MEN.**

**(14) R 231800Z OCT 75**

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC 1318 INFO AMEMBASSY LISBON COMUSFORAZ USCINCEUR C O N F I D E N T I A L

**SUBJECT: AZOREAN POLITICAL SITUATION**

1. PPD LEADERS FROM THREE DISTRICTS MET IN ANGRA OCTOBER 17 AND 18TH. PPD SOURCE SAID PPD FROM PONTA DELGADA LED BY MOTA AMARAL PROPOSED THE PARTY SUPPORT A **REFERENDUM ON INDEPENDENCE**. PPD FROM HORTA DISTRICT SECONDED IDEA, BUT IT WAS TURNED DOWN BY LEADERS FROM ANGRA DISTRICT. HOWEVER, WE HAVE HEARD THE ANGRA LEADERS ARE RECONSIDERING THE PROPOSAL.

2. ATMOSPHERE IN PONTA DELGADA IS CALM AGAIN AFTER INCIDENT INVOLVING ARMY AND AZOREAN FLAG. THE ARMY HAS GOTTEN A BLACK EYE FOR ITS CLUMSY HANDLING OF THE AFFAIR AND AZOREAN FLAGS HAVE SINCE BEEN FLOWN ON SAO MIGUEL, TERCIERA AND FAYAL WITHOUT PROVOKING SERIOUS INCIDENTS.

**COMMENT: FLAG INCIDENT WAS TEMPEST IN TEAPOT, BUT USEFUL TO AZOREANS IN KEEPING PRESSURE ON GOP.** PREVAILING ATTITUDE HERE SEEMS TO BE TO WORK FOR EXTENSIVE AUTONOMY WHILE KEEPING INDEPENDENCE OPTION OPEN. THERE ARE STILL A NUMBER WHO FAVOR INDEPENDENCE NOW, BUT IT SEEMS UNLIKELY THEY WILL TAKE ANY ACTION IN NEAR FUTURE. PFEIFLE

**(15) R 141100Z OCT 75**

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC 1305 INFO  
AMEMBASSY LISBON

SUBJECT: FLA PROGRAM AND THE LOCAL

1. UP UNTIL NOW THE MEDIA IN THE AZORES FOR MOST PART HAS REFRAINED FROM DIRECT MENTION OF FLA OR ITS ACTIVITIES. WEEK OF OCT 6 TO 10, HOWEVER, **THE PRESS AND RADIO BEGAN TO DISCUSS FLA OPENLY.**

2. **EVENING OF OCTOBER 7 COMMERCIAL RADIO STATION ON SANTA MARIA BROADCAST THE COMPLETE PROGRAM OF FLA ACCOMPANIED BY SO CALLED AZOREAN NATIONAL ANTHEMS.**

3. ON OCTOBER 8 AN AZOREAN NEWSPAPER PUBLISHED FLA COMMUNIQUE ANNOUNCING FLA PROGRAM HAD BEEN SENT TO MINISTRY OF INTERIOR ADMINISTRATION WITH **DEMAND THAT GOP RESPOND TO ITS REQUEST FOR A REFERENDUM WITHIN EIGHT DAYS.** ONE PONTA DELGADA PAPER PRINTED STORY OF FLA ANNOUNCEMENT BUT NOT THE COMMUNIQUE ITSELF.

4. ON OCTOBER 10 TWO OF PONTA DELGADA THREE DAILY NEWSPAPERS PRINTED EXCERPTS OF THE FLA PROGRAM. IN ADDITION, ONE CARRIED AN ARTICLE CALLING FOR FLA LEADERS TO IDENTIFY THEMSELVES. GENERAL MAGALHAES HAS RECENTLY PUBLICLY SAID HE WOULD BE WILLING TO TALK TO FLA LEADERS IF THEY WERE **WILLING TO IDENTIFY THEMSELVES.**

5. **CONSULATE EMPLOYEE HEARD FLA CLANDESTINE RADIO AT 1:00 P.M. AS FAR AS WE CAN DETERMINE THIS IS THE FIRST TIME FLA CLANDESTINE RADIO HAS BEEN HEARD IN PONTA DELGADA.** WE DO NOT KNOW WHETHER THE CLANDESTINE RADIO TRANSMITTER ON TERCEIRA HAS INCREASED ITS STRENGTH OR IF FLA SET UP SEPARATE TRANSMITTER ON SAO MIGUEL.

6. COMMENT: THE WIDE DISTRIBUTION AND PUBLICATION OF FLA PROGRAM HAS REMOVED SOME OF THE MYSTERY SURROUNDING THE ORGANIZATION. ITS LEADERS NOW FACE TWO CRUCIAL TESTS. ONE THEY HAVE BEEN CHALLENGED TO IDENTIFY THEMSELVES. SECONDLY, WITH WIDE PUBLICITY SURROUNDING ITS COMMUNIQUE DEMANDING A REFERENDUM, FLA'S PRESTIGE IS ON THE LINE. IF THE GOP IGNORES ITS ULTIMATIUM OR TURNS DOWN THE REFERENDUM REQUEST FLA MUST RESPOND OR SHOW ITSELF TO BE INEFFECTUAL. PFEIFLE

**(16) R 301902Z OCT 75**

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC 1321 INFO  
AMEMBASSY LISBON



SUBJ: AZOREAN EVENTS

AN AZOREAN, BRIGADIER MANUEL AMORIN DE SOUSA MENESES, ARRIVED IN PONTA DELGADA OCT 28 TO ASSUME THE NEWLY CREATED POSITION OF MILITARY COMMANDER FOR THE TERRITORY OF THE AZORES. BRIGADIER MENESES WILL COMMAND ALL ARMY UNITS IN THE AZORES, FORMERLY ONE OF THE DUTIES OF GENERAL MAGALHAES. ACCORDING TO ONE OF THOSE PRESENT, MENESES TOLD JUNTA REGIONAL HE FAVORS AN EXTENSIVE AUTONOMY FOR THE AZORES. **HE MADE IT CLEAR THAT IN CASE OF CIVIL WAR OR A COUP FROM THE LEFT OR RIGHT ON THE CONTINENT, HE WOULD BE FOR INDEPENDENCE.** IN ADDITION, THE UNPOPULAR POLICE CHIEF IN ANGRA HAS BEEN REPLACED BY AN AZOREAN ARMY OFFICER.

COMMENT: THE APPOINTMENT OF MENESES HAS CONVINCED SOME THAT THERE ARE INFLUENTIAL PEOPLE IN LISBON WORKING FOR THE AZOREAN CAUSE. AZOREAN AND WHO GREW UP HERE, IS ONE WHOSE NAME IS MENTIONED. PFEIFLE

## NOVEMBRO DE 1975

(17) 171320Z NOV 75

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC IMMEDIATE 1333  
AMEMBASSY LISBON IMMEDIATE

SUBJECT: AZOREAN DEVELOPMENTS

1. THE PPD AND CDS HAD CALLED FOR A DEMONSTRATION ON NOVEMBER 17 TO SUPPORT THE JUNTA REGIONAL. THE PPD PLANNED TO BUS INTO PONTA DELGADA PEOPLE FROM ALL OVER THE ISLAND.
2. ABOUT 0130 LOCAL ON **NOVEMBER 17 A BOMB EXPLODED AT THE LOCAL SOCIALIST PARTY HEADQUARTERS**, DAMAGING IT AND NEARBY BUILDING. THERE WERE NO INJURIES.
3. PPD ON THE MORNING OF NOVEMBER 17 CALLED OFF THE DEMONSTRATION BECAUSE OF THE BOMB AT THE P.S. HEADQUARTERS. PPD PRIVATELY TOLD US THE DEMONSTRATION WAS CANCELLED BECAUSE THERE WAS EVIDENCE IT WOULD BE MANIPULATED.
4. THE PPD YOUTH HAVE DISAGREED WITH THE DECISION OF THE PPD LEADERS AND ARE CALLING FOR THE DEMONSTRATION IN PONTA DELGADA
5. LOCAL LEADERS IN ANGRA AND HORTA HAVE CONFIRMED THAT DEMONSTRATIONS ARE PLANNED THERE FOR AFTERNOON OF NOVEMBER 17.

6. COMMENT: FLA COULD TAKE ADVANTAGE OF THESE DEMONSTRATIONS TO CALL FOR INDEPENDENCE. PFEIFLE

**(18) P 041400Z NOV 75**

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC PRIORITY 1325 INFO AMEMBASSY LISBON

**SUBJECT: BOMB EXPLOSION**

1. A BOMB EXPLODED IN THE DRIVEWAY OF THE NAVAL COMMAND OF THE AZORES IN PONTA DELGADA AT ABOUT 00:40 A.M. NOVEMBER

2. THE BLAST BLEW OUT ALL THE WINDOWS IN TWO SIDES OF THE BUILDING AND BROKE SOME WINDOWS ON THE OPPOSITE SIDE OF THE NAVAL COMMAND AND IN NEIGHBORING BUILDINGS. ONE SAILOR WAS SLIGHTLY INJURED BY FLYING GLASS.

3. THERE IS NO INDICATION WHO PLACED THE BOMB. PONTA DELGADA IS QUIET AND NO UNUSUAL SECURITY MEASURES HAVE BEEN TAKEN. PFEIFLE

**(19) R 261637Z NOV 75**

EMBASSY LISBON TO AMCONSUL PONTA DELGADA INFO SECSTATE WASHDC 5148 COMUSFORAZ LAJES FLD AZ LIMITED OFFICIAL USE LISBON 7079 FROM AMBASSADOR

**SUBJECT: JUNTA REGIONAL OF THE AZORES**

CONGRATULATIONS ON YOUR EXCELLENT REPORT ON THE REGIONAL JUNTA. THIS IS JUST THE KIND OF REPORTING WE NEED. KEEP UP THE GOOD WORK. CARLUCCI

**(20) R 241430Z NOV 75**

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC 1340 INFO AMEMBASSY LISBON S E C R E T PONTA DELGADA

**SUBJECT: AZOREAN INDEPENDENCE MOVEMENT**

ENG LUIS VAZ DO REGO SERVED AS PRESIDENT OF THE JUNTA GERAL OF PONTA DELGADA DISTRICT FOR SEVERAL YEARS PRIOR TO APRIL 25, 1974. HE IS RESPECTED AS AN AGRICULTURAL TECHNICIAN, HIS SPECIALTY IS PASTURES. HE HAS A REPUTATION OF BEING POLITICALLY CONSERVATIVE AND HIS NAME IS NOT GENERALLY LINKED TO FLA. WE ASSUME HE REPRESENTS THE RIGHT WING FACTION OF FLA ON SAO MIGUEL, MANY OF WHOSE LEADERS ARE LARGE LANDOWNERS WHO RAISE CATTLE. PFEIFLE

**(21) 170520Z NOV 75**

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC IMMEDIATE 1335  
AMEMBASSY LISBON IMMEDIATE

SUBJ: AZOREANS DEMONSTRATE IN FAVOR OF JUNTA REGIONAL

1. LARGE DEMONSTRATIONS SUPPORTING THE JUNTA REGIONAL WERE HELD ON NOVEMBER 17 ON THE ISLANDS OF SAO MIGUEL, TERCEIRA, FAIAL, SAO JORGE, GRACIOSA, AND PICO. ACCORDING TO LOCAL AUTHORITIES ON EACH OF THE ISLANDS OF SAO JORGE, GRACIOSA, PICO, FAIAL AND TERCIERA A LARGE PART OF THE POPULATION OF THE ISLANDS PARTICIPATED IN THE ORDERLY DEMONSTRATIONS. IN ADDITION TO SHOWING THEIR SUPPORT FOR THE JUNTA REGIONAL THE DEMONSTRATORS ALSO SUPPORTED A REFERENDUM. NO DEMONSTRATION WAS HELD ON SANTA MARIA BECAUSE OF THE CONFUSION CREATED WHEN THE PPD ON SAO MIGUEL CANCELLED THE DEMONSTRATION AND THEN CALLED IT AGAIN.

2. ON SAO MIGUEL AFTER CANCELLING THE DEMONSTRATION IN THE MORNING, THE PPD AT ABOUT NOON SAID THE DEMONSTRATION WOULD BE HELD. ALTHOUGH ABOUT 3,000 PEOPLE TOOK PART IN THE DEMONSTRATION MOST BELIEVE MORE WOULD HAVE PARTICIPATED IF THE DEMONSTRATION HAD NOT BEEN TEMPORARILY CALLED OFF. PPD DEPUTY JOAO BOSCO MOTA AMARAL ADDRESSED THE CROWD LEADING IT IN CHANTS SUPPORTING THE JUNTA. GROUPS AMONG THE CROWD DROWNED HIM OUT AT TIMES WITH CHANTS FOR INDEPENDENCE. AFTER PART OF THE CROWD DISPERSED, A YOUTH HOISTED THE AZOREAN FLAG OVER THE CIVIL GOVERNMENT OFFICES.

3. COMMENT: THERE IS NO DOUBT THAT THE NOVEMBER 15 STATEMENT OF THE JUNTA REGIONAL HAS THE SUPPORT OF THE AZOREAN PEOPLE. PFEIFLE

**(22) 261217Z NOV 75**

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC IMMEDIATE 1344  
INFO AMEMBASSY LISBON IMMEDIATE

SUBJECT: SITUATION IN THE AZORES

1. JUNTA REGIONAL OF THE AZORES MET AT 2300 NOVEMBER 25 WITH BRIGADIER MENESES, COMMANDER OF ARMY IN THE AZORES, TO DISCUSS CRISIS IN LISBON. WE UNDERSTAND MENESES WAS IN TOUCH WITH LISBON BY TELEPHONE. THEY ARRARENTLY DECIDED THAT THE SITUATION IN LISBON DID NOT REQUIRE A RESPONSE AND TO CONDUCT BUSINESS AS NORMAL. ONE JUNTA MEMBER LEFT THIS MORNING ON A ROUTINE TRIP TO TERCEIRA WHICH WOULD HAVE BEEN POSTPONED IF A CRISIS WERE EXPECTED.

2. MEMBERS: A. PRESIDENT: GEN. ALTINO PINTO DE MAGAHLAES, WHO IS FROM TRAS OS MONTES, FIRST CAME TO THE AZORES AS A YOUNG OFFICER. HE BECAME MILITARY GOVERNOR IN JAN 1975 AND HAS PLAYED A MAJOR POLITICAL ROLE SINCE THE JUNE 6 DEMONSTRATIONS. HE IS STRONGLY ANTI-COMMUNIST AND A MODERATE WHO SYMPATHIZES WITH AZOREAN ASPIRATIONS FOR AUTONOMY BUT OPPOSES INDEPENDENCE. THE GENERAL PRIDES HIMSELF ON HIS NEGOTIATING ABILITY AND CHARMS MOST OF THOSE WHO TALK WITH HIM WITH HIS SIMPLICITY AND CORDIALITY. ALTHOUGH NOT EVERYONE AGREES WITH HIS VIEWS HE IS WIDELY RESPECTED FOR HIS INTEGRITY AND HARD WORK. B. DR. ANTONIO DE ALBUQUERQUE JACOME CORREIA, NOMINATED BY PPD OF PONTA DELGADA DISTRICT, IN CHARGE OF AGRICULTURE, FISHING AND INDUSTRY. DR. JACOME CORREIA, WHO WAS RECENTLY ELECTED VICE PRESIDENT OF THE JUNTA, IS A VETERINARY DOCTOR WITH TIES TO THE ESTABLISHMENT ON SAO MIGUEL. HE IS A POLITICAL INDEPENDENT WHOSE POSITION IS SOMEWHERE BETWEEN THE CDS AND PPD. SOME FROM OTHER ISLANDS CRITICIZE HIM FOR THINKING ONLY IN TERMS OF SAO MIGUEL. C. DR. HENRIQUE DE AGUIAR OLIVEIRA RODRIGUES, PPD MEMBER FROM PONTA DELGADA IN CHARGE OF SOCIAL AFFAIRS, HEALTH, LABOR AND EMIGRATION. DR. AGUIAR IS A CARDIOLOGIST IN HIS LATE THIRTIES WHO IS SACRIFICING HIS PRACTICE TO SERVE ON THE JUNTA. IN CONTRAST TO DR. JACOME CORREIA, HE HAS AN AZOREAN-WIDE PERSPECTIVE OF PROBLEMS. D. DR. JOSE ADRIANO BORGES DE CARVALHO, PPD MEMBER FROM ANGRA DISTRICT IN CHARGE OF FINANCE AND ECONOMIC COORDINATION. JOSE ADRIANO HAS ANNOUNCED HIS RESIGNATION FROM THE JUNTA, A FACT WHICH MOST ATTRIBUTE TO IMMATURITY (HE IS 24) AND PERSONALITY PROBLEMS. THE PPD OF ANGRA WILL NOMINATE A REPLACEMENT. E. ENG. LEONILDO GARCIA VARGAS, PS MEMBER FROM ANGRA DISTRICT IN CHARGE OF LOCAL ADMINISTRATION, PERSONNEL AND ENVIRONMENT. VARGAS, AN ELECTRICAL ENGINEER, IS CONSIDERED A CAPABLE TECHCONFIDENTIAL CONFIDENTIAL PAGE 03 PONTA 00447 252228Z NICIAN AND A QUIET MAN WHO DOES NOT PUSH THE SOCIALIST POSITION. F. JOSE PACHECO DE ALMEIDA - PPD MEMBER FROM HORTA IN CHARGE OF TOURISM, COMMERCE, TRANSPORTATION AND COMMUNICATIONS. ALMEIDA, LARGELY SELFMADE, HAS A REPUTATION IN HIS NATIVE FAIAL OF BEING A FIGHTER. HE HAS WORKED IN THE PAST WITH EARLY ATTEMPTS AT ARCHIPELAGO-WIDE ECONOMIC PLANNING. G. JOSE MARTENS GOULART - PS MEMBER FROM HORTA IN CHARGE OF EDUCATION, SCIENTIFIC INVESTIGATION, CULTURE AND SOCIAL COMMUNICATION. TWENTY SEVEN YEAR OLD GOULART, WHO HAS SPENT SEVEN YEARS IN US UNIVERSITIES STUDYING ELECTRICAL ENGINEERING IS THE SPOKEWMAN FOR THE SOCIALISTS ON THE JUNTA. HE IS CONTROVERSIAL AND ADMITS TO BEING EXCITABLE AND A POOR POLITICIAN. 4. HOW IT OPERATES: THE DECREE ESTABLISHING THE JUNTA SAYS IT HAS WHATEVER POWER THE GOP DELEGATES TO IT, BUT IN FACT THE JUNTA FROM THE BEGINNING HAS ASSUMED MORE AND MORE RESPONSIBILITY FOR THE

GOVERNMENT OF THE AZORES. AS ONE MEMBER DESCRIBED IT, THE JUNTA CONSULTS WITH THE GOP WHEN THE GOP IS COOPERATIVE, OTHERWISE THE JUNTA DECIDES AND THEN INFORMS LISBON. THE INDIVIDUAL MEMBERS OF THE JUNTA HAVE GRADUALLY TAKEN OVER THE DAY TO DAY MANAGEMENT OF THEIR SECTORS OF GOVERNMENT FROM THE JUNTA GERAIS OF EACH DISTRICT, WHICH PREVIOUSLY DEALT DIRECTLY WITH LISBON. IN ADDITION THE JUNTA HOLDS SEVERAL MEETINGS A WEEK TO DISCUSS POLICY AND PROBLEMS THAT REQUIRE GENERAL ATTENTION. AS THE JUNTA HAS EVOLVED INTO A REGIONAL GOVERNMENT, ONE SERIOUS PROBLEM HAS BECOME OBVIOUS, THE JUNTA HAS NEITHER THE STAFF NOR FACILITIES TO OPERATE PROPERLY. EACH JUNTA MEMBER HAS AN ASSISTANT WHICH SHARES AN OFFICE WITH THE MEMBER. IN ADDITION THERE IS SOME SECRETARIAL ASSISTANCE. ALL THE MEMBERS STATE THEY DO NOT HAVE THE TIME TO ADEQUATELY STUDY THE PROBLEMS BROUGHT TO THEM TO RESOLVE AND MUST MAKE SNAP DECISIONS. THEY ARE TRYING TO FIND QUALIFIED PEOPLE TO SERVE AS "SECRETARIES OF STATE" FOR EACH OF THE SECTORS OF GOVERNMENT FOR WHICH THEY HAVE RESPONSIBILITY, THUS ALLOWING THE JUNTA MEMBERS TO CONCENTRATE ON POLICY. 4. RESOURCES: THE GOP GAVE THE JUNTA FOUR MILLION DOLLARS IN ADDITION TO THE MONEY ALREADY ALLOCATED TO THE AZORES, WHICH THE JUNTA IS USING FOR A VARIETY OF PROJECTS, THE MOST SPECTACULAR OF WHICH HAS BEEN THE ESTABLISHMENT OF A UNIVERSITY IN THE AZORES. 5. AUTONOMY: IT IS CLEAR THAT THE JUNTA CONSIDERS ITSELF AN AUTONOMOUS GOVERNMENT. PERHAPS THE BEST ILLUSTRATION IS THAT GOULART TOLD US THAT WHEN THE JUNTA DRAFTED ITS NOVEMBER 15 STATEMENT IT CAREFULLY REJECTED ANY LANGUAGE WHICH INDICATED THE JUNTA WAS SUBJECT TO THE GOP. THE GRANT OF MINISTERIAL POWERS (SEE REFTEL), EXPECTED ANY DAY, WILL COMPLETE ITS EVOLUTION INTO AN AUTONOMOUS GOVERNMENT. 6. COMMENT: THE JUNTA REGIONAL OF THE AZORES IS THE FIRST ARCHIPELAGO-WIDE GOVERNMENT IN THE AZORES. IT IS TRYING TO CHART NEW DIRECTIONS FOR THE AZORES WHILE AT THE SAME TIME DEALING WITH THE DAY TO DAY DETAILS OF GOVERNMENT. AFTER INITIAL PUBLIC SKEPTICISM IT HAS GAINED WIDE SUPPORT, PARTICULARLY AFTER THE STRONG STAND IT TOOK NOVEMBER 15.

**(23) P 191625Z NOV 75**

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC PRIORITY 1337  
AMEMBASSY LISBON PRIORITY

SUBJECT: DEMONSTRATIONS IN THE AZORES

1. SUMMARY: IN ISSUING ITS NOVEMBER 15 STATEMENT THE JUNTA PREEMPTED FLA BY EXERTING ITS LEADERSHIP OF THE POLITICAL PROCESS. THE LARGE DEMONSTRATIONS ALL OVER THE ARCHIPELAGO SHOWED BEYOND DOUBT THAT THE JUNTA HAS OVERWHELMING

POPULAR SUPPORT. THE PPD ALSO EMERGED FROM THE DEMONSTRATIONS STRENGTHENED AND ITS LEADERS GAINED NEW STATURE FOR THEIR HANDLING OF THE DEMONSTRATIONS. END SUMMARY.

2. IN ADDITION TO THE DEMONSTRATIONS REPORTED REFTEL DEMONSTRATIONS IN SUPPORT OF THE NOVEMBER 15 STATEMENT OF THE JUNTA REGIONAL WERE ALSO HELD ON THE ISLANDS OF FLORES AND CORVO. THE PRESS SAID HUNDREDS DEMONSTRATED ON FLORES AND DOZENS ON CORVO (POPULATION UNDER 400). THE CROWD IN ANGRA (POPULATION 20,000) WAS ABOUT 5,000 STRONG AND WE HAVE HEARD THAT ABOUT 5,000 PEOPLE DEMONSTRATED IN HORTA ON FAIAL. THE POPULATION OF FAIAL IS ABOUT 17,000. FLA ROLE: IN TERCIERA THE DEMONSTRATION WAS CALLED BY FLA WHICH MOVED QUICKER THAN THE PPD, BUT NO SLOGANS SUPPORTING INDEPENDENCE WERE REPORTED. WE HAVE HEARD OF NO CHANTS FOR INDEPENDENCE AT ANY OF THE DEMONSTRATIONS EXCEPT THE ONE IN PONTA DELGADA. HERE ABOUT 200 FLA SUPPORTERS FOR INDEPENDENCE IN A CROWD NOW ESTIMATED TO BE BETWEEN FIVE AND SIX THOUSAND (DOUBLE THE NUMBER OF JUNE 6). PPD DEPUTY MOTA AMARAL AND OTHER PPD LEADERS ATTEMPTED TO DROWN OUT FLA WITH CHANTS SUPPORTING THE JUNTA. IT WAS CLEAR THAT MOST OF THE CROWD SUPPORTED THE PPD LEADERS. A NUMBER OF FLA SUPPORTERS STAYED AFTER THE DEMONSTRATION DEMANDING A REFERENDUM. A SMALL DELEGATION FROM FLA HEADED BY LUIS FRANCO TRIED TO CONVINCE THE JUNTA TO SUPPORT A REFERENDUM, BUT THE JUNTA REFUSED TO YIELD TO PRESSURE. IN THE END FLA LEADERS RETURNED TO THEIR SUPPORTERS WITH A STATEMENT THAT THE JUNTA WAS WORKING TO RESTRUCTURE THE GOVERNMENT IN THE AZORES, WHICH DID NOT SATISFY FLA MEMBERS. ANGRY WORDS WERE EXCHANGED BETWEEN THE FLA LEADERSHIP AND SUPPORTERS.

4. REACTIONS: THE JUNTA REGIONAL HAS RECEIVED ABOUT FIFTY TELEGRAMS OF SUPPORT FROM MUNICIPALITIES AND OTHER ORGANIZATIONS THROUGHOUT THE ARCHIPELEGO. THE SOCIALIST PARTY DID NOT PARTICIPATE IN THE DEMONSTRATIONS ON MOST OF THE ISLANDS (IT DID JOIN THE PPD IN CONVOKING ONE OF THE DEMONSTRATIONS ON PICO) BECAUSE IT THOUGHT THEY WOULD BE MANIPULATED BY FLA. HOWEVER, A SOCIALIST LEADER IN PONTA DELGADA TOLD US THE PS SUPPORTS THE JUNTA. PPD LEADERS BELIEVE THEIR PARTY HAS BEEN STRENGTHENED BY THE LARGE NUMBERS (FOR THE AZORES) WHICH TURNED OUT FOR THE DEMONSTRATIONS, ALL OF WHICH WERE CONVOKED BY THE PPD EXCEPT FOR THE ONES ON TERCEIRA AND CORVO. THE MILITARY AUTHORITIES HERE HAVE CONGRADULATED PPD LEADERS FOR THEIR HANDLING OF THE DEMONSTRATION IN PONTA DELGADA.

5. COMMENT: THE LARGE CROWDS WHICH TURNED OUT TO SUPPORT THE JUNTA FROM ONE END OF THE ARCHIPELEGO TO THE OTHER ARE UNIQUE IN AZOREAN EXPERIENCE AND SHOWED BEYOND DOUBT THAT THE JUNTA HAS OVERWHELMING POPULAR SUPPORT. IN ISSUING ITS

COMMUNIQUE THE JUNTA NOT ONLY REAFFIRMED ITS SUPPORT FOR THE SIXTH GOVERNMENT, BUT PREEMPTED FLA BY EXERTING ITS LEADERSHIP OF THE POLITICAL PROCESS. THE EXTENT TO WHICH THE FLA HAS BEEN UPSTAGED IS ILLUSTRATED BY A COMMENT MAKING THE ROUNDS IN SAO MIGUEL:

**PEOPLE SAY THAT THEY NOW KNOW WHO FLA IS - IT IS THE JUNTA.** THERE IS AN ELEMENT OF TRUTH IN THIS OBSERVATION IN THAT THE JUNTA STATEMENT WAS SIMILAR TO THE POSITION OF THE MODERATE FLA. IN PONTA DELGADA, THE RIGHT WING FLA FACTION ACHIEVED NO GLORY. ALTHOUGH IT MADE A LOT OF NOISE, IT NEVER HAD THE MAJORITY OF THE CROWD WITH IT AND IT ENDED THE DAY WITH PUBLIC BICKERING BETWEEN ITS LEADERS AND SUPPORTERS. ON THE OTHER HAND, THE PPD LEADERS, PARTICULARLY **MOTA AMARAL**, **GAINED NEW STATURE FOR THEIR SKILLFUL HANDLING OF THE DEMONSTRATION.** PFEIFLE

**(24) 252254Z NOV 75**

FM SECSTATE WASHDC TO AMEMBASSY LISBON AMCONSUL OPORTO AMCONSUL PONTA DELGADA

SUBJECT: PRESS GUIDANCE - AZORES REF: PONTA DELGADA 444 (NOTAL) FOLLOWING GUIDANCE WHICH PREPARED FOR DEPARTMENT SPOKESMAN FOR NOVEMBER 24 BRIEFING MAY BE DRAWN ON AS NECESSARY. SUBJECT DID NOT ARISE IN BRIEFING.

Q: THERE IS A REPORT THAT THE CIA HAS SET UP CONTACTS WITH THE AZOREAN LIBERATION FRONT AND ALSO THAT REPRESENTATIVES OF THIS GROUP HAVE BEEN RECEIVED BY MIDDLE-LEVEL STATE DEPARTMENT OFFICIALS IN WASHINGTON. CAN YOU CONFIRM THIS?

A: THE UNITED STATES HAS MAINTAINED, AND CONTINUES TO MAINTAIN, THAT THE STATUS OF THE AZORES IS AN INTERNAL MATTER WHICH MUST BE SETTLED BETWEEN THE PEOPLE OF THE AZORES AND THE PORTUGUESE GOVERNMENT. AZOREANS, AS WELL AS AMERICANS OF AZOREAN DESCENT, HAVE FROM TIME TO TIME ASKED TO VISIT WITH DEPARTMENT OFFICERS TO PRESENT THEIR VIEWS ON THE AZOREAN SITUATION. A NUMBER OF SUCH INDIVIDUALS REPRESENTING VARYING POINTS OF VIEW HAS BEEN RECEIVED AS A MATTER OF COURTESY OVER RECENT MONTHS. SUCH VISITS, HOWEVER, IN NO WAY IMPLY ANY U.S. INVOLVEMENT OR THE ESPOUSAL BY THE UNITED STATES OF ANYTHING OTHER THAN A COMPLETELY NEUTRAL POSITION ON THE SUBJECT.

Q: WHAT ABOUT CIA ACTIVITIES ON THE ISLAND?

A: WE NEVER COMMENT ON ALLEGED CIA ACTIVITIES. KISSINGER UNCLASSIFIED

## DEZEMBRO DE 1975

(25) O 221300Z DEC 75 FM AMCONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC SUBJ: AZOREAN SITUATION: JUN

A TELEGRAM TO GOP REF: PONTA DELGADA 476

1. ONE OF THE MEMBERS OF THE JUNTA REGIONAL INFORMED US THAT ON DECEMBER 20 THE JUNTA SENT A TELEGRAM TO THE GOP, AND A COPY TO THE ABSENT GENERAL MAGALHAES, WHICH SAID:

A. THE JUNTA WAS DISAPPOINTED AND FRUSTRATED WITH NEW DECREE LAW DEFINING THE JUNTA'S POWERS, PARTICULARLY BECAUSE IT TAKES FROM THE JUNTA AUTHORITY OVER COMMERCE, EDUCATION, LOCAL ADMINISTRATION AND SCIENTIFIC INVESTIGATION AND GIVES TOO MUCH POWER TO THE PRESIDENT OF THE JUNTA (GENERAL MAGALHAES).

B. THE JUNTA WILL NOT WORK UNDER THE NEW DECREE LAW. C. IF THE GOP DOES NOT GRANT THE JUNTA THE POWERS IT REQUESTED BY DECEMBER 23, THE JUNTA WILL MAKE PUBLIC THE TEXT OF BOTH ITS REQUEST AND THE GOP'S NEW DECREE LAW. D. IN THE OPINION OF THE JUNTA, IF THE GOP DOES NOT CHANGE THE DECREE LAW, THE SITUATION IN THE AZORES WILL BECOME CRITICAL. CONFIDENTIAL  
CONFIDENTIAL PAGE 02 PONTA 00477 221730Z 2.

COMMENT: THE JUNTA MEMBERS ARE ALL DETERMINED TO QUIT IF THE GOP DOES NOT MEET THEIR DEMANDS. THEY THINK IF THEY BACK DOWN NOW THEIR HOPES FOR AN EXTENSIVE AUTONOMY ARE DOOMED, AND THEY BELIEVE THEY CAN COUNT ON THE SUPPORT OF THE MAJORITY OF THE AZOREANS. FROM THE AZORES THE RATIONALE OF THE GOP'S NEW DECREE LAW IS OBSCURE. IT IS THE TYPE OF PROVOCATION THAT THE GOP HAD AVOIDED SINCE JUNE AND IT PLAYS INTO THE HANDS OF THOSE WHO WANT INDEPENDENCE AT A TIME WHEN CONSIDERABLE SUPPORT FOR INDEPENDENCE HAS SWITCHED TO SUPPORT FOR AN EXTENSIVE AUTONOMY. PERHAPS THE GOP THINKS THE INDEPENDENCE/ AUTONOMY MOVEMENT IS ONLY AN ANTI-COMMUNIST MOVEMENT. IF SO IT HAS MISREAD THE SITUATION. ANTI-COMMUNISM GAVE THE INDEPENDENCE MOVEMENT CONSIDERABLE IMPETUS, BUT THE MOVEMENT HAS DEEP HISTORICAL ROOTS, IS BASED ON A DISTRUST OF ANY STRONG GOVERNMENT IN LISBON AND TODAY HAS WIDESPREAD SUPPORT IN THE AZORES. PFEIFLE

(26) O 231450Z DEC 75 FM AMCONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC NIACT IMMEDIATE 1365 AMEMBASSY LISBON NIACT IMMEDIATE INFO COMUSFORAZ USCINCEUR C O N F I D E N T I A L



PONTA DELGADA 0478 E.O. 11652: GDS TAGS: PINT, PO SUBJ: AZOREAN DEVELOPMENTS REF: PONTA DELGADA 477

1. PPD DEPUTY FROM PONTA DELGADA, AMERICO NATALINO DE VIVEIJOS ON DECEMBER 23 ASKED THAT I CONVEY TO THE AMBASSADOR HIS REQUEST THAT THE AMBASSADOR USE HIS INFLUENCE WITH THE SOCIALISTS TO HELP RESOLVE THE CURRENT CRISIS IN THE AZORES.

2. VIVEIROS SAID THAT THE PRINCIPLE OF POLITICAL AND ADMINISTRATIVE AUTONOMY FOR THE AZORES AND MADEIRA HAS ALREADY BEEN APPROVED IN THE CONSTITUTION. HE EXPLAINED THAT THE COMMITTEE WHICH DRAFTED THE STATUTE ON AUTONOMY FOR THE AZORES ALSO DREW UP THE PROPOSAL SUBMITTED TO THE GOP BY THE JUNTA REGIONAL WHICH WOULD INCREASE THE JUNTA'S POWERS BY ALLOWING IT TO ISSUE DECREE LAWS AND REGULATIONS. THE MINISTER OF INTERNAL ADMINISTRATION HAD GONE EVEN FARTHER AND SUGGESTED THE JUNTA BE GIVEN MINISTERIAL POWERS. WHEN THE COUNCIL OF MINISTERS ON DECEMBER 16 DISCUSSED THE ISSUE, THE SOCIALISTS OPPOSED INCREASING THE JUNTA'S POWERS AND PROPOSED CONFIDENTIAL CONFIDENTIAL PAGE 02 PONTA 00478 231745Z THE THE MINISTERS DELEGATE AUTHORITY TO THE JUNTA AND THAT CERTAIN SECTORS OF GOVERNMENT BE REMOVED FROM THE JUNTA'S AUTHORITY. THE JUNTA FEARS THAT AUTHORITY DELEGATED BY A MINISTER ONE DAY MAY BE RETRACTED THE NEXT AND OBJECTS TO THE LIMITATION OF ITS POWERS. IN RESPONSE TO THE JUNTA'S TELEGRAM (REFTEL) THE COUNCIL OF MINISTERS IS RECONSIDERING THE QUESTION TODAY (DEC. 23). 3. VIVEIROS EXPLAINED THAT THE POPULATION IN THE AZORES IS TENSE AND IF THE CRISIS IS NOT RESOLVED THE PEOPLE WILL RAISE. THAT WOULD POSSIBLY LEAD TO A BLOODY CONFRONTATION WITH THE MILITARY WHICH HE WANTED TO AVOID AT ALL COSTS. FOR THIS REASON HE HOPES THAT THE AMBASSADOR WILL USE HIS INFLUENCE WITH THE SOCIALISTS TO PERSUADE THEM TO GRANT THE JUNTA THE AUTHORITY IT REQUESTED. I PROMISED TO CONVEY HIS MESSAGE AND NOTED THAT THIS WAS AN INTERNAL PORTUGUESE ISSUE. 4. VIVEIROS SAID THE PPD OF THE DISTRICTS OF PONTA DELGADA AND HORTA ON DECEMBER 23 HAD TELEGRAPHED A REQUEST THAT THE GOP GRANT THE JUNTA REGIONAL POLITICAL AND ADMINISTRATIVE AUTONOMY IMMEDIATELY. HE MADE IT CLEAR THAT THE LOCAL PPD WOULD TAKE AN ACTIVE PART IN ANY CONFRONTATION THAT MIGHT DEVELOP. 5. COMMENT: IT IS CLEAR THAT THE AZOREANS ARE NOT GOING TO BACK DOWN, EVEN THOUGH THEY DO NOT RELISH THE CONSEQUENCES OF A CONFRONTATION. PFEIFLE

**(27) 241430Z DEC 75**

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC PRIORITY 1366  
AMEMBASSY LISBON PRIORITY

SUBJ: AZOREAN AUTONOMY

1. WE DO NOT BELIEVE JUNTA WILL BRING AUTONOMY ISSUE TO A HEAD BEFORE WEEK OF DECEMBER 29 WHEN JUNTA MEMBERS RETURN FROM A CHRISTMAS RECESS. GENERAL MAGALHAES IS DUE BACK IN THE AZORES SOMETIME THAT WEEK, BUT THE JUNTA MEMBERS WOULD NOT HESITATE TO ACT IN HIS ABSENCE IF THEY FELT NECESSARY. THE JUNTA ISSUED A COMMUNIQUE STATING THAT THE GOP HAS AGREED TO RECONSIDER THE DECREE LAW, AND THAT HAS SATISFIED THE PUBLIC FOR THE TIME BEING.

2. PPD DEPUTY VIVEIROS, WHEN SPEAKING OF AGREEMENT ON AUTONOMY IN THE CONSTITUTION, WAS REFERRING TO PRINCIPLE, NOT TO THE DETAILS OF AUTONOMY WHICH ARE UNDER CONSIDERATION OF THE EIGHTH COMMITTEE OF THE CONSTITUENT ASSEMBLY. MOST AZOREANS INCLUDING PPD LEADERS, ARE NOT SATISFIED WITH DRAFT ARTICLES ON AUTONOMY WHICH WERE PUBLISHED HERE. AZOREAN PPD LEADERS HAVE SEVERAL TIMES MENTIONED THEIR PLANS TO WORK FOR A REVISION OF THOSE DRAFT ARTICLES.

3. AZOREANS, INCLUDING JUNTP MEMBERS, ARE SKEPTICAL OF PROMISES FROM THE GOP AND THE PROVISION IN THE DECEMBER 16 DECREE LAW FOR REVISION AFTER PROMULGATION OF THE CONSTITUTION MEANS LITTLE TO THEM. IF THE GOP DOES NOT CHANGE THE DECREE LAW, THEN THE JUNTA MEMBERS PLAN TO RESIGN WHICH IN TURN WOULD TRIGGER POPULAR DEMONSTRATIONS. THE UNSPOKEN HOPE IS THAT DEMONSTRATIONS WOULD FORCE THE GOP TO RELENT ON THIS ISSUE. WE BELIEVE THE AZOREAN LEADERS WCLL TRY EVERYTHING POSSIBLE SHORT OF UDI TO PERSUADE THE GOP TO GRANT THEM THE EXTENSIVE AUTONOMY THEY WANT. BUT IF THE GOP PERSISTS IN DENYING THIS, AZOREANS MAY RELUCTANTLY COME TO THE CONCLUSION THAT THEY HAVE NO CHOICE EXCEPT INDEPENDENCE. 4. NOTE: IN THE LAST WEEK, THE CDS HAS BEEN HOLDING MEETINGS ALL OVER SAO MIGUEL TO DISCUSS THE DRAFT STATUTE OF AUTONOMY AND THE CDS PROPOSAL FOR A TYPE OF COMMONWEALTH STATUS FOR THE AZORES. THE LOCAL CDS LEADER TOLD US THAT INFORMAL POLLS CONDUCTED AT THESE MEETINGS SHOWED OVER 90 PERCENT FAVORED THE CDS SUPPORTED PROPOSAL FOR A REFERENDUM ON INDEPENDENCE. ON THE QUESTION OF AUTONOMY, COMMONWEALTH STATUS OR INDEPENDENCE, FEW WANTED AUTONOMY, THE GREAT MAJORITY WAS EVENLY SPLIT BETWEEN COMMONWEALTH STATUS AND INDEPENDENCE. PFEIFLE

(28) 311130Z DEC 75

CONSUL PONTA DELGADA TO SECSTATE WASHDC PRIORITY 1369 INFO AMEMBASSY LISBON

SUBJ: AZOREAN DEVELOPMENTS

XX

COMMENT: THE SOCIALISTS' COMMUNIQUE AND LETTER SHOW AN EVOLUTION IN THE LOCAL PARTY'S POSITION TOWARDS SUPPORT FOR A STRONGER AUTONOMY. **SOCIALIST STRENGTH HERE HAS ERODED IN RECENT MONTHS, PARTICULARLY BECAUSE THE PARTY HAS NOT SUPPORTED A STRONG AUTONOMY.** NOW, APPARENTLY THE PARTY IS TRYING TO HALT THE EROSION. ALTHOUGH THE ISSUE OF THE NEW DECREE LAW ON THE JUNTA REGIONAL HASR BEEN POSTPONED FOR ANOTHER WEEK, ITS POTENTIAL SERIOUSNESS HAS NOT DIMINISHED. PFEIFLE